



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ELIANA CARLOTA MOTA MARQUES LIMA

**MEMÓRIAS DE LEITURAS DE IDOSOS DA UATI/UEFS:
RESSIGNIFICANDO SUAS HISTÓRIAS**

Feira de Santana
2016

ELIANA CARLOTA MOTA MARQUES LIMA

**MEMÓRIAS DE LEITURAS DE IDOSOS DA UATI/UEFS:
RESSIGNIFICANDO SUAS HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena da Rocha Besnosik

Feira de Santana – BA
2016

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

L697 Lima, Eliana Carlota Mota Marques
 Memórias de leituras de idosos da UATI/UEFS: ressignificando suas
 histórias./ Eliana Carlota Mota Marques Lima. Feira de Santana. 2016.
 128f.
 Orientadora: Maria Helena da Rocha Besnosik
 Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Feira de Santana.
 Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.
 1.Idosos. 2,Memórias. 3.Leituras. I.Benosik, Maria Helena da Rocha.
 II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.
 CDU: 577.71

ELIANA CARLOTA MOTA MARQUES LIMA

**MEMÓRIAS DE LEITURAS DE IDOSOS DA UATI/UEFS: RESSIGNIFICANDO
SUAS HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Helena da Rocha Besnosik– Orientadora

Prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano – Primeiro (a) Examinador (a)

Profa. Dra. Mírian Sumica Carneiro Reis – Segundo (a) Examinador (a)

Feira de Santana, 29 de julho de 2016.

Resultado: _____

Dedico este trabalho aos idosos e idosas com quem convivi ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, indivíduos de suma importância social, mas, às vezes, “invisíveis” aos olhos da sociedade.

AGRADECIMENTOS

“Precisamos aprender novamente a ser agradecidos pelo que recebemos e revivenciar que a gratidão transmite um sentimento de felicidade porque engendra relações significativas que passam além de nós; a gratidão aquece o coração e o abre para “bons” sentimentos” (REIMANN, 1981).

Com esta citação, inicio meus agradecimentos, pois o sentimento de felicidade preenche meu coração neste momento. Felicidade em agradecer a cada pessoa que contribuiu para a confecção deste trabalho e é com extrema felicidade que agradeço a:

Deus, por ter me dado força, coragem, proteção e sabedoria para enfrentar as dificuldades, limitações e angústias;

Minha mãe, por sempre fazer o possível para que eu alcance meus objetivos;

Marconi, meu esposo, pelo constante companheirismo;

Meus filhos Iago e Tais, pela ajuda incessante que dispensaram durante todo o percurso. Ainda a Iago, por sua maturidade, que fazia em alguns momentos ocorrer uma inversão de papéis e a ele cabia a tarefa de me incentivar para mais dedicação, mais estudo. E a Taís, pela alegria, que lhe é peculiar, tornando mais agradável o período da minha tecitura;

Equipe PROEX, pela torcida e amizade e, em especial, a colega Rita Brêda, por me estimular e me fazer acreditar que sou capaz;

Colegas de orientação, Arigéssica, Ludmila e Rosana, pelos momentos coletivos, cujas discussões e sugestões muito contribuíram na minha caminhada;

Rosana, mais que colega do grupo de orientação, foi minha grande amiga durante todo o mestrado, parceira nas conquistas e confidente das angústias, que, com sua serenidade, confiança e fé, me ajudou a superar;

Prof. Marcos Barzano e Profa. Mírian Reis, que, com toda a presteza, aceitaram compor as bancas da minha qualificação e da defesa e muito contribuíram com seus ensinamentos e sugestões pertinentes, tão valiosas a este estudo;

Malena, minha orientadora, por uma orientação competente e apaixonada. A ela um agradecimento muito, muito especial, pois foi quem me encorajou constantemente a cursar o mestrado, foi quem me “apanhou pelo braço” como uma mãe faz com o filho e me mostrou o caminho a trilhar, foi quem, através de suas orientações carregadas de sabedoria, me fez adentrar as leituras, o estudo, a escrita de forma séria, mas prazerosa. Não posso deixar de expressar a gratidão pela leveza que acompanhava as orientações, em sua casa, onde, juntas, com intensos momentos de discussão em que a minha cabeça “fervilhava”, trazia sempre a paixão em suas palavras, um brilho no olhar que me fortalecia nessa caminhada. Sem falar no saboroso lanche preparado com todo carinho. A você, eterna gratidão;

Aos idosos e idosas entrevistados, que se dispuseram a relatar suas histórias de vida e, principalmente, suas memórias de leituras, que apresento neste estudo, sob nomes fictícios, expresso a minha gratidão e respeito; e

Enfim, a todos os familiares, companheiros de trabalho, professores e colegas do mestrado que direta ou indiretamente me ajudaram a compor esta dissertação.

Raymond Saint-Jean chama a gratidão de “memória do coração” e é esta memória que vou guardar para sempre.

“Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós” (Paulo Freire).

RESUMO

Apesar do crescimento de ações e estudos voltados para idosos nas últimas décadas, visto o progressivo envelhecimento da população brasileira, ainda há uma fragilidade das pesquisas no que se refere às histórias de leitura de idosos, bem como sobre a importância de lembrar essas histórias. Nesse sentido, esta dissertação tem como proposta identificar, reconstruir e registrar as memórias individuais de idosos, cuja problemática delineada foi a investigação das histórias de leitura desses sujeitos relacionadas com suas histórias de vida. Esta pesquisa buscou compreender como os idosos ressignificaram suas vidas tendo como referência as leituras feitas. Os participantes da investigação foram cinco sujeitos que frequentam a Oficina Memórias e Leituras da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia. A pesquisa analisa questões relacionadas ao contexto familiar, infância, escolarização, trabalho, trajetória leitora e reflete sobre a ressignificação da vida desses idosos com base em suas memórias de leituras. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa de cunho descritivo, tendo como base metodológica a história de vida, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista, de forma a apreender o máximo possível das memórias dos sujeitos envolvidos. Os dados obtidos são analisados à luz da história cultural, da história da leitura e da rememoração. Para tanto, buscou-se suporte nas concepções de Peter Burke (2008), Roger Chartier (2004, 2009, 2015) e Ecléa Bosi (1994, 2013), entre outros estudiosos. Ao analisar as memórias dos mais velhos, é possível traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas. O resultado do trabalho traz à tona as histórias pessoais e memórias de leitura dos idosos, revelando a importância do ato de lembrar para que esses sujeitos não só revivam momentos, acontecimentos, lembranças do passado, mas que se refaçam, se ressignifiquem e possam usufruir de um processo de envelhecimento saudável.

Palavras-chave: Idosos; Memórias; Leituras.

ABSTRACT

Despite of the growth of actions and studies focused on older people in recent decades, as the progressive aging of the population, there is still a weakness of research in relation to elderly reading stories, as well as about the importance of remembering those stories. This way, this essay has the purpose to identify, reconstruct and record the individual memories of the elderly, whose outlined problems were the investigation of reading stories of these subjects related to their life stories. This research sought to understand how the elderly have re-meant their lives by reference to the readings done. Participants in the research were five subjects who attend to the workshop Memories and readings from Universidade Aberta à Terceira Idade at Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia. This paper analyzes issues related to family background, childhood, school, work, reader trajectory and reflects on the reinterpretation of life of the elderly based on their reading memories. The research follows a qualitative descriptive nature, with the methodological basis the story of life, using the interview as data collection tool, in order to get as much as possible from the memories of those involved. The data were analyzed through the light of cultural history, the history of reading and remembering. Therefore, it sought to support the ideas of Peter Burke (2008), Roger Chartier (2004, 2009, 2015) and Ecléa Bosi (1994, 2013), among other scholars. By analyzing the memories of older people, it is possible to draw a profile of these readers, noting its varied modes of interaction with reading at different periods of their lives. The result of the work brings out the personal stories and reading memories of older people, revealing the importance of the act of remembering these subjects not only relive moments, events, memories from the past, but also they can redo themselves, they can re-mean themselves and then they can enjoy their aging process healthily.

Keywords: Elderly; Memories; Readings.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População projetada (em mil), por sexo em grandes grupos etários – Bahia – 2010/2030	54
----------	---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Projeção de crescimento da proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo o sexo – Brasil – 2000/2020	48
Gráfico 2	Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade – Brasil – 1991/2010	50
Gráfico 3	Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade – Região Nordeste – 1991/2010	51
Gráfico 4	Pirâmide populacional (valores relativos) – Brasil – 2000	52
Gráfico 5	Distribuição etária da população projetada, por sexo – Brasil – 2030	53
Gráfico 6	Distribuição da população projetada, por sexo e grupos de idade – Bahia – 2010/2030	54
Gráfico 7	Índice de envelhecimento da população projetada – Bahia – 2010/2030	55
Gráfico 8	Incremento absoluto da população projetada, segundo os dez municípios que terão os maiores ganhos populacionais – Bahia – 2010/2030	56
Gráfico 9	Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Feira de Santana (BA) – 2000	57
Gráfico 10	Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Feira de Santana (BA) – 2010	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMIFS	Conselho Municipal do Idoso de Feira de Santana
DATASUS	Departamento de Informática do SUS
FAN	Faculdade Nobre
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NEPTI	Núcleo de Estudos e Pesquisa na Terceira Idade
NHC	Nova História Cultural
PIBEX	Programa Institucional de Bolsa Extensão
PNI	Política Nacional do Idoso
PPP	Projeto Político Pedagógico
OMS	Organização Mundial de Saúde
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SUS	Sistema Único de Saúde
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA... REVISITANDO MEMÓRIAS.....	14
1 A MARGEM E O LIMITE... TRAÇANDO OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO.....	20
1.1 A METODOLOGIA ÂNCORA DA INVESTIGAÇÃO.....	20
1.2 OUTROS ARES... O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO.....	23
1.3 MERGULHANDO EM UMA HISTÓRIA DE SENTIMENTOS... OFICINA MEMÓRIAS E LEITURAS.....	31
1.4 OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO ... DEUSES SE REVELAM.....	34
2 ENVELHECIMENTO E O LUGAR DA MEMÓRIA.....	47
2.1 ENVELHECIMENTO: UM FENÔMENO ATUAL.....	47
2.2 O CENÁRIO DA VELHICE.....	59
2.3 O LUGAR DA MEMÓRIA NO ENVELHECIMENTO.....	67
3 CONTEXTOS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: TRAJETÓRIAS LEITORAS DOS IDOSOS.....	71
3.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO TEÓRICO: POR QUE A HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DA LEITURA.....	71
3.2 DEUSES RECONTANDO SUAS TRAJETÓRIAS LEITORAS.....	78
3.2.1 INFÂNCIA, CONJUNTURA FAMILIAR E LEITURA.....	79
3.2.2 ESCOLA: O ESPAÇO DA LEITURA.....	88
3.2.3 LEITURA: O SEU LUGAR NA VIDA DOS IDOSOS.....	95
3.2.4 REPERTÓRIO DE LEITURAS: CONSTITUINDO ACERVOS.....	101
3.2.5 MEMÓRIAS, IMPORTÂNCIA E IMPLICAÇÕES DAS LEITURAS.....	107
4 APENAS UMA GOTA NO MAR DA MEMÓRIA... ARREMATANDO A INVESTIGAÇÃO.....	118
5 REFERÊNCIAS.....	121
6 APÊNDICES.....	126

PARA INÍCIO DE CONVERSA... REVISITANDO MEMÓRIAS

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

Esta dissertação, que ora apresento, tem como título Memórias de Leituras de Idosos da UATI/UEFS: Ressignificando suas Histórias. O presente trabalho trata das histórias de leituras dos idosos imbricadas nas suas histórias de vida. Histórias de leituras e histórias de vida de idosos já podem ter sido vistas em muitos trabalhos, porém, parafraseando Schopenhauer, não pretendo apenas ver, mas pensar sobre os idosos que participam da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana, algo que já pode até ter sido visto, mas que ainda não foi pensado. A intenção é a valorização das suas memórias de leituras, o que certamente pode contribuir para a ampliação de estudos no campo da história cultural e da história da leitura.

A escolha desse tema está relacionada com minha trajetória profissional e experiência como professora de idosos. No ano de 1994, ingressei na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS após aprovação em concurso público para função de Pedagoga. Fiquei lotada na Pró-Reitoria de Extensão, onde permaneço até os dias atuais. A Pró-Reitoria de Extensão tem, entre suas ações, o desenvolvimento de Programas e Projetos, além da realização de eventos, todos eles com o intuito de desenvolver atividades extensionistas que venham a possibilitar um estreitamento nas relações entre a Universidade e a comunidade externa, além de propiciar aos professores, funcionários e, principalmente, aos estudantes um contato com o mundo para além da Universidade. Desta forma, ao longo destes anos, venho trabalhando com diversas ações extensionistas, entre elas, o Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, criado no ano de 1992, que desenvolve diversas atividades com o intuito de despertar a comunidade para as questões relativas ao envelhecimento.

Meu primeiro contato com o Programa foi em 2009, quando fui substituir, em algumas aulas, a professora Maria Helena da Rocha Besnosik, responsável pela Oficina Memórias e Leituras. Mas, a partir de 2010, passei a integrar a equipe do referido programa, assumindo definitivamente a turma da Oficina Memórias e Leituras. Desde então, criei um forte vínculo

com a UATI em virtude da valiosa contribuição social que oferece à comunidade idosa da cidade de Feira de Santana e por perceber os resultados que o programa tem conquistado em relação à melhoria da qualidade de vida dos idosos que dele participam.

A partir do contato com a oficina acima referida, senti a necessidade de buscar conhecer como esses idosos se relacionam com a leitura e como foi o seu processo de formação leitora ao longo da sua vida.

A oficina Memórias e Leituras tem sido realizada semanalmente, com encontros de duas horas, sendo frequentada por cerca de 25 idosos, entre 60 e 90 anos, das mais diversas classes sociais, econômicas e étnicas.

Entre as atividades realizadas na oficina, as leituras de diversos tipos de textos são a principal, pois servem como instrumento de reativação da memória, como incentivo ao prazer de ler e, principalmente, possibilitam aos sujeitos envolvidos o resgate de memórias, vivências, experiências de vida. Muitas vezes, os relatos feitos pelos participantes da oficina constituem-se em momentos emocionantes, pois se percebe o brilho no olhar dos idosos ao rememorar suas histórias e encontrar outros sujeitos atentos, interessados, que, juntos, riem de cada caso engraçado, sensibilizam-se e compadecem-se de situações tristes ou de sofrimento e aprendem com as experiências vivenciadas por cada um.

Para mim, a oficina tem sido um constante aprendizado, pois o contato com idosos me despertou para a importância desses indivíduos na sociedade, o quanto têm a contar, a ensinar, e como é importante para eles serem ouvidos.

Com o aumento da expectativa de vida no Brasil, veio também o aumento da população de idosos, mas, como afirmam Bielemann, Silva e Radtke (1999, p. 50), “essa experiência nos leva à consciência de que a expectativa de vida vai além do estar vivo, é o viver com qualidade, isto é, querer viver, gostar de viver e poder viver com dignidade”.

Contudo, é importante salientar que o Brasil é um país de desigualdades sociais, culturais, políticas, econômicas, onde a velhice é acompanhada pelo déficit na habitação, nutrição, saneamento, condições de educação e trabalho. E, ainda, é bem evidente a desvalorização do idoso, pois o preconceito, tabus e mitos sobre o envelhecimento estão vivos nas relações sociais. Mas à medida que houver uma educação ou reeducação da sociedade, este processo será invertido e então o idoso será valorizado, vivendo com melhor qualidade.

Podemos pensar que esta educação e reeducação abrangem uma gama extensa de fatores, mas me detenho na importância de valorizar as memórias dos idosos, de saber escutá-

los, da atenção que merecem receber ao contar suas vivências, pois, para o idoso, o ato de rememorar é primordial para a ressignificação de sua vida. Portanto, esta pesquisa aborda a relevância de promover meios em que o idoso se sinta valorizado, em que busque resgatar sua caminhada, cultura, atividades, sentimentos, potencialidades e autoestima por meio da rememoração de suas histórias de leitura.

Em todo o mundo, o contingente de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos tem crescido rapidamente. O Brasil é um país que envelhece a passos largos. No início do século XX, um brasileiro vivia em média 33 anos; em 2003, sua expectativa de vida era de 68 anos (Veras, 2003). Hoje, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Censo/2010), a expectativa de vida da população é de 74,9 anos. Veras (2003) ressalta que em nosso país o número de idosos passou dos dois milhões, em 1950, para seis milhões em 1975 e, para 15,4 milhões, em 2002, significando um aumento de 700%. Estima-se, ainda, para 2020, que esta população alcance os 32 milhões de indivíduos.

Na Bahia, segundo projeções populacionais realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, para o período de 2010 a 2030, a população dos grupos etários mais jovens (menos de 15 anos) diminuirá sua influência na estrutura etária e aumentará o peso relativo da população idosa (mais de 65 anos). No município de Feira de Santana, o avanço no processo de queda da mortalidade, com conseqüente aumento na longevidade, também evidencia um crescimento da população idosa.

Desta forma, é imprescindível prestar cada vez mais atenção à população idosa. Cabe ressaltar que, apesar de a aposentadoria ter como proposição a garantia de direitos e de inclusão social do idoso na sociedade democrática brasileira, seus valores, do ponto de vista econômico, não permitem o atendimento satisfatório das necessidades de sobrevivência, especialmente dos mais pobres, evidenciando um envelhecimento, no geral, patológico e com incapacidades associadas, requerendo, portanto, maior demanda de recursos tanto do seu sistema de apoio formal (Estado, sociedade civil) como do informal (família).

Isto é reconhecido por Carvalho et al. (1998, p.28) ao discorrerem que “a aposentadoria é quase sempre um rito de exclusão. Marca oficialmente a entrada do indivíduo no mundo da velhice, com todas as dificuldades, perdas e representações sociais excludentes”.

Além disso, ante o rápido desenvolvimento da tecnologia nos anos recentes, o idoso tem vivenciado a diminuição do seu status social, especialmente de suas habilidades, conhecimento e experiências, tornando suas contribuições sociais imediatas menos relevantes.

O saber atual é gerado pelo conhecimento tecnológico, normalmente, dominado pelos jovens. Nesse contexto, poucos idosos conseguem ser melhores nessa idade do que quando mais novos.

Em virtude do progressivo envelhecimento da população brasileira, surge a necessidade do desenvolvimento de ações voltadas para idosos, fato que vem crescendo nas últimas décadas, passando este cenário a ser preocupação de órgãos governamentais, instituições públicas e, também, das instituições de ensino superior.

Paralelamente ao envelhecimento da população, também cresceram as discussões a respeito da necessidade de garantir direitos à população idosa, que foram assegurados com a aprovação do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, em 2003, que atribui obrigações à família, à sociedade e aos poderes públicos para garantir aos idosos direitos como a liberdade, o respeito e a dignidade, alimentos, saúde, educação, cultura, esporte, lazer e turismo, profissionalização e trabalho, previdência social, assistência social, habitação e transporte.

Segundo Uvo e Zanatta (2005), esse Estatuto constitui um marco legal para a consciência idosa do país. A partir dele, os idosos poderão exigir a proteção aos seus direitos, e os demais membros da sociedade tornar-se-ão mais sensibilizados para o amparo a essas pessoas. De acordo com o Estatuto do Idoso (2003), art. 2º,

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Ainda no âmbito desse Estatuto, os principais direitos do idoso estão no artigo 3º, que preceitua:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Mas, mesmo com todo o respaldo legal, a garantia desses direitos ainda não é concretizada plenamente e por isso há uma necessidade de se intensificarem as ações que visam a preservar a qualidade de vida do idoso. Não só as instâncias governamentais, mas

diversas instituições públicas, filantrópicas e particulares vêm procurando desenvolver ações que possam garantir os direitos ao idoso.

O aporte teórico da pesquisa está pautado nos estudos sobre História Cultural, mais especificamente História da Leitura. Para tanto, me embasei nos estudos de Peter Burke (2008), estudioso do campo da história cultural, e de Roger Chartier (2004, 2009, 2015) quanto à trajetória da leitura como prática cultural. Também será elemento de sustentação deste trabalho, o estudo sobre memória, velhice e envelhecimento; para tal, busquei apoio, principalmente, na estudiosa Ecléa Bosi (1994; 2013), no historiador Jacques Le Goff (1990) e em outros escritores como Simone de Beauvoir (1970), Pedro Paulo Monteiro (2005) e Arthur Schopenhauer (2012).

A oficina Memórias e Leituras, já explicitada anteriormente, tem entre seus objetivos trabalhar a leitura como instrumento de rememoração, sendo que durante esses anos venho observando como os idosos rememoram suas histórias de vida, inclusive histórias de leitura; como manifestam suas práticas leitoras e as ressignificam. Então, alguns questionamentos vêm me acompanhando nessa caminhada, tais como: De que forma os idosos se constituíram leitores?; Quais as histórias de leituras dos idosos ao longo de suas vidas? Quais as memórias de leituras dos idosos? Qual a importância de os idosos rememorem suas histórias de leituras? Quais as implicações das memórias de leituras dos idosos em sua trajetória de vida? e Como os idosos ressignificam suas vidas com base em suas memórias de leituras? Essas perguntas se tornaram questões da minha pesquisa, tendo buscado, ao longo do seu desenvolvimento, dialogar com elas, sabendo que não poderia respondê-las totalmente em função da subjetividade de que estão imbuídas.

Assim, apresento como objetivos da pesquisa investigar as histórias de leituras dos idosos que participam da Oficina Memórias e Leituras da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana; identificar, reconstruir e registrar as lembranças dos idosos, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leituras; e traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas.

Em pesquisa realizada no portal da Capes entre 2014 e 2016, período de escrita desta dissertação, pude verificar que o número de estudos na área da terceira idade é bastante extenso. Contudo, utilizando o descritor idoso, as mais de 1.000 teses encontradas tratam, prioritariamente, da área de saúde. Ao afunilar mais a pesquisa, utilizei três descritores:

Idosos e Leitura, para os quais encontrei 39 teses e 251 artigos; para Memória e Idosos, localizei 95 teses e 305 artigos; e, finalmente, para o descritor Histórias de leituras e Idosos, foram encontradas 5 teses e 104 artigos. Dessa pesquisa, duas teses estão muito ligadas ao meu tema, a primeira intitulada “Terceira idade: uma proposta de estudo sobre o leitor e sua memória de leitura”, de autoria de Luciana Santos de Oliveira, da Universidade da Amazônia, e a segunda, “Histórias de Vida e Memórias de Leitura de Idosos de Paim Filho”, de autoria de Janice Andrighetti, da Universidade de Passo Fundo. Entretanto, a primeira tem como foco relacionar a estética da recepção com a psicologia da velhice, a fim de conhecer e identificar vivências e percepções do público leitor que forma a Terceira Idade e que reside na Pia União do Pão de Santo Antônio, e a segunda, apesar da semelhança com a minha pesquisa, tem foco na memória coletiva sobre a comunidade de Paim Filho. Destaco a relevância da minha pesquisa em relação às apresentadas pois, em Feira de Santana, na Bahia e no Nordeste, não há nenhum registro de pesquisa relacionada à história de leitura de idosos e ainda não existem pesquisas em nível de mestrado e doutorado com idosos do programa da UATI.

Além da introdução, a dissertação está organizada em mais três capítulos.

Capítulo 1: **A margem e o limite... Traçando os caminhos da investigação**, no qual discuto as opções metodológicas adotadas ao longo da pesquisa, justificando a escolha da metodologia história de vida e do instrumento entrevista narrativa; retrato o percurso metodológico do estudo; descrevo o processo das entrevistas realizadas; contextualizo o campo da pesquisa e traço o perfil dos sujeitos participantes da investigação.

Capítulo 2: **O envelhecimento e o lugar da memória**, em que busco contextualizar a terceira idade, versar sobre a velhice, o envelhecimento e a memória.

Capítulo 3: **Contextos, Histórias e Experiências: trajetórias leitoras dos idosos**, em que, por intermédio das análises das narrativas dos idosos e da produção de conhecimento existente sobre o tema, descrevo as histórias de leitura dos idosos, analisando o itinerário percorrido por cada sujeito e os significados conferidos às experiências leitoras vivenciadas, com respaldo na história cultural, na história da leitura e em outros estudiosos que pesquisam a importância da rememoração na vida do idoso.

Reconstituir a história leitora dos idosos constitui o caminho que encontrei para valorizar as lembranças desses sujeitos por vezes esquecidos pela sociedade e contribuir para revigorar o campo da História Cultural e da História da Leitura.

1 A MARGEM E O LIMITE... TRAÇANDO OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

*Sequir viagem, tirar os pés do chão
Outros ares...sete mares...voar...mergulhar
O que nos dá coragem
Não é o mar nem o abismo
É a margem, o limite ...*

Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)

Seguindo uma viagem, passando por outros ares e mares, voando e mergulhando, foi assim que fui traçando o percurso desta pesquisa. Não tem sido uma “viagem” fácil, procuro encontrar a margem e o limite que me encorajem, que me assegurem estar no caminho certo. Neste capítulo dessa “viagem”, busco subsidiar minha pesquisa na abordagem qualitativa, na metodologia história de vida e no instrumento da entrevista narrativa. Numa segunda parada, “viajei” nos estudos sobre o *locus* dos sujeitos participantes, procurando contextualizar a pesquisa, para tanto, fazendo uma investigação documental sobre o Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade e uma descrição da oficina Memórias e Leituras, que compõe o quadro de oficinas ofertadas pela UATI. É importante salientar que, embora integre a UATI como professora e, portanto, já conheça seu funcionamento, foi preciso me debruçar, mais profundamente, sobre documentos que regem o referido programa e que substanciam sua execução. E por fim, “viajo” junto com os sujeitos selecionados, os quais são alunos e alunas regulares da oficina Memórias e Leituras, traçando o perfil de cada um dos idosos e idosas, o que foi feito através dos dados oriundos da entrevista narrativa feita com eles e elas, momento em que narraram suas histórias de vida. Neste item, descrevo, detalhadamente, a trajetória vivida por esses sujeitos desde sua origem familiar até o momento atual.

1.1 A metodologia âncora da pesquisa

O tipo da pesquisa e a metodologia escolhida são fundamentais para análise do objeto de estudo e alcance dos objetivos propostos. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 01), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências,

as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

A abordagem deste trabalho é qualitativa, com o intuito de investigar percepções e entendimentos sobre a temática e permitir a interpretação, que resultará no desenvolvimento de conceitos, ideias e entendimentos. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2007, p. 21), é “O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, e o objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”. Então a pesquisa qualitativa é muito mais que descrever algo, é conhecer trajetórias de vida, pois acontece um diálogo constante com a realidade. Também é preciso uma atenção sensível para extrair os significados visíveis e latentes dos objetos da pesquisa, sejam eles pessoas, fatos ou locais (CHIZZOTTI, 2010, p.28).

Desta forma, a pesquisa qualitativa permitirá reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico ou segundo sua estruturação.

Definir a metodologia a ser utilizada na pesquisa não é tarefa simples, exige uma análise cuidadosa do variado arcabouço metodológico existente para que o pesquisador seja capaz de se definir, com propriedade, por uma metodologia que possa auxiliar, de forma mais precisa, a aquisição de respostas às questões apresentadas e permita aprofundar análises já existentes e fazer novas descobertas. Para realização de uma pesquisa, é necessário que o pesquisador garanta as concepções que norteiam sua ação, as práticas elencadas para investigação, os procedimentos e técnicas que adota em seu trabalho e os instrumentos de que dispõe para auxiliar o seu esforço (CHIZZOTTI, 2010).

Para as autoras Menga Lüdke e Marli André (1986), o que vai determinar a escolha da metodologia é a natureza do problema. Assim, é necessário adotar um caminho para explicitar a realidade investigada, e a história de vida é a metodologia que melhor se adapta à proposta da pesquisa de investigar as histórias de leitura dos idosos.

Cabe, neste momento, fazer algumas considerações sobre a metodologia história de vida. Segundo Chizzotti (2010, p.101), história de vida “é um relato retrospectivo pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. O mesmo entendimento tem Antônio Carlos Gil (2010, p.137), ao entender história de vida como o relato que uma pessoa faz sobre sua

existência, reconstruindo acontecimentos que considera relevantes. Dessa forma, pode-se deduzir que a história de vida é a narração dos sucedimentos que uma pessoa viveu ao longo da sua trajetória. Naturalmente, esse relato nunca será exaustivo e está sujeito a esquecimentos, além de que a escolha daquilo que é contado irá depender da ótica da própria pessoa.

Esta opção metodológica permitirá uma reflexão do sujeito envolvido na pesquisa e uma ligação entre a trajetória individual e a social.

Sobre isso, Souza pontua:

A utilização do termo história de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para o autor a compreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos sujeitos significativos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva (2006, p.27).

A metodologia histórias de vida se justificou porque possibilitou a análise e compreensão do processo de ressignificação das práticas leitoras e das memórias dos idosos.

Através desse recurso, será possível alcançar os objetivos da pesquisa, pois, ao obter um relato dos participantes, terei a possibilidade de identificar e registrar as lembranças dos idosos, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leitura e poderei traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas.

Como instrumento metodológico, será utilizada a entrevista narrativa. Também será feito um estudo bibliográfico, buscando os principais autores que discutem a temática. A entrevista narrativa se aplica à pesquisa proposta porque possibilita a livre expressão dos participantes, elemento fundamental para a interpretação da experiência vivida.

É assinalado por Gil (2010) que, como as histórias de vida se referem à trajetória de um indivíduo num longo período, elas demandam muito mais tempo tanto para obtenção das informações quanto para sua transcrição. Assim, as pesquisas que utilizam histórias de vida apresentam pequeno número de participantes. Por isso, trabalhei com cinco sujeitos que são alunos e alunas regularmente matriculados na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Visando a assegurar o anonimato, foram emprestados aos idosos os nomes fictícios de Afrodite, Apolo, Atena, Eros e Morfeu – o porquê da escolha será explicado mais adiante –

respeitando, assim, a sua privacidade frente aos relatos e experiências pessoais revelados. Fiz a entrevista com os idosos e com cada um tive dois encontros, que aconteceram em suas residências ou na sala de estudos da UATI. As entrevistas duraram em média 45 minutos e foram gravadas em gravador de celular. Transcorreram de forma tranquila e os idosos se sentiram bastante à vontade.

1.2 Outros ares... O contexto da investigação

O Programa UATI da UEFS surgiu em 1992, tendo seu projeto elaborado por uma equipe multidisciplinar composta de dez professores desta Universidade. Professores da área de letras, filosofia, saúde e administração reuniram-se para elaboração do Projeto e implantação do Programa. O projeto traz uma discussão teórica sobre a velhice, abordando questões da psicologia, da medicina, da antropologia e da sociologia. Traz, também, justificativa, objetivos, metas, metodologia, programa do curso e a operacionalização do programa, por isso é importante conhecer esse arcabouço teórico que fundamenta a UATI.

Na justificativa, consta um estudo sobre o envelhecimento demográfico brasileiro afunilado para a cidade de Feira de Santana. “Os índices fornecidos pelos censos, através do IBGE, revelavam que em Feira de Santana se verificava um crescente envelhecimento de sua população” (Projeto da UATI, p. 8). A equipe de elaboração do projeto fez uma análise da pirâmide etária da cidade do ano de 1980, comparando com as pirâmides etárias do Brasil do mesmo ano, tendo observado que suas estruturas refletiam claramente tal processo, reflexo das condições histórico-culturais nacionais. Tendo como base os dados do censo demográfico do IBGE, neste ano, pode ser observado que o percentual da população na faixa etária entre 0 e 19 anos de idade correspondia a 55,37%; entre 20 e 59 anos de idade, a 40,09%; e superior a 60 anos, a 4,54% aproximadamente. Esses dados, que constam no projeto, significavam que havia uma população bastante jovem em que mais da metade tinha idade inferior a 19 anos, contrastando com um percentual relativamente pequeno de idosos. Ao conferir os dados do ano de 1980, foi identificado um percentual de 53,46% da população entre 0 e 19 anos, apresentando um pequeno declínio em relação ao censo de 1970. No que tange à faixa etária compreendida entre 20 e 59 anos, identificava-se uma elevação do percentual para 47,27%. Percebia-se, com a análise dos dados, mesmo apresentando um grande contingente

populacional de jovens, que Feira de Santana tinha mais de 15% de sua população na faixa etária superior a 40 anos de idade.

Desta forma, pode-se concluir, com base nos dados dos censos demográficos acontecidos em 1970 e 1980, que há uma tendência da população de Feira de Santana ao envelhecimento.

Vale ressaltar que a necessidade do desenvolvimento de ações voltadas para idosos vinha crescendo, visto o progressivo envelhecimento da população brasileira, e este cenário passou a ser preocupação de órgãos governamentais, instituições públicas e, similarmemente, das instituições de ensino superior. Assim, desde 1990, estão presentes em diversas Instituições de Ensino Superior brasileiras programas conhecidos como Universidade para Terceira Idade, que visam a possibilitar alternativas de atividades para os idosos.

Sendo assim, o grupo de trabalho responsável pela elaboração do Projeto da UATI indagava-se sobre o porquê de a Universidade Estadual de Feira de Santana se envolver com a problemática do idoso na região feirense. A primeira questão a ser respondida foi no âmbito da teoria, pois se constatava, em nível teórico, a necessidade de novas formulações analíticas despojadas do senso comum e do cientificismo¹. Deste modo, a primeira grande tese a ser desenvolvida como justificativa para a estruturação da Universidade Aberta à Terceira Idade pela UEFS foi de natureza teórica. Para o grupo da UATI, era premente o conhecimento, a nível da ciência, da real situação do idoso na região, através de pesquisas empíricas e estudos teóricos que possibilitassem à comunidade se posicionar de forma crítica sobre a questão.

Em segundo lugar, os autores do projeto lembravam que a UEFS, ao assumir um programa destinado ao atendimento da população dos que atingiram a maturidade, em razão de sua própria existência como universidade desafiada a responder, de forma efetiva, as demandas sociais existentes na comunidade de que faz parte e como instituição que tem em seu princípio a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, desenvolveria este projeto. Conforme, texto do Projeto,

Se existe uma demanda social efetiva, na região, para a consecução de um programa voltado à terceira idade com bases científicas, destinado a desenvolver atividades pedagógicas e socioculturais, o local mais adequado à sua elaboração e execução é o da UEFS como instituição pública que dispõe de profissionais habilitados e espaço físico utilizável (Projeto da UATI, 1992, p.9).

¹Concepção filosófica de matriz positivista que só reconhece como verdadeiro o que pode ser observado e comprovado cientificamente. (<http://www.aulete.com.br>). Acesso em: 20 abr. 2015.

Assim, o programa se constituía em mais um elo entre a comunidade e a universidade, fazendo com que ela pudesse conhecer melhor a realidade de Feira de Santana, adequando parte de sua atividade pedagógica e de pesquisa aos problemas da região.

Por último, a proposta justificava a necessidade urgente de vencer a mentalidade assistencialista no trato com o idoso, a qual, segundo os autores do projeto, “se revela como uma forma de dominação, e é necessário que se criem condições efetivas para que o indivíduo, na maturidade média ou tardia, faça valer os seus direitos como cidadão no contexto de uma sociedade que lhe é hostil” (Projeto da UATI, p. 9 e 10). Era imprescindível que se fizesse do programa um momento privilegiado no seio da comunidade universitária e regional, para realização de estudos interdisciplinares, pesquisas, debates e outros.

Dessa maneira, acreditava-se que a UEFS era a instituição com maior preparo na região para o exercício de uma iniciativa deste porte, e que a Universidade Aberta à Terceira Idade devia se constituir em programa permanente de extensão da UEFS.

O projeto da UATI traz como objetivo geral despertar a comunidade para as questões pertinentes aos que atingiram a Terceira Idade, através de um processo sistemático de constante sensibilização, promovido em encontros de natureza interdisciplinar, na busca de caminhos alternativos para modificar a visão distorcida pelos preconceitos e práticas sociais utilizadas pela sociedade, reacendendo no idoso a consciência - vontade de viver, participar e assumir sua presença no contexto social.

Além do objetivo geral, o projeto apresenta objetivos específicos relacionados aos participantes, à comunidade local e à universidade, no intuito de que essas três dimensões fossem beneficiadas com as ações a serem desenvolvidas no Programa.

Em relação ao público beneficiado, o projeto trazia como meta atender pessoas a partir dos 50 anos que apresentassem condições culturais e vivenciais mínimas para a participação no curso e nas atividades propostas e que demonstrassem interesse pelo preparo para a Terceira Idade.

Quanto aos cursos, as metas eram que fossem de curta duração e que se destinassem à preparação para a Terceira Idade, no que diz respeito aos aspectos geriátricos do envelhecimento, às questões econômicas e sociais da Terceira Idade, como aposentadoria, formas alternativas de inserção no setor produtivo, noções dos direitos e garantias constitucionais do idoso, que buscassem desenvolver e ampliar os conhecimentos artísticos e culturais dos participantes do programa. Além dos cursos, seriam oferecidos seminários,

encontros, palestras e debates que tratassem de aspectos psicossociais relevantes da Terceira Idade e atividades que possibilitassem o equilíbrio psicossomático dos participantes e de sua convivência intra e extrafamiliar.

A avaliação dar-se-ia em bases da frequência de 70% às atividades propostas em cada módulo. As demais formas possíveis de avaliação seriam discutidas e decididas pelos participantes durante todo o processo.

A UATI teve sua aprovação e autorização para funcionamento pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE/UEFS, através da Resolução Nº 013/1992. Desde então, o Programa vem funcionando em atendimento a inúmeros idosos da região de Feira de Santana.

Em 2011, a coordenação da UATI do momento reconsiderou o Projeto através da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) do programa. O Projeto Político Pedagógico da UATI/UEFS tem como proposta inserir a pessoa idosa que participa desta Universidade no âmbito social, pedagógico, profissional, intelectual e moral. Tem a duração de cinco anos, nos termos da atual legislação, para consolidar a formação inicial e continuada de pessoas idosas que sejam competentes no desafio de elevar o nível de aprendizagem social, a fim de que possa viver de uma forma melhor.

Tendo como referência documentos legais como o Estatuto do Idoso, o Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos e a Política Nacional do Idoso, o Projeto Político-Pedagógico da UATI aponta a reflexão sobre a velhice na sociedade capitalista e a visão de superação do processo de envelhecimento. Entender como o envelhecimento vem se processando gradativamente em nossa sociedade implica enfrentar os desafios em defesa dos direitos da pessoa idosa. Desse modo, o grupo da UATI traz a seguinte concepção sobre envelhecimento em seu PPP,

Envelhecer é o processo natural que se dá a partir do nascimento e que ganha ênfase na maturidade, mas ocorre durante toda a vida. As mudanças que acontecem formam um conjunto de transformações em ritmos diferentes que dependem do tipo de experiência que cada pessoa viveu ou vive (PPP da UATI, 2011, p.13).

Sobre o Programa de Educação da UATI, o PPP explicita que visa a priorizar o espaço de diálogo democrático, a reflexão do que se tem feito e o fazer (ação), a atualização de conhecimentos e a formação dos educadores e dos idosos, promovendo a interface intergeracional (PPP da UATI, 2011, p.14). Desse modo, a equipe de trabalho entende que na

UATI existe a educação não formal definida pela possibilidade de amplas atividades educacionais caracterizadas como intenção sistematizada, por não acontecer no espaço escolar e se direcionar para um grupo específico.

O PPP ainda destaca e reforça o já considerado no projeto do programa sobre a necessidade de ressaltar a importância do processo de envelhecimento na interface entre ensino, pesquisa e extensão como mobilizadores da construção de conhecimentos que possam ajudar na mudança de atitudes pedagógicas na Universidade Aberta à Terceira Idade. Nesse sentido, busca soluções para questões que demandam a contribuição e alternativas para a discussão sobre um envelhecimento bem-sucedido.

Como objetivos, o PPP propõe: 1. promover a educação do idoso, visando a estimular melhorias na sua qualidade de vida, ajudando a romper estigmas, valorizando seu papel na sociedade como ator social – cidadão efetivo; 2. compartilhar conhecimentos, habilidades, valores e experiências entre os idosos que frequentam a UATI, para o seu pleno desenvolvimento físico, mental, profissional e pessoal.

O programa de extensão da UATI/UEFS tem como princípio:

Desenvolver uma educação permanente e interdisciplinar contextualizada em relação à articulação da Universidade com sua comunidade de forma dinâmica e multirreferencial. A UEFS desenvolve uma série de atividades de ensino, pesquisa e extensão inserida na realidade do município de Feira de Santana, a partir da produção de conhecimentos, do respeito aos saberes advindos da comunidade e da proposição do refazimento e implementação de novos conhecimentos a serem divulgados para benefícios da comunidade interna e externa (PPP da UATI, 2011, p.18).

O PPP também destaca a necessidade da formação dos docentes da UATI na completude da compreensão diferenciada, não mais como assistencialismo aos envolvidos, mas como um espaço de crescimento, de mudanças constantes, de conscientização dos seus direitos. Nesse caso, de acordo com o destacado, no documento analisado, os idosos precisam de um espaço que lhe oportunize a instalação da sua voz e que enfatize o protagonismo da pessoa idosa através da:

- libertação do seu direito de falar e ser ouvido, através da educação permanente e da formação continuada;
- construção da relação pedagógica dialética teórico-prática;
- formação pessoal e profissional como um *continuum* a partir de práticas interdisciplinares;

- vinculação entre ensino, extensão e pesquisa sobre o desenvolvimento do próprio ensino para o idoso;
- relevância dos aspectos sociais, políticos e culturais da realidade da pessoa idosa;
- transformação e valorização do idoso;
- retomada de sonhos e novas perspectivas para a vida dos idosos, mesmo quando a sociedade já os desacreditou;
- análise e reflexão sobre a importância social das pessoas da terceira idade.

Para cumprir essa perspectiva, o PPP aponta uma organização curricular postulada por três núcleos, compostos por disciplinas que perpassam por cinco módulos da UATI. Essa forma de articulação indica o caráter dialógico do Programa de Extensão, visando a garantir uma formação identitária e, ao mesmo tempo, específica dos seus egressos.

1. **Núcleo de Atividades Integradoras** – acessa a perspectiva cultural, ao mesmo tempo que interage com a questão identitária, afirma a sensibilidade na condição de proposta humanizadora e proporciona capacidade de construir um novo projeto de vida.
2. **Núcleo de Atividades Permanentes** – perpassa pelo aprofundamento dos estudos e pela formação de pessoas que estejam vinculadas ao Núcleo de Estudos e Pesquisa na Terceira Idade – NEPTI para a viabilização de trabalhos, pesquisas e relatos para atuação na área.
3. **Núcleo de Atividades Optativas** – incorpora os cursos livres, as atividades culturais, socio-recreativas e religiosas qualificadas pela relação intergeracional.

Ainda existem as atividades complementares em que são pensados os cursos livres que por ventura podem ser ofertados para a comunidade interna e externa.

Segundo o PPP, o Programa de Extensão UATI tem oito horas diárias de atividades educativas, de segunda a sexta-feira, com carga horária de duas a quatro horas por turno, contabilizando um total de 40 (quarenta horas) semanais. Funciona, preferencialmente, nos diversos espaços da UEFS, como biblioteca, academia, Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, sala de cidadania tecnológica, sala de aula disponibilizada para UATI e outros espaços educativos, com o intuito de construir um arsenal de informações andragógicas que instrumentalizem as pessoas idosas para desmistificar a ideia de que só existe aprendizagem e ensino em uma sala fechada.

O Programa de Extensão UATI tem sessões tematizadoras contextuais relacionadas aos diversos Colegiados de Cursos em vigência no campus, na tentativa de inserção dos estudantes em projetos de ensino, pesquisa e extensão da UEFS.

Dentro do Programa de Extensão UATI, estão previstas viagens de campo como mecanismo de intercâmbio com outras instituições educativas para a pessoa idosa, cursos externos e outras modelagens educativas que construam a formação de pessoas que estejam de algum modo integradas ao idoso.

A matriz curricular está organizada de forma a possibilitar a articulação dos diferentes cursos e oficinas, além de propiciar educação continuada aos discentes da terceira idade. Os níveis de conteúdos foram colocados em cinco Módulos, correspondentes à carga horária total de 4.494 horas.

No Programa de Extensão da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, encontramos alunos que são aposentados, que moram em Feira de Santana ou em seus distritos, a maioria vive em casa própria e estão na faixa etária de 55 anos a 93 anos.

Quanto aos 29 docentes, professores selecionados por credenciamento, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa Extensão - PIBEX ou voluntários, que atuam no Programa de Extensão da UATI, ressalta-se que devem integrar, compartilhar, apresentar e discutir propostas educativas entre si e com os alunos, participar dos cursos ofertados, da Terça Cultural e das discussões das práticas educativas para que, dessa forma, possam ser consolidados conhecimentos, propostas e encaminhamentos da formação continuada.

Nessa expectativa, os docentes devem ter um perfil de pessoas críticas, participativas, colaborativas, atuantes, autônomas e reflexivas dentro da UATI/UEFS, que possam estar engajados no ensino, pesquisa e extensão com vistas a possibilitar sua participação no âmbito da sua formação inicial e continuada.

Desde sua implantação, tem sido evidente a ampliação de matrículas no Programa da UATI e isso se deve ao fato desta representar muito para os idosos, por isso, acredito ser importante relatar como os sujeitos participantes da pesquisa percebem a UATI. Assim, esses sujeitos - Afrodite, Eros, Atena, Apolo e Morfeu ² - falam da sua relação com o Programa, o que reafirma o nível de importância em suas vidas.

Para Afrodite (Entrevista 2015),

² Refere-se aos sujeitos que participam da pesquisa, aos quais foram atribuídos nomes fictícios.

A UATI foi uma bênção. Quando chego lá, eu me transformo, meu coração fica tão alegre, tão tudo, só vendo, tantas colegas... Definiria a UATI como uma bênção divina, sempre digo, foi uma bênção divina que veio pra mim.

Para Eros (Entrevista 2015),

A UATI é uma instituição muito importante porque a UATI nos dá possibilidade de alcançarmos algo que não tínhamos, por exemplo, nós, às vezes, não alcançamos na nossa mocidade o direito de estudar, a UATI dá esse direito, não alcançamos o direito de termos bons amigos, a UATI dá esse direito e, às vezes, nós também não tínhamos conhecimento de muitas coisas culturalmente falando e aqui nós alcançamos. Então, isso para nós, para as pessoas idosas, é uma dádiva, eu acho isso uma dádiva, muito importante que as pessoas procurem reconhecer, definitivamente, o que é a UATI, são conhecimentos de pessoas e enriquecimento de culturas.

Para Atena (Entrevista 2015),

Da UATI eu só posso falar bem, né? Porque desde a hora que eu entrei lá, a minha vida mudou. Eu era muito triste, muito tímida devido a tanto sofrimento e lá eu encontrei um leque aberto pra mim de alegria, de sorriso. Comecei a me abrir, a conversar, a falar, porque eu era fechada, muito fechada, muito triste. Só tenho coisa boa para falar da UATI.

Para Apolo (Entrevista 2015),

A UATI, eu penso que é uma nova vida pra mim e pra todos que frequentam ela. Porque aqui a gente aprende e aqui a gente ensina.

Para Morfeu (Entrevista 2015),

A UATI pra mim sempre significa e sempre vai significar a interação com os meus pares, meus pares, né? Com os idosos, né? Essa interação que se deve ter, não só, não só com os meus pares, mas com os professores, né? Essa interação que para nós idosos é salutar. Somos pessoas, digamos assim, da mesma classe, né? E que não tem melhor lugar no mundo para os idosos do que o que congregue, se entendam, né? E também que se tornem pessoas, assim pessoas confiáveis, pessoas que precisam prestar a atenção, né? Não como se fosse gente descartável, né? Que não precisa de mais nada. Já tá velho, não precisa mais fazer nada, não. A UATI pra mim eu considero assim como uma redenção mesmo na minha idade. Foi quem me colocou mesmo, digamos assim, numa vida nova, foi a UATI.

As falas dos idosos explicitam a importância da UATI como uma oportunidade de encontros com colegas, ou seja, com outros idosos, de momentos para conversar com amigos,

de estudar ou mesmo de ter acesso a questões culturais e uma oportunidade para a transformação, como acontece com Atena que muda um traço da sua personalidade e isto lhe faz muito bem. Mas o que chama a atenção é o programa ser visto como uma salvação e a comparação com algo divino, sendo visto como uma bênção, uma dádiva, a oportunidade de uma vida nova, o que mostra a relevância da UATI na vida desses idosos.

1.3 Mergulhando em uma história de sentimentos... Oficina memórias e leituras

A oficina Memórias e Leituras compõe o rol das 24 oficinas oferecidas pela UATI no ano de 2016. É feito um encontro de duas horas por semana com a participação de 25 idosos e idosas entre 60 e 90 anos, de diferentes ramos sociais.

São objetivos da oficina: utilizar a leitura como instrumento de reativação da memória; valorizar as histórias de vida dos indivíduos da terceira idade; incentivar o prazer pela leitura; possibilitar aos sujeitos envolvidos o resgate de memórias, vivências, experiências de vida; e oportunizar momentos de integração entre os alunos.

As aulas na oficina de memórias e leituras estão estruturadas nos seguintes momentos: acolhida (mensagens, dinâmicas de grupo) e leituras de textos das mais diversas tipologias, que provocam relatos de experiências vividas. Esses encontros viabilizam a conversa, a discussão, a troca de ideias e opiniões e, principalmente, que os idosos rememorem diversas fases de suas vidas. Assim, essas oportunidades de leituras, reflexões e os relatos dos idosos sobre suas experiências e vivências são únicos e permitem a rememoração das diversas fases da vida dos idosos. Muitas vezes, são tão profundos que fica difícil conter a emoção aos vê-los contar fatos tão pessoais e falar de sentimentos dos mais íntimos.

Os textos lidos em sala compõem um módulo que cada aluno recebe no início do ano. Porém, por vezes, surgem outros textos para leitura. Outras atividades, como visita a espaços culturais da cidade, são realizadas e, após esses momentos, ocorrem relatos interessantes, em que os idosos não só tratam do que viram, mas sobre a ligação do visto com suas histórias de vida. Já foram feitas visitas ao Museu Casa do Sertão, ao Observatório Astronômico Antares, ao Casarão Fróes da Motta, que merece destaque por se tratar de um palacete em estilo neo-clássico, que foi residência do coronel Agostinho Fróes da Motta e, depois, de seu filho Eduardo Fróes da Motta. Foi construído no final do século XIX. Esse casarão é um marco na

cidade, e os idosos se emocionaram muito ao visitá-lo e ouvir no local uma palestra sobre a história de Feira de Santana, quando tiveram a oportunidade de resgatar momentos históricos dos quais participaram. Além disso, visitamos eventos que acontecem na cidade, como a Feira do Livro/Festival Literário e Cultural de Feira de Santana ou no campus da Universidade como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e a Feira do Semiárido.

Durante as aulas, há momentos em que os alunos que desejam socializam poesias ou outros textos de sua autoria ou de outros autores. Nessa hora, alguns idosos expõem como fundamental a chance de mostrar seus escritos, muitas vezes considerados por eles próprios como sem valor e, devido ao acolhimento, passam a reconsiderar seus textos, percebendo-os como uma produção literária. O relato de Eros evidencia a dimensão deste momento:

Temos aqui a UATI, que a mim me dá todo suporte da aprendizagem para aperfeiçoamento dos meus conhecimentos, isso pra mim é muito importante, hoje como meu trabalho eu achei que deveria ser escritor de poesias e estou me sentindo muito feliz. E agora mesmo vou publicar, por aqui, um livro com 72 poesias, eu estou aguardando para ser publicado. Para mim isso é muito importante. E consegui esse trabalho, esse prazer, estando aqui na “escola” de leituras e memórias (EROS, Entrevista 2015).

Durante esses seis anos, já produzimos materiais que marcaram ocasiões fundamentais para os idosos. Em 2012, confeccionamos um álbum de fotografias. Foi solicitado aos alunos que trouxessem fotos que considerassem importantes em suas trajetórias de vida. Eles trouxeram e, a cada apresentação sobre a história daquela foto, percebia-se comoção pela oportunidade de relembrar momentos vividos. Não havia limite, nem mínimo nem máximo de fotografias, o importante era que cada um trouxesse aquelas que tinham representação em suas vidas. Alguns idosos trouxeram apenas uma foto, mas sobre a qual rememoraram e discorreram histórias que lhes diziam muito. Foi muito interessante a socialização das fotos, em que um se reconhecia no outro através da época vivida, e recordavam momentos históricos, costumes e moda de décadas passadas. Por isso, resolvi transformar esse trabalho em uma produção e assim confeccionamos um álbum feito pelos alunos, constando as fotos e o registro.

Considerando que entre a música e a palavra há uma ligação, momentos de escuta de música também fazem parte da oficina. Após escutar músicas, os alunos trazem reflexões e lembranças. Foi assim que, em 2010, os alunos selecionaram músicas que haviam se

destacado em suas vidas e organizamos um CD contendo as memórias musicais dos participantes da oficina Memórias e Leituras.

Similarmente, a exibição de filmes oportuniza relevantes momentos de resgate de memórias. Lembro-me da exibição do filme *Antes de Partir*³, um filme simples e extraordinário que nos leva a uma profunda análise da nossa vida e mostra como uma amizade improvável e ao acaso se desenvolve entre dois homens nas suas caminhadas de vida, fazendo as coisas que eles sempre sonharam fazer.

A confecção de um caderno de receitas, em 2009, foi um momento ímpar pois, ao escolherem uma receita para registrar e socializar, rememoraram o porquê da escolha dessa receita, contando histórias de sua infância, cheiros e sabores que lembram suas avós, mães, madrinhas...

Entre as produções feitas durante esses anos em que trabalho na UATI, destaco o caderno de recordações, produzido em 2010. Esse caderno foi muito especial, pois os idosos relataram e depois registraram suas trajetórias de vida, falando e escrevendo sobre os seguintes itens: minha história...; um acontecimento marcante...; sinto saudades...; amigos que conquistei...; uma lição que aprendi na vida...; alegrias de hoje... e mensagem final. A cada aula em que ocorria a socialização de um destes itens, era um momento de grande riqueza e satisfação para todos.

Alguns momentos da oficina são de integração e realizados pelo puro prazer de estarmos juntos, como comemoração dos aniversariantes e encerramento dos semestres.

Pela minha observação ao longo desses seis anos e pelos relatos dos idosos, que acontecem espontaneamente durante os encontros, mas se transformam em avaliação consubstanciada da oficina, posso concluir que a oficina Memórias e Leituras, que tem como foco principal valorizar as histórias de vida desses sujeitos cuja cidadania, às vezes, não é respeitada pela sociedade, vem alcançando esse objetivo e ainda conquistando os seguintes resultados:

- possibilidade de rememoração;
- estabelecimento de vínculos afetivos;
- desenvolvimento da capacidade de escuta;
- elevação da autoestima e da confiança em si mesmo;
- melhoria na capacidade de oratória;

³Filme norte-americano de 2007, dirigido por Rob Reiner .

- realização de troca de experiências e vivências; e
- estímulo do raciocínio dos idosos.

Segundo os participantes, a oficina é uma oportunidade de lembrar acontecimentos importantes em suas vidas, de trocar experiências, de falar sobre suas histórias e ter quem os escute com atenção e interesse. Eles destacam a discussão sobre temas da atualidade, o que lhes traz um importante aprendizado, a possibilidade de estabelecer novas amizades, e consideram que na oficina têm oportunidade de socialização com outras pessoas da mesma faixa etária. Outro aspecto que salientam é o fato de se sentirem muito à vontade para expor suas produções, ideias e opiniões.

Vale ressaltar que, no decorrer desses anos de trabalho na UATI, observo que alguns alunos e alunas começam a perder o receio de compartilhar seus escritos e suas histórias de vida. Considero isto um resultado positivo porque o acanhamento em se expor, presente no início, desapareceu no decorrer do tempo. Além disso, melhoram a oratória e ficam lisonjeados por ter pessoas que os escutem atenciosamente e valorizem suas falas.

1.4 Os sujeitos da investigação ... Deuses se revelam

Para participar da pesquisa, foram convidados cinco idosos, sendo três do sexo masculino e dois do sexo feminino que frequentam a oficina Memórias e Leituras da UATI. Os critérios para seleção desses idosos foram: primeiramente, foram selecionados aqueles que já participavam da UATI havia pelo menos cinco anos; um segundo critério eram aqueles que a partir da participação na Oficina Memórias e Leituras já haviam mostrado algum contato com a leitura e, por fim, a disposição em participar da pesquisa.

Para preservar sua intimidade, optei por utilizar, em lugar de seus nomes verdadeiros, embora tenham me autorizado a isto, nomes de deuses e deusas da mitologia grega. Esta opção se deu porque ao pensar sobre os nomes que substituiriam os verdadeiros, queria algo que, de fato, os representasse e aí me surgiu essa ideia, pois, ao pensar sobre cada sujeito, me vinha à mente suas características, que, de alguma forma, se assemelhavam a algum deus ou deusa grega.

Assim, o sujeito número 1, uma idosa cuja amorosidade é peculiar, será representada pelo nome de **Afrodite**, deusa do amor e da beleza. O sujeito número 2 será **Eros**, o deus do

amor, porque o idoso a que me refiro sempre fala e escreve - especialmente em suas poesias - sobre o amor, defende o amor como a salvação da humanidade. Para o sujeito 3, escolhi a deusa **Atena**, deusa da sabedoria, do ofício e da guerra, por se tratar de uma idosa muito sábia, que teve uma vida difícil, mas lutou como uma guerreira por uma situação melhor. O sujeito número 4 é uma pessoa que “brilha” como o Sol por sua experiência de vida, por ser um alegre contador de causos e músico, por isso escolhi para ele o deus **Apolo**, considerado o deus do sol, da profecia, da música e da cura. Por fim, o sujeito 5 será o deus **Morfeu**, deus do sonho, porque o idoso a quem atribuí me chama a atenção por não desacreditar na realização de seus sonhos. Durante toda a dissertação, serão estes os nomes utilizados.

Pelo convívio que tenho com esses idosos, alguns por mais de cinco anos, já temos uma relação de confiança, mas é importante salientar a necessidade de fortalecer essa relação porque, como afirma Portelli (1997), para realizarmos uma experiência de pesquisa com memórias orais é necessário nos aproximarmos com transparência e sinceridade dos depoentes na busca da construção de uma relação aprofundada e sincera. Assim, ao fazer as entrevistas, procurei estabelecer um clima de tranquilidade e segurança, principalmente porque era indispensável conhecer a trajetória de vida desses sujeitos e, naqueles momentos, eles precisavam se sentir à vontade para contar sobre sua vida, momento que, com certeza, traz lembranças das mais íntimas.

Seguem alguns relatos de um pouco da vida de cada um deles. Na maior parte dos fragmentos, eles próprios dão voz à sua história, descrevendo suas origens, sua infância, relacionamentos, filhos, vida profissional...

Afrodite é natural de Belém do Pará, nasceu em 22 de abril de 1925 e hoje, já com 90 anos, conta sua história, relembra sobre sua chegada à Bahia, fala dos pais, da escola e, principalmente, de sua caminhada profissional.

Eu não nasci aqui, eu nasci em Belém do Pará, mas como meu pai era militar, ele veio pra Bahia, pensando que aqui fosse melhor e tal, ficamos aqui um tempo morando em Salvador e depois ele faleceu. E eu fiquei na casa dos meus tios, que eram padrinhos de meu irmão, meu único irmão, Rui Gomes Barbosa, e nós ficamos morando com eles quando minha mãe estava bem moderna, estava com 24 anos e ela disse que ia trabalhar e nós ficamos morando com esses tios. E lá estudei, morávamos no Largo da Soledade, estudei no colégio de Freira, fiz meu primário lá em Salvador, depois terminei o primário, e lá perto da minha residência tinha o Ginásio Carneiro Ribeiro, e era para estudar lá, mas minha madrinha disse que eu viesse estudar em Feira, ficar com ela e eu vim. Chegando em Feira, fiz admissão, passei e fiquei estudando em Feira e antes de terminar eu fiz o concurso do município e passei em primeiro lugar, comecei a ensinar antes de me formar. Ensinei nesses colégios todos que tem aqui. Não tinha essa direção que tem hoje.

Era eu quem recebia os alunos, era eu que tomava conta dos colégios, não como diretora, mas como uma responsável, recebia os professores e tudo. Mesmo trabalhando sem ter concluído, que não deu porque me casei aqui com um rapaz daqui. Depois, terminei o estudo, o curso do estado e a professora Maria José de Lima Silveira, ela foi coordenadora aqui, me conhecia e tudo, conhecia o meu trabalho, porque eu além das escolas, sempre me botavam, me conheciam e me botavam, ensinei no Mobral, fui supervisora, ia nessas escolas todas daí da roça verificar como estavam as escolas e tal e ensinava também aqui. Aqui [no Distrito de Maria Quitéria, onde reside] eu trabalhei em tudo, fui até parteira. Os médicos quando saíam me entregavam as pessoas, pra eu ir, pra eu ver (AFRODITE, Entrevista 2015).

Prossegue seu relato, acrescentando, mais sinteticamente, sobre relacionamentos e filhos.

Eu tive sete filhos e criei mais três. Eu comprei uma casinha em Feira e eu coloquei meus filhos todos juntos para estudar o ginásio. Eu tinha um namorado que a minha família achava que eu devia casar com ele, mas depois eu descobri que ele gostava muito de política e como meu pai, eu tenho a impressão que ele morreu por causa de negócio de política, que ele era envolvido com essas coisas, ele veio do Norte por causa de influência de política e aí eu terminei e como tinha terminado, aí comecei a namorar com um filho da terra e casei (AFRODITE, Entrevista 2015).

Eros, pernambucano com 83 anos de idade, mostra claramente o prazer que tem em recordar sua história. A expressão no olhar e seus gestos evidenciam esse prazer e a vontade de contar, com detalhes, sua origem familiar, a admiração pelo pai e a importância dele em sua vida.

Muito bem, eu nasci no Terceiro Distrito de Afrânio, município de Petrolina, Pernambuco. Nós morávamos em fazenda, por sinal época excelente, naquela época tinha mato, chovia muito. Meu pai tinha muitas terras, criava bastante naquela época. E nós tínhamos uma vida excelente, vida de proprietário, agricultor, de fazendeiro, uma vida excelente, porque, nós criávamos tudo. É época em que nós tínhamos muito sossego na vida, primeiro porque tinha do que viver, segundo tinha uma família muito bem abastada, meus pais sempre foram muito bem educados. Meu pai é descendente de estrangeiro, espanhol, por incrível que pareça, da Guatemala, e ele casou-se com uma senhora da região mesmo, ele veio para construir a linha férrea de Petrolina a Piauí, e aí ele conheceu essa mulher que é minha mãe, e casou-se, teve dez filhos, criou mais dois, doze, nós tínhamos uma vida muito excelente. Meu pai era um sujeito muito educado, não é porque era meu pai, tinha grandes ensinamentos, nós aprendemos muito. Minha mãe era uma senhora excelente, muito calma, conselheira, amiga. E nós éramos muito bem queridos por nossos familiares e também pelos vizinhos. É que meu pai tornou-se assim como se fosse um conselheiro daquela comunidade, porque todos que iam fazer alguma coisa importante, vinham a ele. Meu pai se chamava Melquíades, e todo mundo vinha: “seu Melquíades, será que isso assim pode dar certo ou deixar de dar certo?” E a palavra dele era como se fosse... era um aval. E vivemos juntos até a

idade dele ..., ele morreu novo, morreu com 59 anos, já minha mãe morreu com 79. Eu tenho dez irmãos, só que no momento tem seis vivos e quatro já faleceram. Mas nós somos muito felizes, somos bons amigos, bons parceiros, conselheiros, e nós temos uma afinidade impecável, nós somos de Petrolina, que naquela época era Terceiro Distrito de Afrânio, mas agora Petrolina é uma cidade, por sinal, muito linda, quem conhece deve dar o aval que é uma cidade realmente maravilhosa. Nós temos lá vizinho a maior barragem artificial do mundo, que é a Barragem Sobradinho, e nós temos o Rio São Francisco dividindo Petrolina e Juazeiro, duas cidades maravilhosas e foi aonde eu fiz admissão, primeira série, foi em Petrolina, ... nós temos lá os melhores colégios, de padre, de freira. É uma cidade, né, porque eu tô falando não, é uma cidade impecável, limpa e, naquele tempo, era um tempo que não existia maldade, existia mais era amor e conselho, e eu me considero muito feliz por ser da cidade de Petrolina (EROS, Entrevista 2015).

Após lembrar sua origem, falar emocionado de seus pais e com muito orgulho da cidade de onde é natural, Eros passa a contar como foi sua vida após os 16 anos de idade e segue descrevendo sua trajetória estudantil e profissional. Também trata da esposa, dos filhos e da sua vida atual.

E depois de Petrolina eu fui morar em São Paulo, com uma idade de 16 anos por aí. Foi lá em São Paulo, na cidade de Osasco, eu vivi uma grande temporada, estudei, inclusive, eu ganhei bolsa pra estudar inglês, naquela época tinha um concurso que era da CVC de Londres, e eu, graças a Deus, fui sorteado, ganhei e foi por onde eu fiz o curso de inglês e depois retornando a São Paulo e depois aqui em Feira de Santana, ensinei no Colégio São Francisco de Assis, ensinei, dei cursos no Colégio Pequeno Príncipe, inclusive, eu tive muitos alunos do Colégio Estadual que foram meus alunos particular, e depois disso dei mais cursos para vários alunos que se prepararam através de meus conhecimentos. Eu me considero um sujeito muito feliz com a idade que estou, passei por toda essa trajetória distribuindo conhecimento, e é por isso que o pouco que eu escrevo eu falo sempre de conhecimento e de amor que acho que é uma coisa importante na vida de todo mundo.

Na fase adulta, eu sempre tive grande amizade. A amizade foi uma coisa que sempre achei que deveríamos e deveremos conservar, tive e tenho bons amigos e boas amigas, e no lugar em que eu moro, eu moro na Morada das Árvores há 38 anos, eu tenho bons amigos e todos me conhecem como professor de inglês, porque eu dei muitos cursos e ensinei em alguns colégios, e a amizade é impecável, se alguém chegar na Morada das Árvores e procurar assim quem é o professor ..., quase toda a vizinhança, todos mostram minha casa, que por sinal fica em uma das ruas principais. Eu tenho a minha esposa que também é professora de português, foi diretora do Colégio Joselito Amorim por muitos anos, e nós temos uma afinidade excelente, somos casados há quase 50 anos, e o prazer de sermos toleráveis um para com o outro, e compreensíveis e até hoje estamos juntos e felizes para sempre, graças a Deus.

É, como principal eu acho que a coisa mais importante da vida de uma pessoa é a trajetória, e a minha trajetória foi realmente essa, trabalhar, e sempre trabalhando, com cultura, eu trabalho distribuindo cultura há quarenta e tantos anos, por exemplo, eu comecei como livreiro, dono de livraria, depois escolinhas de inglês, dando cursos, entendeu? Logo que eu me aperfeiçoei em língua estrangeira, eu comecei a abrir escolinhas e cursos para pessoas que se interessavam, e fui muito bem-sucedido. Tudo que eu tenho hoje dentro desses 45 anos ou mais, consegui tanto com o meu comércio de livros e informática, e também como professor de inglês, dando cursos particulares. Então, pra mim, isso foi uma dádiva, quer dizer, uma grande parceria que tive com uma livraria, com a FTD, lá em São Paulo, e

depois ela montou uma filial aqui em Salvador, eu fui, também, parceiro, excelente para com ela e sempre tenho levado a minha vida assim. Depois deixei de trabalhar com livros e fiquei trabalhando só com informática, e isso eu tenho até hoje, eu tenho a firma, Árvore Informática é a minha firma, fundei essa firma em 2000, no ano 2000, já vamos fazer 15 anos e tenho até hoje, graças a Deus, nunca fui obrigado a fechar, sempre fiz bons negócios, e juntando meu trabalho de informática, aos meus cursos de inglês, eu tenho, graças a Deus, tive uma convivência excelente, uma parceria, filhos maravilhosos, eu tenho, inclusive, três filhos, que trabalham com informática, porque aprenderam a trabalhar comigo, na minha distribuidora de material de informática, eu tenho três filhos que trabalham com informática. Tenho duas filhas, são formadas em administração de empresa, hoje tomam conta de empresas aí na cidade. Um filho trabalha com informática e outro é professor de inglês, formou-se aqui na Universidade, hoje ele é concursado, ensina no colégio ao lado da Embasa, ganhou até um estágio para os Estados Unidos, foi passar seis meses nos Estados Unidos. Esse meu filho, também, decidiu estudar inglês estudando comigo, quando eu ia corrigir as provas dos meus alunos, ele ficava ali e hoje ele é professor de inglês do Estado, concursado. Hoje eu sou já aposentado, graças a Deus, minha esposa também é aposentada, somos independentes daqui até o fim da vida, só precisamos é de parceria para conviver com amor, temos saúde, isso que é o mais importante na minha vida. (EROS, Entrevista 2015).

Em seu percurso, Eros destacou seu sucesso profissional e a influência dos seus trabalhos na escolha profissional dos filhos. Salieta a importância da amizade e uma vida conjugal harmoniosa.

Atena conta sua história com riqueza de detalhes, com expressões ora de tristeza ora de alegria, ela relata sua infância, o sofrimento com a morte da mãe, os estudos e a família.

Eu nasci na Cidade de Ipaumirim - Ceará, antes nem era cidade, era vila, mas depois recebeu a sede e passou a ser cidade de Ipaumirim. Quando eu nasci, a vila era tão pequena que só tinha seis ruas, e não tinha rua assim com o nome certo, tinha o nome certo, mas o povo não sabia, era rua do Sol, rua da Sombra, rua de Trás, rua do Cemitério, rua não sei de quê, aí era sempre assim. Então eu nasci na rua do Sol. Acho que até quatro anos eu vivi nessa casa, na rua do Sol, depois meu pai comprou uma casa melhor e a gente passou pra rua da Sombra, aí naquela rua ali foi bem melhor, porque era uma casa mais confortável, e comecei a estudar. Depois que eu fiz o quinto ano, é... meu pai achou que eu devia estudar em um colégio fora porque ali não tinha mais nada, né? Só tinha até o quinto ano, aí eu fui estudar em Cajazeira, uma cidade vizinha, o colégio era Nossa Senhora de Lourdes. Aí o colégio era rigoroso, tínhamos horário pra tudo, isso a gente já sabe, que tinha horário pra tudo, né, mas eu só não sabia que você tinha que tomar banho vestida, aí chegou a lista de coisas lá pra minha mãe fazer, toalha..., tudo com um número, era 63 meu número, era pra colocar nas toalhas, nos lençóis, nas roupas todas tinha que ter aquele 63, pra saber que aquilo me pertencia, né? Aí eu fui estudar nesse colégio, cheguei lá eu estranhei muito, por causa do horário, tinha que acordar muito cedo para ir à missa, tinha que cumprir horário do banho, tudo era com horário, aí ainda fiquei lá, acho que fiquei um ano nesse colégio, aí fiz exame de admissão e acabei não passando, passei em português, matemática, geografia e em história fiquei. Aí como o colégio era assim muito rigoroso, de freira, e aquela exigência toda... Ah! meu pai eu não quero mais estudar nesse colégio não, vamos arranjar outro, aí ficou pra arranjar outro, pra estudar em outro lugar, aí o tempo foi passando, foi passando, ainda fiquei uns quatro ou cinco anos sem estudar.

Nesse período, foi quando minha mãe adoeceu e foi muito sofrimento durante a doença dela, ficou um ano e oito meses doente, meu pai fez tudo pra salvá-la, mas não conseguiu. Era uma doença que a gente sabe que até hoje podia não acontecer aquilo, mas aconteceu, porque o médico não era tão inteligente, a ciência não era tão avançada, e ela tava com um nódulo no seio e tava grávida, mas aquele nódulo podia ser um câncer, e podia não ser, porque aqui hoje a gente sabe..., eu já tenho uma amiga que tava com nódulo, tirou, e hoje tá salva aí, tá vivendo, não era câncer nem nada, o dela ninguém ficou sabendo se era maligno ou benigno. Só que foi pra Fortaleza e lá em Fortaleza, médico não tinha essa coisa de hoje e acabou que foi dar banho de luz no seio, e dando esse banho de luz, queimava, esperava sarar, outro banho de luz, queimava, sarava, outro banho de luz, queimava, acabou que os seios foram diminuindo, ficou aquele seio bem pequenininho, duro. Teve uma vez que queimou e não sarou mais (ATENA, Entrevista 2015).

Neste momento, Atena faz uma pausa e, emocionada com o relato dessa fase tão sofrida da sua vida, em que perde a sua mãe, explica o que é banho de luz e dá seguimento à sua história após a morte da sua mãe.

Um banho de luz no seio, vocês não conhecem, mas antigamente muitas doenças o povo sarava era com esse tal desse banho de luz, era uma coisa quente que chega e bota em cima, né? E aquilo queimava tanto o seio que virava uma ferida, aí sarava, esperava um mês, dois, três até sarar, quando sarava mais banho de luz. Acabou que teve um dia que não sarou mais, aí o médico mandou pra casa e a gente não teve mais o que fazer, voltou pra casa e fiou esperando só o dia. Naquela época ninguém sabia procurar outra coisa, éramos muito pobres, muita coisa difícil, então, ela veio a falecer. Quando ela faleceu, com cinco meses meu pai resolveu casar. Tinha muita jovem lá da minha terra que até quis casar com ele e tudo, mas ele não quis lá da minha terra, foi arranjar uma mulher em terras estranhas. Chegou um dia e falou assim comigo. - Ah! Já arranjei onde você estudar. - Foi papai? - Foi. Se arrume que amanhã vou lhe levar. Aí arrumei a roupa, pra de madrugada tomar banho e viajar com ele, que ele só ia de madrugada. Quando chegou na cidade..., sim, nesse mesmo dia tinha morrido uma prima minha, e eu fui na casa dela no velório e lá tava a esposa do motorista do caminhão do meu pai. A esposa do motorista de meu pai quando me viu foi logo falando comigo: “Ah menina! você vai, né?, conhecer a noiva do seu pai”. Eu fiz assim: conhecer noiva? “Sim”. Aí ela: “Aí meu Deus! seu pai falou que não era pra falar com você isso, só que eu esqueci”. Aí eu falei não tem nada não, vou fazer de conta que não sei de nada, aí assim fiz. Eu fui viajar de madrugada, quando chegou na cidade, eu perguntei: “papai onde é que fica o colégio, papai”? Ele falou: “o colégio não fica na cidade não, é lá, ali adiante”. Aí saiu da cidade e entrou na estrada foi, foi, foi, aí parou o carro. Aí eu olhei pra um lado, olhei pra outro, não vi que tinha colégio por ali, tinha umas casas bem dentro da roça e vi saindo de um portão as pessoas. Era exatamente a noiva dele, duas irmãs pequenas e um irmão que é exatamente esse meu marido. Saiu desse portão e veio se encontrar, Papai disse: “Oia aqui, é minha noiva, você vai ficar na casa dela e eu vou pra Brejo Santo, 11h eu venho pra almoçar junto com vocês e vou ficar a tarde toda aí com vocês”. Ele foi embora e eu fiquei com a esposa do motorista e com esse povo que eu nunca tinha visto. Aí pronto, ficou, o pessoal todo simpático, tudo na mão, arrumando toalha pra tomar banho, tudo delicado, né? Onze horas ele chegou, almoçou com a gente ficou a tarde toda com a gente. Pessoal tudo delicado quando terminou tudo a gente foi embora. Quando chegou em casa à noite, papai falou comigo: “Viu, minha filha, que pessoal bom, pessoal delicado, tudo delicado com você, gente educada, é assim mesmo”. Eu falei: “É, achei também educado”. Só que com três semanas, ela deu a resposta que queria, quando ela veio na cidade da gente, conheceu a cidade,

conheceu mais ou menos o que ele tinha, até então ela não tinha dado resposta, quando ela veio aqui deu a resposta que queria casar. Poucos dias casou e trouxe essa criatura pra dentro de casa. Bom, ela no começo foi muito boa, eu até pensei assim: perdi minha mãe, mas eu achei outra, três meses mais ou menos.

Quando foi um dia meu pai mandou eu ir assinar o negócio da herança, você é a mais velha, vá lá no cartório e assine, aí eu fui, quando eu cheguei lá falei: “seu João, eu vim assinar o negócio da herança que meu pai mandou. “Oh filha! dê uma lida primeiro viu?” Mas eu não entendo de nada, vou só assinar. Aí ele: “não, dê uma lida”, eu já li Seu João. “Você não percebeu alguma coisa não?” Eu falei não. “Tem muita coisa que seu pai tem que não colocou aí e vocês não vão herdar, vá chamar seu tio (irmão da minha mãe), vá chamar seu tio aqui”. Aí eu fui e chamei meu tio. Meu tio veio, aí meu tio leu, disse: “É tá faltando muita coisa, o que é que a gente faz?” Aí seu João falou: “Ela pode escrever, o senhor vai dizendo pra ela o que ele tem e ela vai escrevendo”. Aí meu tio foi dizendo e eu escrevendo, aí embaixo assinei e fui pra casa. Quando chegou a noite ele perguntou: “Foi assinar?” Eu fui. “Assinou direitinho?” Assinei. No outro dia ele foi lá. Chegou lá ele viu o que é que eu fiz, chegou em casa disse: “Você fez tudo errado, eu mandei você assinar, você colocou aquilo lá, não era pra ter colocado, se eu deixei daquele jeito era porque era pra ficar daquele jeito, então você vai apanhar.” Corri, eu correndo na mesa e ele correndo atrás, até que eu saí na rua, aí fiquei na rua até 9h da noite, quando foi 9h da noite, quando eu vi que tava todo mundo dormindo, a porta tava aberta eu entrei caladinha, fui dormir. A partir desse dia minha madrastra falou: “Olha, Antônio, agora tudo que a gente for dar a ela a gente vai botar na conta, se comprar um vestido vai a despesa pra ela, se comprar um sapato vai a despesa pra ela”. Aí ele: “Tá, que é que eu posso fazer?” Mas mesmo assim eu ainda falei com meu pai que eu queria estudar fora porque eu tava vendo que a situação não ia dar certo. Ele arranhou um colégio pra estudar no Crato, estudei seis anos no Crato, foi onde eu fiz o ginásio, foi lá, fiz o exame de admissão, 1º, 2º, 3º e 4º ano, fiz o primeiro normal até o meio do ano, aí pronto, no meio do ano, quando eu vim de férias, eu resolvi ficar porque as reclamações do meu pai só falavam que tava dando muita despesa, porque não era eu só que tava estudando, tinha outro irmão que tava estudando em João Pessoa pra medicina, tinha outra irmã que estava estudando no Juazeiro, e eu no Crato, aí a despesa, aí ele falando, falando da despesa, aí eu acho que vou desistir, vou deixar os dois, melhor ficar em casa, desisti e não fui mais estudar (ATENA, Entrevista 2015).

Atena fez questão de contar minuciosamente os primeiros contatos com a esposa do seu pai, a ilusão de ter encontrado uma segunda mãe, a decepção com o pai e sua madrastra, bem como as mudanças em sua vida após a divisão da herança. Em seguida, discorre sobre trabalho e casamento.

Arranjei um emprego porque nessa época já tinha colégio lá ginásial, fui trabalhar de secretária nesse colégio, fui fazer um curso em Fortaleza, o padre de lá me levou pra Fortaleza, fiz o curso de secretária, aí fui trabalhar como secretária no colégio, foi bom porque eu ganhei meu dinheirinho, não precisava mais de ninguém botar nada na conta, eu mesma comprava minhas coisinhas, e assim foi passando, né? Até o dia que esse irmão dela casou com outra, só passou um ano e meio com ela, ela morreu, ficou viúvo, aí ficou atrás de mim, atrás de mim pra namorar e eu querendo cair fora, não querendo aceitar, aí eu fiquei sem saber o que fazer da minha vida. Aí eu fui à casa dessa mesma esposa do motorista de meu pai que era quem eu tinha assim mais... que pudesse me dar um conselho, aí eu fui falar com ela, cheguei lá eu falei: “Euclides, esse rapaz tá querendo namorar comigo, e eu não tô querendo porque ele é irmão da minha madrastra e ela já é tão ruim pra gente, e será que ele

não vai ser também”? Aí ela falou assim: “Mulher, é melhor tu casar porque já tá na família, vai ser mais fácil seu pai lidar com ele, se eu fosse você eu aceitava”. Eu fui na onda, né? Aceitei. E outra também porque eu tava vendo meus irmãos sofrer nas unhas da minha madrasta, e eu queria tirar. Eu tinha que ter um casamento. De toda maneira, eu procurei sair de casa, fui falar com a minha tia, minha tia disse que eu podia ir, mas o marido dela falou que não. Falei com meu tio, que era esse mesmo que foi escrever comigo, ele falou que eu podia ir pra casa dele, mas quando eu falei com meu pai que ia morar com meu tio meu pai não deixou, “filha minha só sai daqui casada ou morta”. Já que é casada, eu vou casar, apareceu esse, a outra aconselhou, resolvi casar, casei. Morei ainda um ano e meio lá em Ipaumirim, depois fui pra Fortaleza, morei em Fortaleza talvez um ano e meio também, fui pra Brejo Santo, um ano, voltei pra Milagres, um ano, voltei pro Brejo, um ano, voltei pra Milagres, e assim foi até que vim pra Feira de Santana, agora aqui em Feira permaneci, acho que já tá perto de 40 anos, porque esse aqui (ela está se referindo ao filho que estava em casa) já tá com mais de 40, e esse aqui vai fazer 44 e ele já nasceu aqui. Eu vim grávida dele. Lá nasceu Viané, o filho mais velho e nasceu Aléxia e nasceu Messias. Eu vim pra cá grávida de Vanderlinho, Vanderlinho nasceu aqui e Alex também nasceu aqui. Então, ainda tava recente o casamento, eu fui tendo filho muito rápido, seis anos, seis anos e nove meses, sete anos eu já tinha todos. Aí aqui a vida melhorou assim porque aqui ele tinha um emprego fixo, ele ganhava seu dinheirinho, lá tudo era mais difícil.

O meu pai não podia ajudar, ele tinha condição de ajudar, mas ele não podia porque a madrasta não deixava, mesmo sendo irmão dela, ela não facilitou as coisas. Aqui ele trabalhando, conseguimos educar os filhos. Os dois mais velhos estudaram em escola particular que era Santanópolis, depois os outros três já não teve mais condição, foi estudar em qualquer colégio, mas mesmo assim eduquei, fiz o que pude e hoje tem uma formada lá no Rio Grande do Sul, os outros não se formaram porque não quiseram mesmo, acho que talvez por causa da vida que levou vendo a vida que o pai levava. O pai nunca deu um conselho para um filho estudar, ele dava conselho para não estudar, que estudo não botava ninguém pra frente, o que botava pra frente era trabalho, então tinha era que trabalhar, mas mesmo assim eles estudaram, alguns ainda fez o ginásio todo, outro terminou, o mais novo estudou já grande estudou aqui e terminou, mas foi difícil, lutei até agora (ATENA, Entrevista 2015).

Atena relatou uma vida difícil, sofrimento com o casamento e muita luta para criar e educar os filhos. Ela faz outra pausa e com expressão pensativa prossegue.

Só me sinto gente depois que me separei porque antes eu era um nada, era muito difícil a vida, ele era beberrão, bebia muito, valente e depois que veio de lá piorou porque quando chegou aqui até um ano ou dois ele tava bom, mas aí de três anos depois ele já começou a mudar, era bebendo, chegando em casa valente, querendo bater, querendo bater não, que chegou a bater. Esses meninos sofreram muito, a minha filha sofreu muito, mas a gente venceu. Ele hoje tá pra lá e eu tô pra cá, já faz mais de vinte anos. Agora eu tô me sentindo gente, né? Porque tenho liberdade, posso sair, antes me proibia de ir na casa de uma irmã, proibia de ir na Igreja, proibia tudo, se eu saísse uma vez, no outro dia eu queria sair, “já saiu ontem, já saiu antes de ontem, já saiu essa semana, o quer que tu quer saindo” era pra ficar dentro de casa (ATENA, Entrevista 2015).

Relatando como a separação possibilitou que tivesse liberdade para ir e vir quando quisesse, como se sente melhor agora, como teve sua autoestima recuperada é que Atena finaliza a história da sua vida.

Dos participantes da pesquisa, Apolo foi o que apresentou mais dificuldade de relatar a história de sua vida, não conseguiu organizar muito bem as ideias. Já começa justificando que será difícil, que se esquece de muita coisa.

Fica muito difícil porque se esquece de muita coisa também. Eu já fui morto, a minha vida é sofrer, é. Minha mãe disse: “Pelé”, que é meu pai, “vai fazer o caixão de Neca que Neca morreu”. Aí meu tio Zé era o carpinteiro de lá, quem fazia caixão pro defunto. Aí chegou lá e disse: “Oh, sua irmã mandou fazer o caixão de Neca, que Neca morreu”. Aí meu tio disse: “Pelé, não tem tábua não”. Ele serrava o mandacaru, deixava secar as tábuas, quando morria uma pessoa, fazia o caixão. “Não tem tábua não”. Bom, aí pai chegou em casa e disse: “Zé disse que não tem tábua não”. Aí foi me dando água, um negócio aí, que eu era pequeno demais não sabia, não vi, então eu fui bulindo. “Oh! Pelé, Neca tá bulindo”. Aí comecei bulindo, bulindo, bulindo e graças a Deus estou vivo até hoje. Se tivesse a tábua eu já estava enterrado desde o tempo que meu pai foi procurar o caixão, mas Deus foi por mim que não tinha tábua. E o resto é somente vai num canto..., meu dom mesmo era dirigir caminhão, nunca fui em escola, sabe? O que eu sei é tirado da minha própria cabeça, que eu vejo outras pessoas falar, eu sempre decoro as coisas, e assim eu vou levando a vida (APOLO, Entrevista 2015).

Logo de início, relatou uma curiosidade sobre sua vida, que o marcou muito, ter sido considerado morto quando na verdade não estava. Continua falando de seus relacionamentos, de seus pais e seu trabalho.

Casei, tive quatro mulher, sabe? Duas tentou me matar pra tomar o que eu tinha, e assim vai levando, sei lá, é tudo complicado.

Eu nasci em Iará, em uma arezinha que chamava Bom Sucesso e de lá fui pra Catu. Eu nasci em 1941, em 1945 meu avô morreu, no tempo daquele eclipse que deu no mundo todo. Depois que meu avô e minha avó morreram, a gente foi pra Catu, em 1947. Chegamos aqui (Feira de Santana) em 1954, eu tinha 13 anos. A trajetória minha é meia complicada, pra aprender a dirigir caminhão tive que ser ajudante. Magrela, pegava saco de farinha lá na feira pra dá no Mercado de Artes. Vendia água, vendia fósforo, vendia bucha de Bombril no Mercado de Artes de Feira de Santana, que não existe mais. E aí vai levando a vida. Feira de Santana não era grande, era pequena e eu levei a vida assim... E aí ia levando a vida, Feira de Santana era pequena. E aí fui levando a vida assim, sempre sofrendo, pegando cesto, levando cesto pro Jardim Cruzeiro, pra ganhar dez tostão. Meu pai largou minha mãe, eu tinha 12 anos, pra casar com outra na roça e fui levando a vida assim.

Minha mãe não conheceu seu pai, quem criou minha mãe foi o irmão dela. Eu tenho três irmãos. Eram quatro, uma morreu, ficou três. Uma morreu aguada. Mãe teve ela, eu pequeno, ou mãe pegava eu ou pegava ela, quando mãe pegava ela eu ficava agarrado na saia chorando, foi nesse caso que eu aguei e passei três anos sem andar, andei com três anos, foi por isso que minha mãe pensou que eu tinha morrido, que mandou fazer o caixão. Não tinha nada, só tinha o esqueleto. Aguar,

lá na roça, é querer uma coisa e não achar, eu queria que minha mãe pegasse eu e a menina, mas não podia, aí chama aguar.

Meus pais não tinha estudo nenhum. Meu pai sabia ler aqueles cordéis. Eu aprendi com ele e até hoje eu não esqueci. Eu sabia todo de cor, mas com o tempo a gente vai esquecendo. Ele sabia ler, mais não foi à escola. Minha mãe não sabia ler nada. Meu irmão tem uma corretora de seguros, de seguro total, Subaé Seguros. Eu morava na roça. Meu pai era lavrador, plantava milho, mandioca, feijão, esses negócios... E minha mãe trabalhava em casa e na roça. Criava galinha, criava porco. Meu irmão estudou. Minha irmã foi muito mais na escola do que eu. E o que eu sei é lendo placa, para-choque, eu sou o caçula. Eu pegava o badoque ia matar rolinha, codorna, meus pais não ligavam também não.

Minha profissão é caminhoneiro. E de carro eu entendo tudo, de carro velho, desses carros novos não. Só trabalhei como caminhoneiro.

Tenho três filhos com a primeira mulher e dois com outra. Da primeira, tem dois homens e uma mulher. Um é motorista, trabalha na Fama Moveis, trabalhava na Tintas Alves e o outro pinta camisa de colégio, vive melhor do que eu. A menina se formou em professora e ficou com depressão. Depressão, a psicóloga disse o seguinte: “Noventa por cento é de separação de pai e mãe”. Pra me ver passa um mês, dois, três meses, quando vai passa meia hora. E as outras duas filhas da segunda mulher, uma tá em Brasília, foi em 2009. A outra que mora aqui foi lá em casa tem cinco meses ou seis. Ela estudou, trabalhou na Riachuelo e hoje eu não sei se ela está trabalhando, ela tem um filho. Essas duas são mais afastadas, uma está em Brasília, eu só falei com ela uma vez. Tenho nove netos, vou ter um bisneto agora (APOLO, Entrevista 2015).

É marcante na história de Apolo que ele considera sua vida muito sofrida, desde o nascimento. Evidencia uma caminhada de muito trabalho e uma velhice solitária.

Morfeu traça uma explanação aprofundada de sua vida, falando desde sua infância aos dias atuais, com linearidade e organização de ideias.

Eu nasci no sudoeste baiano, na cidade de Poções. Na época era uma cidade de pequeno porte, hoje já tem maior importância como cidade porque já se desenvolveu bastante. Eu nasci no ano de 1942, no dia 13 de março. Meu pai era funcionário público e minha mãe só tinha mesmo as prendas domésticas, não chegou a trabalhar. Tinha também a minha irmã, somente nós dois. A família era somente constituída de meu pai, minha mãe, nós dois filhos e minha avó materna, que morava conosco.

Bem, eu segui o curso regular de todas as crianças da época. Então com sete anos de idade, meu pai, a família, me colocou para estudar, fazer o curso primário. Fiz o curso primário. Naquele tempo, o curso primário era composto de cinco anos. A gente cursava os cinco anos. Depois fazíamos a admissão ao ginásio, cursei o ginásio e depois eu fiz o ensino médio, quando eu já estava casado. Estava casado e por isso eu abracei a carreira bancária na época.

Minha vida foi uma vida de criança normal da época, vivia mais em casa, estudando, da escola pra casa, da casa para escola. Meus pais que já faleceram, mas que na medida do possível e suas posses eles nos deram tudo o que podiam nos dar. Por isso eu guardo muitas recordações deles que nos orientaram como foram orientados todos os nossos vizinhos, os nossos familiares também. E o que mais? Fui uma criança assim... participando das coisas da escola, dos folguedos, como toda criança tem, das festas de São João. Na época, a cidade era muito próxima ao campo. Depois das últimas casas da cidade, já tinha as fazendas, já tinha as roças. Foi uma vida muito feliz que eu tive. Tinha uma tia nossa, uma tia minha, que ela morava no campo e nós íamos pra lá pra tomar banho de rio, pra se divertir com as

coisas do campo. Então minha infância foi sempre assim, uma infância cheia de pessoas com poucos recursos, mas com o razoável pra viver. Meu pai foi funcionário público e como todo funcionário público é uma vida assim de não ter muito, mas que tem o bastante para que nós fôssemos crianças felizes (MORFEU, Entrevista 2015).

Após relatar uma infância feliz e tranquila, Morfeu prossegue discorrendo sobre sua vida adulta.

Depois o tempo passou. Eu me empreguei no Banco da Bahia. Eu como sempre fiz minhas transferências para cidades vizinhas e tudo mais. Depois de certo tempo que eu era empregado, eu me casei. Eu me casei aos 25 anos e continuei como bancário. Eu só tive dois empregos, emprego como bancário, trabalhei em cidades como Ibicuípe. Depois com o tempo eu fui transferido para Vitória da Conquista, trabalhei em Vitória da Conquista. Como eu gostava e minha esposa também gostava, quando o banco precisava de alguém pra transferir para tirar férias em outra cidade o banco sempre me chamava porque sabia que eu aceitava. Então, numa dessas, quando o Bradesco incorporou o Banco da Bahia, os diretores da época me chamaram pra ver se eu aceitaria inaugurar uma agência do Bradesco em Macapá, no extremo Norte. O pessoal fala muito que lá é terra de índio, que não sei o quê, que lá não é bom pra viver. Então eu disse essa é uma opinião que nós não podemos dar, nós não tivemos lá. A gente só sabe o que conhece. Então eu aceito a transferência.

Fui transferido para cidade de Macapá, lá no extremo Norte, que é a capital do Amapá. Mas, independente dos comentários das pessoas, eu me dei muito bem lá. Porque lá na época era território federal, lá no Amapá, então tudo lá era movimentado, era tudo em função do governo. A vida para quem era funcionário era muito boa. Nós fomos transferidos pra lá com todas as despesas pagas, com aluguel de casa pago, com aumento de salário. Até mesmo porque devido à dificuldade que tinha de arranjar as pessoas, de se conseguir pessoas pra ir pra lá. Mas eu fui não me dei mal lá não. Inauguramos a agência e, felizmente, foi muito boa. Fizemos um trabalho lá no governo que foi muito importante, também.

Lá tem uma coisa muito interessante, o que aqui tem de mais na época agora hoje eu não sei lá tinha de menos. Era gente. Quando a gente chegava, recebia a gente de braços abertos. Até hoje, depois de tantos anos, ainda me relaciono com gente de lá. Pessoas que eu deixei lá. Então tava tudo bem, tudo correndo bem. Lá, o problema de lá é que lá é muito quente, um clima exasperante, muito calor, muita chuva. Eu me adaptei bem, mas minha esposa não se deu bem, ela teve uma desidratação.

A minha esposa não se deu bem, ela sempre teve uma natureza um pouco frágil, então ela não se deu bem e teve uma desidratação, quase falece. Então ela levou três meses internada, quando voltou pra casa, já voltou com uma enfermeira para olhar por ela durante por mais três meses, então o médico indicou, me chamou e disse: “Olha, se ela tiver outra crise ela não vai sobreviver.” Então nós tínhamos tudo de bom lá, tava tudo bem, inclusive de quando eu cheguei até tava uma vida muito boa, mas como se tratava da saúde dela, eu desisti de tudo, então pedi a demissão, falei com o pessoal do banco, mas como a dificuldade de funcionário, eles procuraram me argumentar que ia me mandar pra gerência de outra cidade lá da região e tudo mais, disse que ia me transferir pra Belém, de lá eu ia pra gerência, não lembro o nome da cidade, eu ia ser o gerente de uma cidade lá, eu deixei tudo e voltei por causa dela. Não me arrependo nem um pouco, nem um pouco eu me arrependo por isso, porque acho que a vida dela na época era mais importante que tudo e realmente era. Quem não se preocupa com a vida do parceiro não merece ser casado, a pessoa tem, uma vez que se casou, tem que assumir a outra inteiramente, então nós voltamos. Então quando nós voltamos, quando eu

cheguei aqui em Salvador, por sorte, eu encontrei um superintendente do Bradesco, que era meu colega do Banco da Bahia, então ele tava precisando de uma pessoa pra assumir a Secretária Geral da Comissão de Comércio de Cacau da Bahia, Brasil na época.

Então ele falou: “Você chegou em bom tempo, se você quiser, você está empregado hoje mesmo.” Eu falei: Oh meu Deus! Você entendeu como Deus supre as coisas, ele vê que eu fiz tudo, não considere nada pra deixar lá e saí por causa de minha esposa, quando cheguei aqui quase que no mesmo dia arranjei um emprego, muito melhor do que tinha, o da Comissão de Comércio de Cacau, eu passei muitos anos também trabalhando e só perdi porque houve um episódio da vassoura de bruxa, não sei se a senhora se lembra, a coisa da vassoura de bruxa que acabava com os cacaus e, aí pronto, eu perdi o emprego por causa disso, até o setor de cacau da Bahia foi desativado. Então, foi assim, daí pra cá, eu não tive, na época, já com quase 60 anos pra arranjar emprego pra mim foi difícil, né? E realmente eu não consegui, porque muitas vezes quem consegue emprego assim é quem tem assim alguém, como o pessoal fala, tem seus pistolões, infelizmente eu não tinha um pistolão, então eu não consegui me empregar. Então eu me mudei pra perto daqui de Feira de Santana, como é o nome daquela cidade ali, meu Deus, é depois de São Gonçalo, é Conceição da Feira, tinha um clima muito bom e tudo mais, então eu me mudei pra lá porque minha esposa ainda tinha uma saúde frágil. Eu me mudei pra lá porque era uma cidade de mais qualidade e assim, de muita paz lá sabe? Mas só que lá só tinha uma coisa que depois eu percebi, a assistência médica lá era precária, então quando ela tinha algumas crises eu tinha que ir com ela lá pra Cachoeira que na época tinha uma equipe médica muita boa ou então aqui pra Feira. Mas depois eu tive que voltar pra Salvador por causa disso, aí voltei pra Salvador de novo. Depois a minha filha se casou e veio morar aqui em Feira de Santana. Então, oito anos atrás, minha esposa faleceu, teve um AVC, faleceu de AVC, então eu vim aqui pra Feira de Santana pra passar um tempo com minha filha, pra ver se eu conseguia, porque eu fiquei muito arrasado com essa perda, porque foram quase 40 anos de vida em comum, sem problema, sem problemas graves, porque problemas pequenos todo casal enfrenta, tanto de relações, como com filhos, quem disser ao contrário não está dizendo a verdade.

Mas nós fizemos o que eu disse pra senhora hoje, um cede um pouco daqui, um pouco dali e vai levando, levando. Nós nunca tivemos assim coisas muito graves, coisas extraordinárias e aí até hoje eu sinto falta dela, mas a vida é assim mesmo a gente não pode dar jeito e depois disso eu vim aqui pra Feira de Santana, gostei muito da cidade (MORFEU, Entrevista 2015).

Com o falecimento da esposa, Morfeu dá um novo rumo à sua vida e conta como ingressou na UATI.

Depois eu soube do Programa Universidade para Todos. Então eu tava procurando mesmo alguma coisa pra fazer pra não ficar dentro de casa assim, pode pegar até alzheimer, alguma coisa assim de ruim, né? O idoso, principalmente, tem que procurar... uma pessoa mesmo jovem tem que empregar seu tempo em alguma coisa porque senão você se torna um inútil, inutilizado e tal. Daí que eu resolvi entrar no Programa Universidade para Todos para tentar o vestibular, foi nessa época. Então eu fiz o primeiro Universidade para Todos. Na primeira vez, eu fui tomar informações pra saber o que eu devia fazer pra próxima, então foi isso. Eu tive muito boas relações com as coordenadoras do programa, inclusive a primeira, a Cristiane, tive um bom relacionamento, tudo de bem, consegui me informar muito bem, na segunda foi Nessi. Nessi era professora daqui, se eu não me engano. Então um dia ela me disse: “Seu Carlos, o senhor conhece a UATI, já ouviu falar da UATI?” Eu falei: “Não, nunca ouvir falar da UATI, isso durante o curso, né? “Já

ouviu falar da UATI?” Não, não, não ouvir falar da UATI não. Ela ficou até me explicando como era isso, eu me interessei logo, falei: “Puxa vida, que bacana! “Se o senhor quiser o senhor vai comigo, o senhor pode se matricular lá em uma oficina”. Eu falei: “Hoje mesmo se a senhora quiser. Foi assim que eu conheci a UATI. E foi assim que eu, eu vim aqui acho que foi a professora Leila, que me registrei com ela e ela me deu as oficinas, então eu olhando eu me interessei logo pela da senhora e da professora Gal, e são as que até hoje eu frequento. Eu senti muito sair quando eu fui fazer o curso de Pedagogia, porque o horário era coincidente, então não tinha como, mas depois que terminou o curso, foi a primeira coisa que eu fiz foi manter contato com vocês, e além disso, a UATI me trouxe muita coisa boa, digamos assim, são coisas inesquecíveis (MORFEU, Entrevista 2015).

Por fim, Morfeu fala um pouco da sua única filha e da sua escolha por permanecer morando em Feira de Santana.

Eu tenho uma filha só. Mora em Salvador. Ela morava aqui, mas depois ela foi chamada pra ensinar lá, porque durante o tempo que eu morei em Salvador, lá fez amizade lá, até com professora de escola, então teve vaga na Escola Montessoriana, então uma vizinha nossa, a diretora do colégio, ela chamou ela pra ensinar lá e aconteceu que o marido dela, que era é daqui de Feira, foi transferido, foi chamado pra trabalhar em Camaçari. Então ficou tudo pertinho lá, eu não queria ir de jeito nenhum, ela queria que eu fosse junto pra não me deixar sozinho e eu cheguei pra ela e fui conversar: Oh, o que eu tinha que fazer na vida eu já fiz, ou assim ou assado, tudo o que eu tinha que fazer eu já fiz, agora vocês estão começando, então pode me deixar, Feira a Salvador é muito perto, é como se fosse um bairro de Salvador, tem lugares lá, digamos assim se você sai da Avenida Sete lá pra o Aeroporto, assim em hora de pique, meio dia, você leva mais de duas horas. Então não tem problema não, aí ela só aceitou assim, ela vem sempre aqui me visitar, eu também vou sempre lá (MORFEU, Entrevista 2015).

A extensão dos relatos mostra como os idosos se sentiram à vontade para traçar suas histórias, descrevendo questões íntimas de suas famílias. Observa-se que os cinco sujeitos entrevistados não são naturais de Feira de Santana, dois são baianos e três são procedentes de outros estados. Eles têm caminhadas bem diferentes em relação à família, à profissão e à trajetória de vida seguida por cada um. Chamou-me a atenção que a escola só não está presente na vida de um dos idosos, Apolo.

Na seção seguinte, procuro discorrer sobre questões referentes ao envelhecimento e à memória. Trago dados demográficos que mostram o crescimento populacional da terceira idade a nível do país, estado e da cidade *locus* da pesquisa, Feira de Santana. Também abordarei questões relativas ao envelhecimento e sobre a relação entre memória e velhice.

2 ENVELHECIMENTO E O LUGAR DA MEMÓRIA

É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.

Luis Buñuel

O pensamento expressado pelo cineasta espanhol Luís Buñuel em seu livro *O último suspiro* (1982) retrata a importância da memória, o quanto ela é o alimento da vida humana e, assim, sem ela o homem não seria absolutamente nada. Comungo do pensamento de Buñuel, pois entendo que a memória é a nossa identidade, ela nos permite recordar não como uma sequência de fatos, mas como algo significativo para nossa existência. Neste capítulo, busco tratar sobre a memória e o envelhecimento. Como se define o envelhecimento? Quais as características dessa fase da vida? Como foi visto o envelhecimento no decorrer da história e como é visto hoje? Qual o lugar da memória no envelhecimento? Essas questões permeiam o capítulo, onde discuto, de forma sucinta, à luz de teóricos, documentos e pesquisas já realizadas sobre questões físicas e sociais da velhice, as concepções de velhice e o lugar da memória no envelhecimento. Antes, porém, trago alguns dados demográficos referentes ao envelhecimento, abrangendo o Brasil, o Nordeste, a Bahia e a cidade de Feira de Santana.

2.1 Envelhecimento: um fenômeno atual

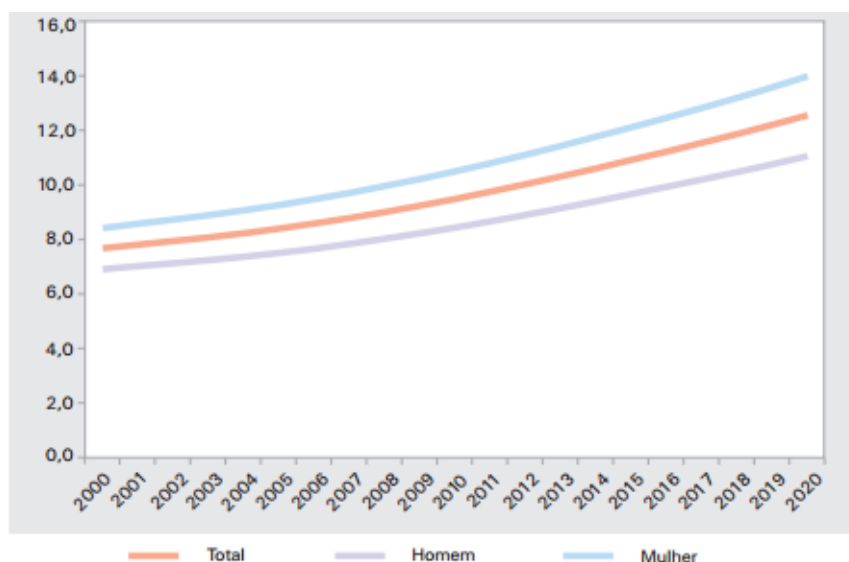
“O século XX foi, principalmente, um século de crescimento populacional: o século XXI será um século de envelhecimento populacional” (WILSON, 2006). Ao fazer essa afirmação, Chris Wilson, membro da equipe do Programa Mundial da População do Instituto Internacional de Análise de Sistemas Aplicados em Laxenberg, na Áustria, e um dos mais citados demógrafos da Europa, já expunha o que iria acontecer em todo o mundo, inclusive no Brasil, com relação à mudança do perfil populacional no item faixa etária. E assim vem acontecendo, pois o envelhecimento da população é um fenômeno mundial, uma vez que os números revelam seu crescente aumento em relação às demais faixas etárias.

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de indivíduos, um crescimento de quase oito milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhão de cidadãos, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade (ANDREWS, 2000, p. 247).

A população é classificada como demograficamente jovem ou velha, dependendo da proporção de pessoas nas faixas etárias extremas. Segundo dados do Departamento de Informática do SUS – Datasus, até os anos 1980, os países em desenvolvimento tinham populações relativamente jovens, enquanto a maioria dos países desenvolvidos apresentava populações com estrutura etária envelhecida. Em 1970, a população brasileira podia ser considerada jovem. No Brasil, no mesmo ano, metade da população estava abaixo de 20 anos, 42% tinha menos de 15 anos e apenas 5% tinham mais de 60 anos.

De acordo com o documento “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios do Brasil”, resultante dos estudos e pesquisas do censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ao considerar as taxas de fecundidade e longevidade da população brasileira, estima-se para os próximos 20 anos que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas ao final de 2020, chegando a representar quase 13% da população (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Projeção de crescimento da proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo o sexo – Brasil/2000-2020



Fonte: Projeto IBGE/Fundo de População das Nações Unidas UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08), Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sociodemográficos, Projeção preliminar da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2000.

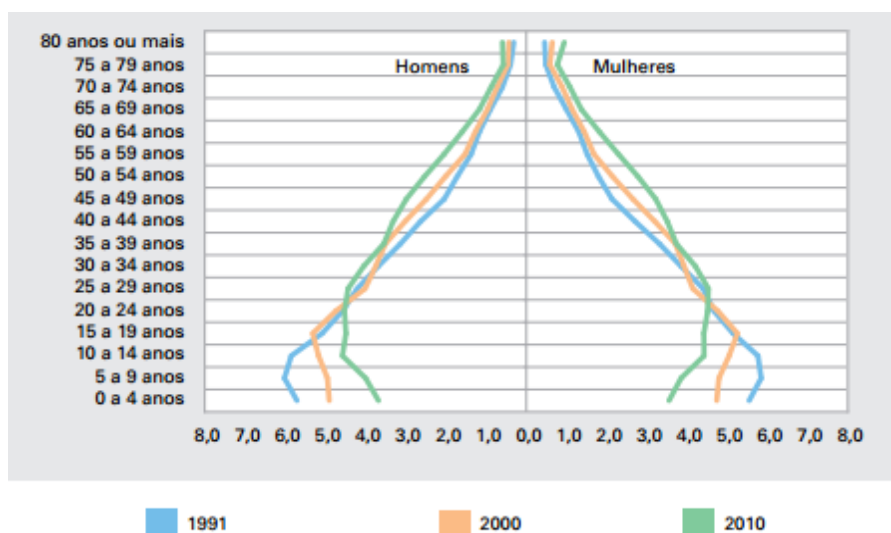
Esse mesmo documento, ao analisar a evolução da relação idoso/criança, mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças: de 15,9% em 1980, passou para 21,0% em 1991, e atingiu 28,9%, em 2000. Assim, se em 1980 existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, 20 anos depois essa relação praticamente dobra, passando para quase 30 idosos para cada 100 crianças. Embora a fecundidade ainda seja a principal componente da dinâmica demográfica brasileira, em relação à população idosa é a longevidade que vem progressivamente definindo seus traços de evolução. Em 2000, a proporção da população brasileira com menos de 15 anos caiu para 30% e a população acima de 60 anos aumentou para 8,6%.

Idade mediana “é a idade que separa os 50% mais jovens dos 50% mais velhos e é considerada um bom indicador de síntese da estrutura etária da população” (IBGE). A idade mediana da população brasileira aumentou dois anos e meio em nove anos, alcançando, em 2000, o patamar dos 24,2 anos, sendo de 23,5 anos para os homens e 24,9 anos para as mulheres. A idade mediana em 1991 era 21,7 anos. No Brasil, em 2000, a idade mediana situava-se no grupo etário de 25 a 29 anos. Segundo o Censo Demográfico de 2000 do IBGE, admitindo-se que a distribuição populacional interna desse grupo seja homogênea, a idade mediana seria de 25 anos. Isto significa que a metade da população brasileira tinha menos de 25 anos e a outra metade mais de 25.

Na composição por idade, no país como um todo, a contribuição do segmento de crianças de 0 a 14 anos no total da população caiu de 34,73%, em 1991, para 29,60%, em 2000. O grupo de idosos de 65 anos ou mais, por sua vez, seguiu, no mesmo período, trajetória ascendente: 4,83% em 1991, contra 5,85% em 2000.

O documento Sinopse do Censo Demográfico 2010 traz uma comparação das pirâmides etárias dos censos de 1991, 2000 e 2010, Gráfico 2, sendo observadas significativas transformações na estrutura etária da população residente no Brasil. O acentuado estreitamento da base, ao mesmo tempo em que o ápice se torna cada vez mais largo, é decorrente do contínuo declínio dos níveis de fecundidade observados no Brasil e, em menor parte, da queda de mortalidade no período (2011, p. 53).

Gráfico2 - Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade – Brasil/1991-2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991/2010 in Sinopse do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2011.

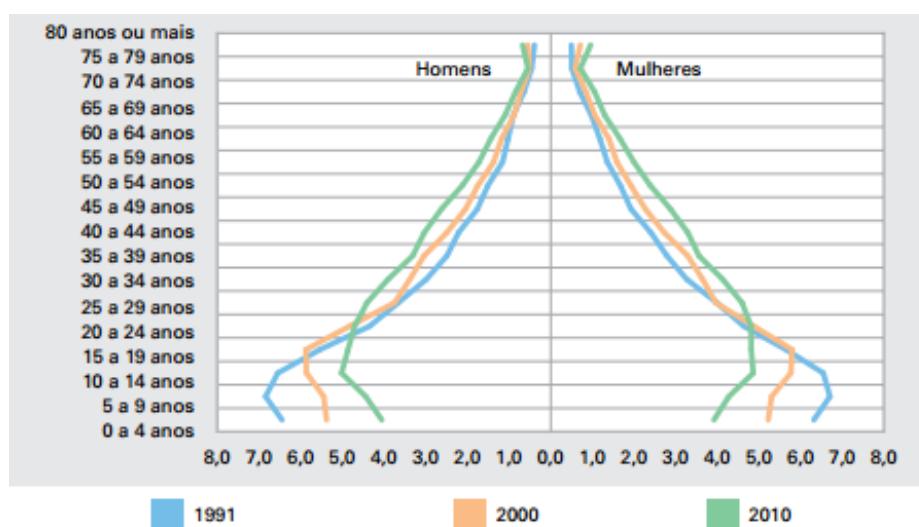
Ainda segundo o mesmo documento, a representatividade dos grupos etários da população em 2010 é menor que a observada em 2000 para todas as faixas com idade até 25 anos, ao passo que os demais grupos etários aumentaram suas participações na década seguinte. O grupo de crianças de 0 a 4 anos do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010, para meninos e meninas, respectivamente. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010 (2011, p. 53).

Além dessa queda observada na participação relativa, os grupos etários de menores de 20 anos já apresentaram uma diminuição absoluta no seu contingente. Dessa forma, observa-se que o crescimento absoluto da população do Brasil nestes últimos dez anos se deu principalmente em função do crescimento da população adulta, com destaque também para o aumento da participação da população idosa. A evolução da estrutura etária observada nas pirâmides nos sugere também que, confirmadas as tendências esperadas de mortalidade e fecundidade, a população do Brasil tende a dar continuidade a esse processo de envelhecimento (2011, p. 53 e 54). E isto, de fato, vem acontecendo, embora só seja possível confirmar esses

indicativos em 2020, quando haverá novo censo. De acordo com o censo de 2010, o índice de envelhecimento da população brasileira saltou de 19,8% em 2000 para 30,7% em 2010.

Em relação à estrutura etária, a Região Nordeste, Gráfico 3, embora ainda tenha características de uma população jovem, apresenta uma rápida queda a partir da década de 1980 nos níveis de fecundidade, o que indica efetiva tendência de envelhecimento de sua população. O grupo de crianças menores de 5 anos da Região Nordeste em 1991 correspondia a 12,8% da população. Em 2000, esse valor caiu para 10,6%, chegando a 8,0% em 2010. Já a proporção de idosos na população passou de 5,1% em 1991 para 5,8% em 2000 e para 7,2% em 2010 (2011, p. 55).

Gráfico 3 - Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade - Região Nordeste - 1991/2010



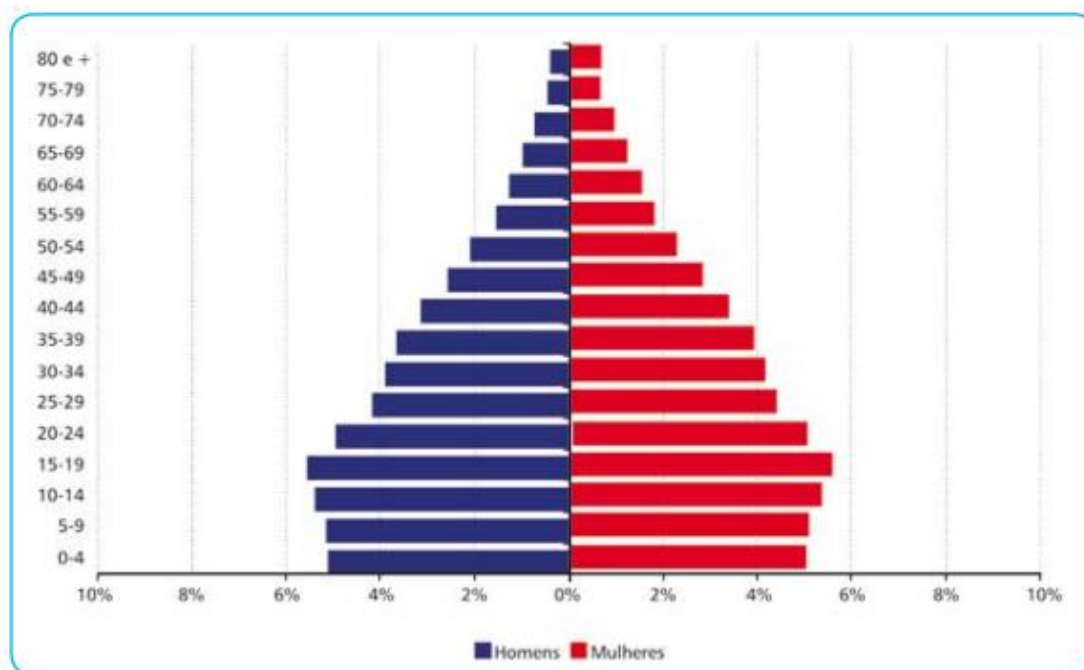
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991/2010.

A região Nordeste se destaca pela maior redução do contingente de crianças (-16,32%) e pelo maior aumento (10,15%) na proporção de pessoas entre 15 e 64 anos, consideradas potencialmente ativas. O indicador que relaciona a população idosa com o contingente de crianças passou de 13,90 idosos para cada 100 crianças em 1991 para 19,77 em 2000. Isso significa que existem hoje, no Brasil, quase 20 pessoas de 65 anos ou mais de idade para cada 100 crianças de até 15 anos.

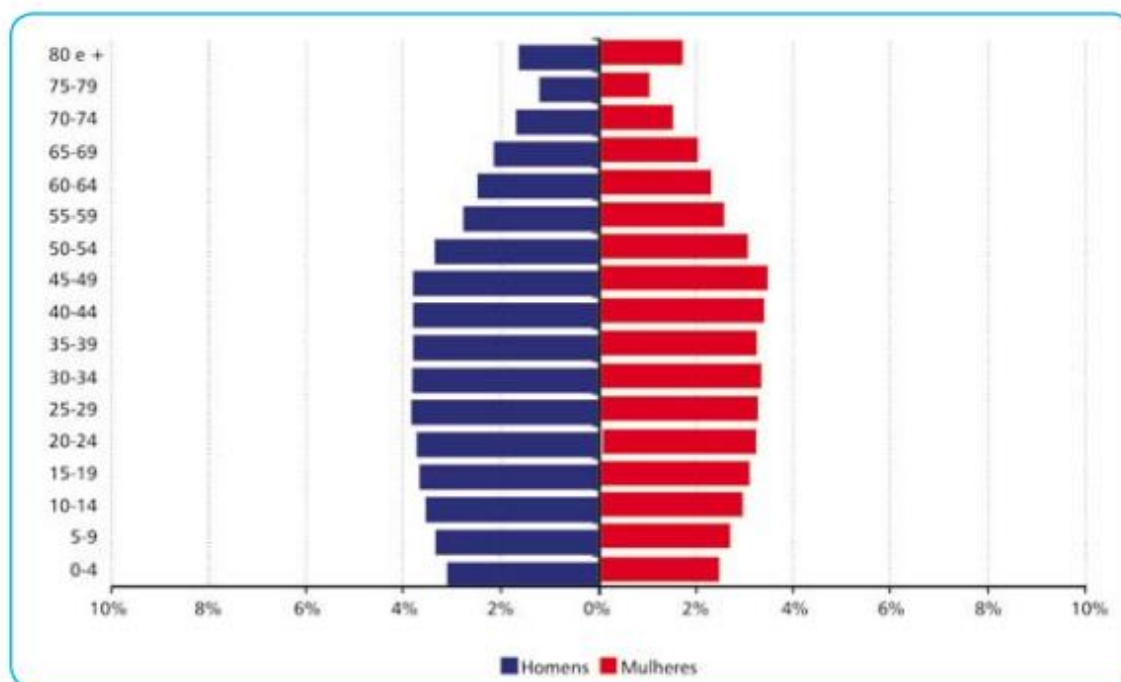
Esse indicador, que segue regionalmente o mesmo comportamento nacional, reflete a influência combinada da queda da fecundidade, cuja taxa está em torno de 2,2 filhos por mulher, aumento da esperança de vida da população brasileira e declínio da mortalidade.

Desde a segunda metade da década de 1970, a população infantil passou a experimentar uma redução no seu ritmo de crescimento. As projeções apontam para uma continuação dessa redução no futuro próximo (IPEA, 2006). No entanto, a população nas idades mais avançadas tem crescido e tenderá a crescer a taxas elevadas, como resultado das altas taxas de crescimento (fecundidade) observadas no passado recente e à redução da mortalidade nas idades avançadas. O Gráfico 4 mostra uma pirâmide populacional que representa graficamente a composição etária e por sexo da população brasileira, ano 2000. As barras horizontais apresentam os valores absolutos ou proporções de homens e mulheres em relação ao total da população, separadamente, em cada idade. A pirâmide descreve as características de uma população e a sua história dos últimos 10 anos aproximadamente. A barra azul refere-se ao sexo masculino e a vermelha, ao feminino. A primeira barra inferior mostra a proporção de crianças menores de cinco anos (IBGE). O Gráfico 5 mostra a distribuição etária da população projetada, por sexo, no Brasil, para o ano de 2030.

Gráfico 4 - Pirâmide populacional (valores relativos) – Brasil – 2000



Fonte: IBGE, 2000.

Gráfico 5 - Distribuição etária da população projetada, por sexo – Brasil – 2030

Fonte: Página eletrônica do Datasus.

Diante das pirâmides populacionais apresentadas, percebe-se uma nítida alteração em sua estrutura, ocorrendo uma mudança significativa em relação ao crescimento populacional a partir dos sessenta anos e um decréscimo a partir das idades antecedentes. Assim, constata-se a evolução acelerada da população idosa, notando-se também que a população feminina experimentou crescimento mais acentuado que a masculina.

Segundo as projeções populacionais para a Bahia (2010 - 2030), documento elaborado e publicado pelo SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, as projeções demográficas para o estado mostram que, no período projetado, o aumento da população será cada vez menor e isso se reflete na taxa de crescimento populacional, que tenderá ao declínio, evidenciando que, embora o desenvolvimento dos habitantes desse estado seja positivo, ele será cada vez menor. Portanto, entre 2010 e 2030, a população baiana crescerá a um ritmo menos intenso, devido às mudanças ocorridas nas componentes demográficas - fecundidade, mortalidade e migração – destarte, esse ritmo de expansão será bastante inferior ao registrado em décadas anteriores.

Juntamente com a redução na fecundidade e os movimentos migratórios, a redução da mortalidade está entre as causas para desaceleração do ritmo do crescimento populacional e essa constatação evidencia que, contrariamente ao que vem acontecendo com o incremento

populacional, com a redução da mortalidade a população da Bahia está e continuará envelhecendo mais (Tabela 1).

Tabela 1 - População projetada (em mil), por sexo grandes grupos etários – Bahia – 2010/2030

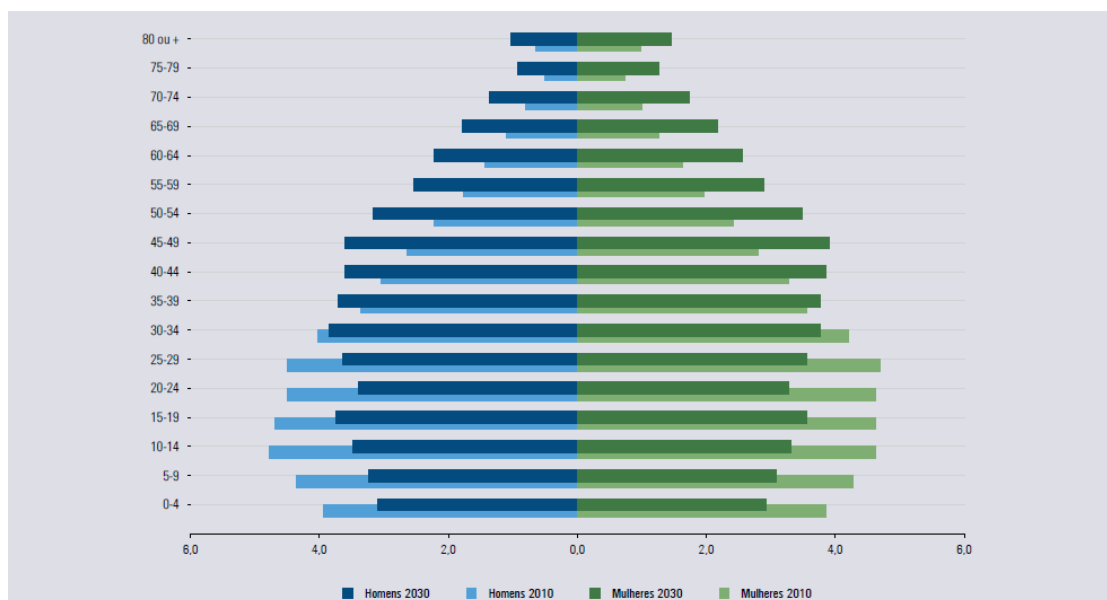
Indicadores		2010 (1)	2015	2020	2025	2030
População	Total	14.113.160	14.715.178	15.258.423	15.749.550	16.190.952
	Urbana	10.169.773	10.856.091	11.482.558	12.028.253	12.496.531
	Rural	3.943.387	3.859.087	3.775.864	3.721.297	3.694.421
População por sexo	Masculino	6.923.369	7.216.626	7.481.772	7.720.793	7.935.920
	Feminino	7.189.791	7.498.552	7.776.651	8.028.758	8.255.032
Grandes grupos etários	Menos de 15 anos	3.686.347	3.527.714	3.405.973	3.341.027	3.132.625
	15 a 64 anos	9.412.335	10.006.092	10.471.864	10.774.641	11.139.014
	65 anos ou mais	1.014.478	1.181.372	1.380.586	1.633.882	1.919.312

Fonte: LED/Cedeplar

Elaboração: SEI/Dipeq/Copesp

No que tange à estrutura etária da Bahia, haverá mudança no perfil da pirâmide etária entre 2010 e 2030, Gráfico 6, fruto do processo destacado no parágrafo anterior.

Gráfico 6 - Distribuição da população projetada, por sexo e grupos de idade – Bahia – 2010/2030



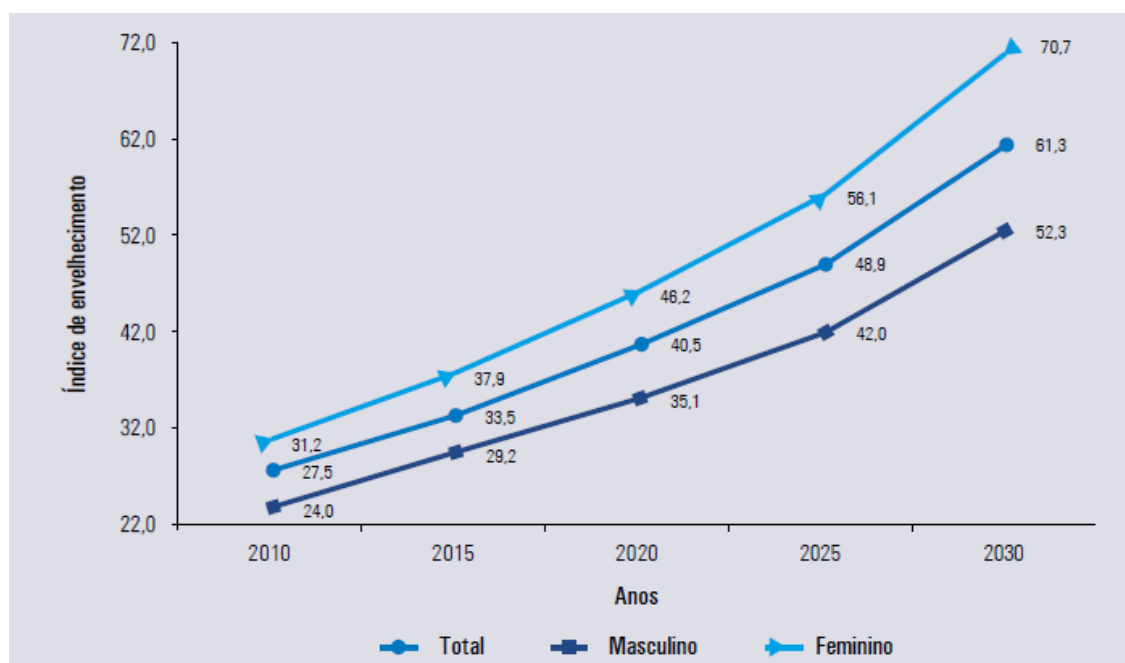
Fonte: LED/Cedeplar

Elaboração: SEI/Dipeq/Copesp

De acordo com a análise que consta no documento elaborado pelo SEI (p. 6), na Bahia, em 2010, o grupo de 60 ou mais anos de idade era composto por cerca de 1,4 milhão de pessoas, ou 10,3% do total, enquanto o grupo de 0 a 29 anos de idade somava, aproximadamente, 7,6 milhões, ou 54% do conjunto da população. Já em 2030, estes valores serão, respectivamente, 16,7% e 40,7% do total da população, refletindo a redução na base e o alargamento no topo da pirâmide etária. A população dos grupos etários mais jovens (abaixo de 15 anos) diminuirá a sua influência na estrutura etária e aumentará o peso relativo da população idosa (acima de 65 anos).

Essa mudança no perfil populacional se repercute, também, nas demandas de serviços e políticas públicas. Assim, espera-se que iniciativas voltadas para a população idosa sejam cada vez mais frequentes, inclusive aquelas que valorizem essa faixa etária, que destaquem a importância dessa população para aspectos culturais e sociais. O Gráfico 7 mostra o índice de envelhecimento da população projetada – Bahia – 2010/2030.

Gráfico 7 - Índice de envelhecimento da população projetada – Bahia – 2010/2030



Fonte: LED/Cedeplar

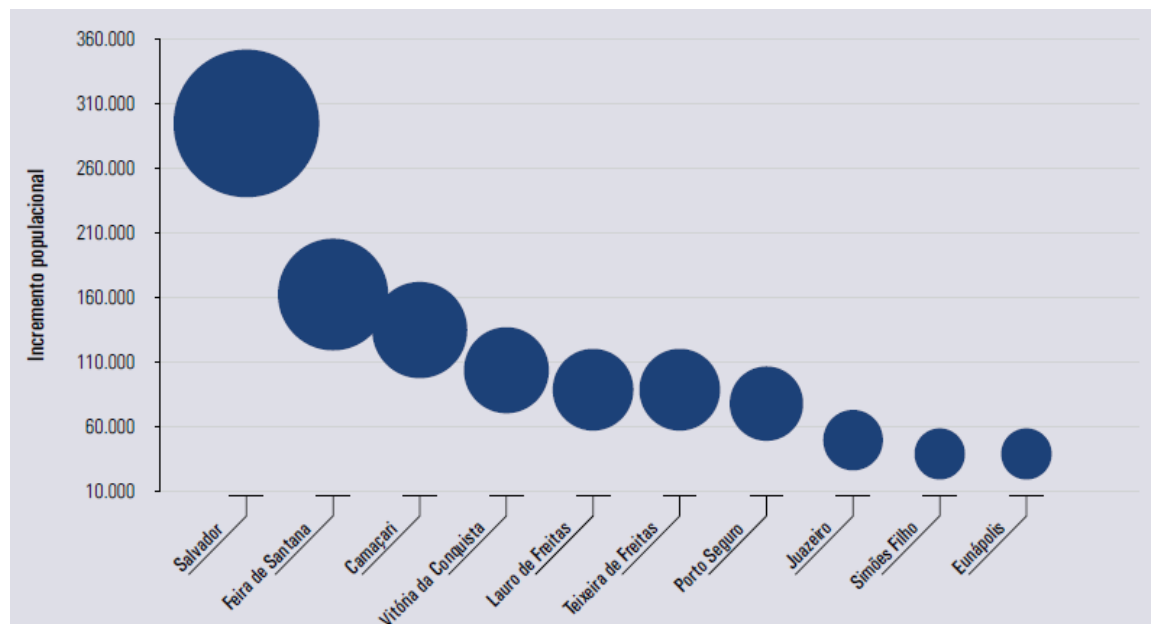
Elaboração: SEI/Dipeq/Copesp

Diante do exposto, observa-se que o grupo de idade mais jovem diminui, enquanto as faixas etárias que englobam as idades mais avançadas aumentam seu volume na distribuição populacional. Há indícios, assim, de um envelhecimento populacional, pela diminuição do peso do grupo etário mais jovem e aumento do grupo mais velho durante os anos. Os grupos entre 15

e 64 anos também aumentam seu peso relativo, entretanto, de maneira bem menos acentuada que os grupos mais velhos.

O documento da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia apresenta que, de modo geral, a população da maioria dos municípios baianos apresentou crescimento desacelerado durante o período de projeção verificado. Com uma população aproximada de 3 milhões de habitantes, ao final do período projetado (2030), Salvador continuará a concentrar o maior contingente populacional em termos absolutos. Além da capital baiana, entre os dez municípios que apresentarão maiores volumes de habitantes ao final do período projetado, destacam-se: Feira de Santana (722,6 mil), Vitória da Conquista (413,4 mil), Camaçari (380,4mil), Lauro de Freitas (254,2 mil), Juazeiro (250,8 mil), Itabuna (231,1 mil), Teixeira de Freitas (226,8 mil), Porto Seguro (205,4 mil) e Alagoinhas (178,3 mil). O Gráfico 8 mostra o incremento absoluto da população projetada, segundo os dez municípios que terão os maiores ganhos populacionais – Bahia – 2010/2030.

Gráfico 8 - Incremento absoluto da população projetada, segundo os dez municípios que terão os maiores ganhos populacionais – Bahia – 2010/2030



Fonte: LED/Cedeplar

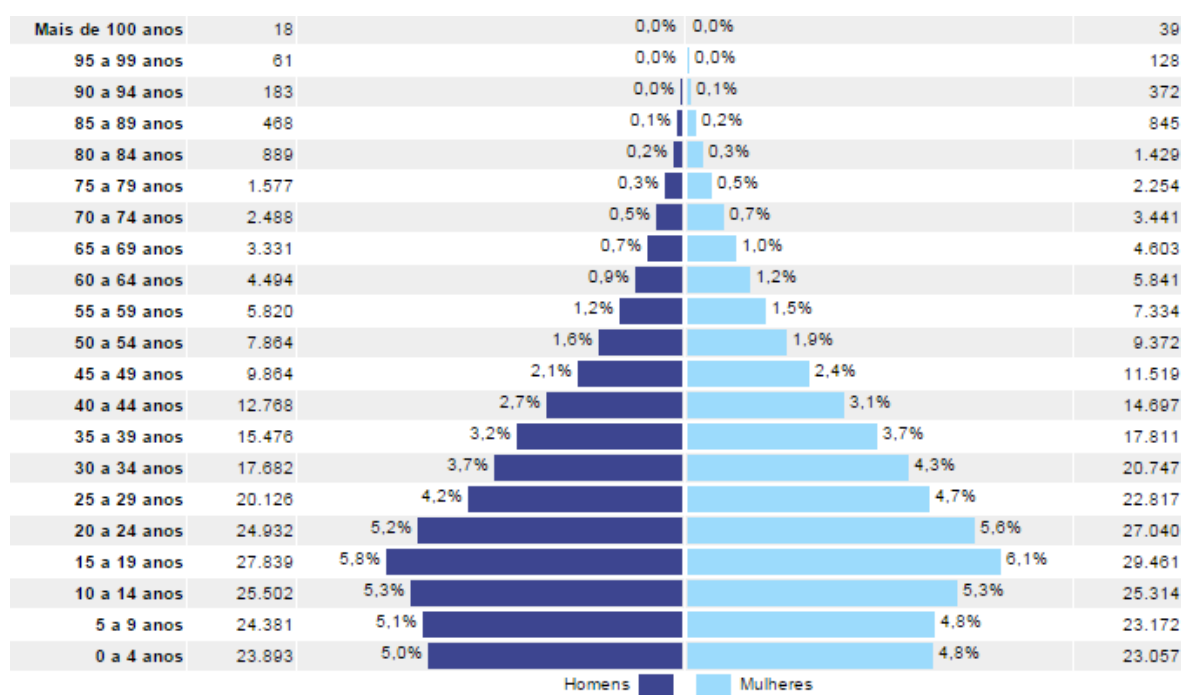
Elaboração: SEI/Dipeq/Copesp

Ao analisar a composição etária da população projetada dos municípios baianos, pode-se considerar o progressivo envelhecimento da população, que se traduz na diminuição da

participação das faixas etárias mais jovens, em contraposição ao aumento da representatividade das faixas de idades mais avançadas.

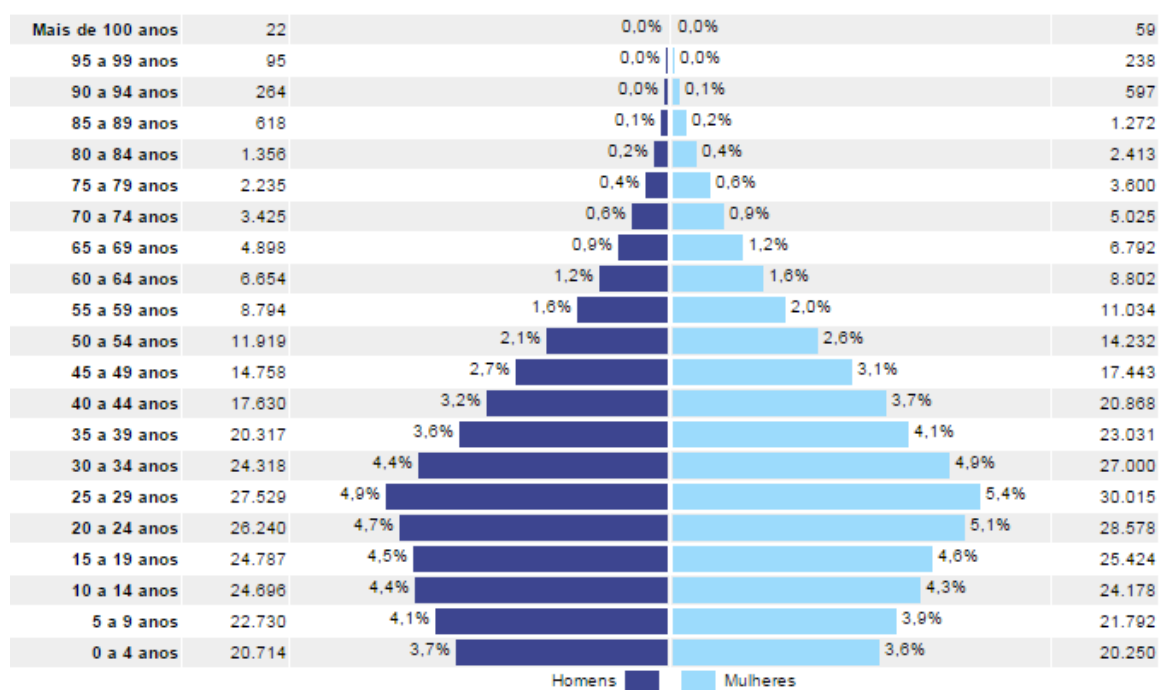
Interessa-me aqui destacar esse crescimento populacional de Feira de Santana. Dados do IBGE relativos ao censo de 2010 também mostram uma mudança na pirâmide etária em relação ao censo de 2000. Ressalto que, como o censo só é realizado de dez em dez anos, os dados mais recentes referentes à pirâmide etária são de 2010.

Gráfico 9 - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Feira de Santana (BA) - 2000



Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>

Gráfico 10 - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Feira de Santana (BA) - 2010



Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>

Os Gráficos 9 e 10 evidenciam claramente a modificação da estrutura da pirâmide etária em relação à população de Feira de Santana. Podemos dizer que hoje Feira de Santana é uma cidade em envelhecimento e, assim, a população idosa precisa ganhar visibilidade.

Feira de Santana, local onde residem os idosos participantes da pesquisa, está localizada geograficamente no Agreste, e cultural e historicamente no Sertão, na zona econômica do Paraguassu, Mesorregião do Centro-Norte Baiano. Foi povoada por migrantes vindos do interior da Bahia e de todo o Brasil que, a partir de então, se misturaram étnica e culturalmente, e a tradição dos tropeiros e do sertanejo se enraizou na cidade de maneira que Feira se tornou uma das maiores e principais representantes da cultura sertaneja em todo o Nordeste. Conhecida como o Portal do Sertão, Feira de Santana é o ponto de divisão sociocultural entre o recôncavo e o interior do estado.

Em números, a cidade conta, segundo estimativas da população residente nos municípios brasileiros realizada pelo IBGE com data de referência em 1º de julho de 2015, com cerca de 617 528 moradores. A população de Feira de Santana cresce em média 80 a 120 mil habitantes por década, um número bastante expressivo.

Em termos de políticas públicas para a velhice, Feira de Santana tem o Conselho Municipal do Idoso (CMIFS), instituído pela Lei Municipal nº1.700/93, de 10 de setembro de 1993, deferido pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Município. O Conselho Municipal do Idoso tem como objetivo promover, fomentar, apoiar, implementar o bem-estar

do idoso, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e qualquer outras formas de discriminação, assegurando o exercício da cidadania, os direitos sociais, econômicos, financeiros e individuais, a liberdade, bem-estar, segurança, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna (CMIFS, 1996).

O Conselho Municipal do Idoso de Feira de Santana tem como finalidade apoiar, propor e desenvolver políticas que assegurem a participação do Cidadão Idoso, sua integração social e o desenvolvimento das habilidades físicas, mentais, intelectuais, culturais, sociais, contribuindo para sua valorização e defesa dos seus interesses perante a sociedade. O Conselho é composto por 13 (treze) membros e respectivos suplentes, nomeados pelo Prefeito Municipal de Feira de Santana, de acordo com os critérios seguintes: um representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social; um representante da Secretaria de Educação e Cultura; um representante do SUS (Sistema Único de Saúde); um representante do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social); um representante do poder legislativo municipal; um representante das igrejas; um representante da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana); um representante das Ordens dos Advogados do Brasil, subseção de Feira de Santana; dois representantes das entidades não governamentais de atendimento, de promoção e de defesa do idoso; dois representantes de entidades de classe com efetiva atuação no atendimento, promoção ou defesa do idoso; e um representante da Federação das Associações de moradores de Feira de Santana.

A Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, através do programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, já descrito no capítulo 1 desta dissertação, também planeja e executa atividades destinadas aos idosos. Ainda existem ações voltadas para idosos desenvolvidas por instituições particulares como a Faculdade Nobre – FAN, que desenvolve o Projeto Vida Nobre; a Unimed, com o Grupo Melhor Idade; o Shopping Boulevard, através do Projeto Ativa Idade do Boulevard Shopping, além de vários grupos de convivência.

2.2 O cenário da velhice

Desde a Antiguidade, a velhice e o envelhecimento têm estado presentes em obras literárias e tratados eruditos, como, por exemplo, a obra *De Senectute: Saber Envelhecer*⁴, de

⁴Obra de Marco Túlio Cícero datada de 44 a. c.

Cícero, escrita há cerca de dois mil anos. Mas é somente a partir do século XX que vimos a emergência e a consolidação do estudo sistemático do envelhecimento através da gerontologia⁵ (GOLDSTEIN, 1999).

O ato de envelhecer pode ser entendido como o processo diversificado de mudanças ao longo da vida, influenciado pela integração de fatores sociais, econômicos, biológicos e comportamentais. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define velhice como um prolongamento e término de um processo representado por um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas. A OMS considera idoso a pessoa a partir da idade cronológica de 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais, em países desenvolvidos. No Brasil, de acordo com o artigo segundo da Lei nº 8.842/94⁶, regulamentada pelo Decreto nº 1.948/96, é considerado idoso o indivíduo maior de 60 anos de idade. O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741⁷, de 1º de outubro de 2003, também define como idosos pessoas com 60 anos ou mais. Do ponto de vista demográfico, segundo Carvalho e Andrade (2000, p. 82), no plano individual, envelhecer significa aumentar o número de anos vividos. Paralelamente à evolução cronológica, coexistem fenômenos de natureza biopsíquica e social importantes para a percepção da idade e do envelhecimento.

É difícil caracterizar uma pessoa como idosa utilizando como único critério a idade. Porém, torna-se necessário delimitar uma faixa etária para o idoso brasileiro, principalmente na formulação da política pública e na demarcação de grupo populacional dos beneficiários por programas sociais focalizando os recursos e concebendo direitos a esta população (SANTOS, 2004).

Neste segmento conhecido como terceira idade, estão incluídos indivíduos diferenciados entre si, tanto do ponto de vista socioeconômico como demográfico e epidemiológico. O documento “Envelhecimento ativo: uma política de saúde”, da Organização Pan-Americana da Saúde, 2005, traz o seguinte:

É importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade.

⁵É o estudo do envelhecimento em todos os seus aspectos – biológicos, psicológicos, sociais e outros. Fonte: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

⁶Lei que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

⁷Lei que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

Segundo Mendes *et al.* (2005), envelhecer é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do indivíduo e é marcado por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo com sobrevida prolongada.

A população idosa é um grupo etário que vive a última fase da vida. Mas essa vida pode ser vivida de maneiras diferentes. Conforme Dias (2007), envelhecer é um processo multifatorial e subjetivo, ou seja, cada indivíduo tem sua maneira própria de envelhecer. Assim sendo, o processo de envelhecimento envolve não apenas um conjunto de fatores que ultrapassam quem atingiu a idade cronológica de 60 anos, devendo-se considerar ainda uma gama de outros fatores, como as condições biológicas, que, embora estejam intimamente relacionadas com a idade cronológica, consistem em um declínio proporcional de todo o organismo, tornando-se mais acelerado quanto maior a idade. As condições biológicas variam de pessoa para pessoa, e as condições socioeconômicas variam de acordo com o momento histórico e cultural. A condição intelectual varia quando suas faculdades cognitivas começam a falhar, apresentando problemas de memória, atenção, orientação e concentração, e ainda a funcional, que é marcada pela perda da independência e da autonomia, necessitando de ajuda para desempenhar as atividades básicas do dia a dia.

Isto posto, constatamos que a velhice não pode ser vista apenas sob o aspecto biológico, pois a identidade do indivíduo idoso ficará comprometida. Segundo Monteiro (2005) “[...], o humano não é somente uma entidade biológica, é também um ser social, cultural, psicológico e espiritual”. A fala de Monteiro explicita a totalidade do ser humano e, portanto, ao idoso não pode ser atribuída essa fragmentação de ser visto unicamente sob um determinado aspecto, no caso, o biológico. O vigor biológico de cada indivíduo é único, por isso, as pessoas apresentam ritmos diferenciados de envelhecimento. Ou seja, cada um de nós envelhece a seu próprio tempo.

De acordo com Monteiro,

O envelhecimento biológico humano não pode ser entendido por mensurações deterministas, classificado por idades cronológicas. Envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um (2005, p. 57).

Nas concepções apresentadas, percebe-se a heterogeneidade do segmento considerado idoso, que é acentuada pela constatação de que esta parcela experimentou percursos diferenciados que vão afetar suas condições de vida. As trajetórias dos idosos são fortemente

marcadas pelas desigualdades sociais, regionais e raciais de cada sociedade, e as políticas sociais podem reforçar essas desigualdades ou atenuá-las.

Apesar do panorama favorável que tem sido traçado para o envelhecimento, o imaginário coletivo sobre a velhice ainda é carregado de preconceitos, estereótipos, mitos e ideias equivocadas. Muitas vezes, pessoas idosas são vítimas de agressões expressas em diversas manifestações no cenário social. A forma como os idosos são tratados pela sociedade reflete os mitos e os estereótipos sobre a velhice e os velhos, associados a atributos negativos, por isso, uma simples piada pode vir carregada de preconceito.

Em nossa sociedade, os velhos são estigmatizados porque não apresentam uma identidade, atribui-se à eles várias características negativas, como decadência, dependência, fraqueza, entre outras, sendo que essa identidade leva em conta somente as características físicas e biológicas – rugas, cabelos brancos, calvície, limitação de movimentos corporais, perda da dentição etc. – que definem a pessoa como um todo, desconsiderando as particularidades de cada um.

O danoso é que comumente os velhos cedem à determinação social e, por vezes, acomodam-se aos modelos estabelecidos, conforme Monteiro,

Alguns velhos aceitam os estereótipos corporais do que é ser “velho” na tentativa de ser aceito dentro de uma categoria, pois é melhor aceitar um corpo que justifique sua inclusão do que ser excluído recebendo outros rótulos como “ridículos”, “inadequados”, “inconvenientes” e assim por diante (2005, p. 95).

Ou, ao invés de ceder, rejeitam-se, não aceitam os cabelos brancos, as rugas, as modificações no corpo e/ou se isolam em seu sofrimento, lastimando-se por uma juventude que não volta mais, ou buscam a todo custo o rejuvenescimento, que ficará apenas na ilusão. Para Monteiro,

Não aceitar e respeitar o próprio corpo, não valorizá-lo da maneira que ele se apresenta é estar também desprovido do presente, é viver perdido no passado, buscando referências para que possam trazer algum conforto, é ter medo de um futuro que não reserve mais possibilidades (2005, p. 37).

Esse medo pode “paralisar” o velho, que ficará preso ao passado. Ressalto aqui que não estou negando a importância de revisitar o passado, seria contraditório da minha parte, visto que a pesquisa que ora apresento se baseia justamente em um passado (re)vivido pelos idosos,

apenas chamo a atenção para o refúgio, numa atitude nostálgica e paralisante, no passado impossibilitar que o idoso viva o presente.

E o que dizem os idosos participantes da pesquisa? Qual a concepção da velhice e do envelhecimento para esses idosos?

Para Afrodite,

A velhice é boa, a gente sabendo, sabendo aceitar as coisas, é boa. De acordo com o ambiente como a pessoa vive. Eu mesmo sou uma pessoa, talvez até você não acredite. Minha filha pergunta: “a senhora tá sozinha?” Não, não me sinto não... Eu pego uma costura faço, eu leio, chego na minha janela, eu digo assim a criatura que trabalha aqui, fico tomando parte da vida dos outros (Risos) (Entrevista 2015).

Vejo na abordagem de Afrodite uma aceitação da velhice. Para ela, é preciso aceitar esse processo do envelhecimento para que esta fase seja boa. Quando ela falou sobre a velhice, observei que ao pronunciar “é boa”, suas expressões e seu tom de voz talvez expressassem um ar de conformidade. Assim, evidencia que busca alternativas para se ocupar, para passar o tempo, para preencher sua vida e por isso não se sente só. Mas vejo também uma abertura para o processo de aprender a envelhecer, no sentido de procurar a lidar com a solidão. Inversamente a muitos idosos, ela não se queixa da solidão, não vive na dependência dos filhos, pelo contrário, procura fazer algo com o seu estar só, sentir a tranquilidade. Arthur Schopenhauer (2012) já dizia que se deveria aprender a suportar a solidão, porque ela “é uma fonte de felicidade e prazer”.

Para Eros,

Bom, na minha concepção, acho o seguinte, envelhecimento é uma coisa muito importante, isso quando as pessoas sabem se administrar para chegar ao envelhecimento. Que há pessoas que não sabem se administrar... o envelhecimento é uma estrada, se nasce, cresce, vive. Então eu acho que é muito importante a pessoa saber envelhecer, é uma administração da vida que a pessoa tem que acompanhar definitivamente, e a pessoa só envelhece bem se ela administrou bem seu currículo da vida (Entrevista 2015).

A compreensão da velhice para Eros é reflexo de como conduziu a sua vida. Sua concepção se harmoniza com a ideia de que “A velhice torna-se o coroamento da existência, o fim positivo, para o qual o indivíduo se prepara e todo o decorrer da vida se orienta”, conforme asseverado por Franco Volpi (in Schopenhauer, 2012, p. 20). É notório que para esse idoso, as pessoas podem envelhecer de forma diferente, dependendo de como conduziram suas vidas e

nós é que decidimos o caminho a ser trilhado, segundo nossas chances e escolhas. Por fim, esse currículo da vida a que se refere é essa preparação, orientação apresentada por Volpi.

Assim, para Eros, cada indivíduo é unicamente responsável por envelhecer bem ou não. Cada um traça seu caminho bastante pessoal. Nesse sentido, conforme Monteiro,

O envelhecimento é um processo contínuo de transformação do humano como ser único em seu tempo vivido. Isto é, o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um individualmente (2005, p. 27).

Eros ratifica o pensamento de Monteiro sobre a responsabilidade de cada indivíduo no seu processo de envelhecimento, do tempo de cada um, das transformações vivenciadas, experimentadas por cada pessoa, resultando no currículo da vida.

Para Atena,

Envelhecer pra mim tá sendo bom por uma parte porque estou liberta, livre, não tenho mais compromisso com ninguém, nem com nada, mas por outro lado é sofredor porque a gente sabe que está caminhando pra os últimos dias, né?. Aí se torna... é bom de um lado e sofredor do outro, mas a vida é essa e a gente tem que se conformar.

É uma fase boa, né? Eu tenho a compreensão dos meus filhos, a compreensão dos vizinhos, são tudo bom, tudo me paparica, tenho um bocado de cuidado, o problema da labirintite, eles também têm o maior cuidado, vêm me buscar. O que eu tenho de dizer é isso, que é bom, eu vejo assim, que quando eu era mais jovem a vida era bem mais difícil pra mim, era muito complicado criar os filhos, sempre tendo que atender a um e a outro e hoje, tô livre (Entrevista 2015).

Em sua concepção, Atena mostra que sua vida melhorou com a idade, ela teve, conforme relatado em sua história, na entrevista, uma vida muito sofrida e só na velhice pôde encontrar mais tranquilidade, mais carinho, mais atenção, mais compreensão e liberdade. Contudo, ela acha que, contrariamente a esse aspecto positivo, a evidência de que os anos de vida estão escasseando é muito sofridora.

Sua abordagem enfatiza a presença de duas palavras: liberdade e finitude. Para o idoso, é mais fácil conseguir essa liberdade do que quando a pessoa ainda está presa ao exercício profissional, ao casamento, à criação dos filhos, entre outras ocupações e responsabilidades que acompanham a vida de cada um. E com Atena foi assim que aconteceu: ao se libertar dos seus compromissos, ela se sentiu mais livre. A consciência da finitude está presente em sua fala quando sabe que, apesar da liberdade que conquistou, da atenção que recebe e que a faz tão feliz, ela sofre por sua existência estar caminhando para o fim.

Para Apolo,

Pelo certo, o envelhecimento pra mim é o começo do fim, sabe? Se ficou velho já não tem essa esperança de mais nada. É o começo do fim, da morte. Quando os dias passam, fica velho, faz setenta, setenta e um, aí vai pulando, oitenta, noventa, aí vai decaindo, vai decaindo. É tipo uma flor, brota, sai um botão, desabrocha aquela flor bonita, aí vai passando o tempo, vai passando o tempo, aquela flor cai no chão, murcha, vai desaparecendo. É tipo uma vela, porque a vela só tem vida, só tá acesa enquanto tem o pavio, acabou o pavio, acabou a vela. Gente é a mesma coisa. Pra mim é assim, a velhice é assim. É o começo do fim. Por mais que zele um dia ele vai. Chegou a velhice, setenta acima, oitenta, não espere mais nada. Pra mim é assim, agora pros outros não sei (Entrevista 2015).

Apolo é categórico quanto à sua visão do envelhecimento como decadência, desesperança. Traz uma visão realista de que a velhice é a proximidade da morte, é o fim. Ele ainda enfatiza sua visão completando que não vê coisa boa na velhice.

Eu francamente não vejo coisa boa na velhice, não vejo não. Pode ter, mas é muito difícil de ver. Porque quanto mais a pessoa passa o tempo, mais fica feio, fica velho, vai ficando feio, vai ficando feio, vai ficando feio, vai ficando feio... tipo aquele retrato meu de quando eu tinha 21 anos pra ter agora 75. A diferença é grande, a diferença é grande.

Então essa ladeira também é ruim de subir. Chegar sessenta, setenta anos é ruim de subir. Que prazer com oitenta anos tem? Nenhum! Nenhum! E quando ele vive só é pior ainda. Dentro de quatro paredes, sozinho, pensando, só pensa o que não presta. Quando tem uma pessoa pra conversar, dialogar, aí vai passando o tempo. Mas quando ele vive só... ele vive de "queixo duro" (Entrevista 2015).

Ao tecer mais considerações sobre a velhice, Apolo mostra não perceber a possibilidade de prazer para o idoso e para ele a situação é mais grave pela solidão. Ele vive só e evidencia que a ausência de outras pessoas agrava a falta de perspectiva para uma velhice saudável. Também, ao comparar sua imagem de 21 anos com a de 75, deixa claro que a diferença na aparência física o incomoda.

Para Morfeu,

Bom, a velhice depende muito de quem vive a velhice. A velhice tem dois caminhos: ou a pessoa se degenera mesmo porque a velhice tem um problema, é o seguinte: é porque quando a pessoa se aposenta, ela sai do mercado de trabalho e saindo do mercado de trabalho ela sai também da vida ativa e ela tá naquela vida particular de ficar em casa e tudo mais. Mas a velhice hoje em dia, no Brasil, ainda está... ainda tem muita gente que precisa lutar muito pra conseguir ficar em atividade mesmo porque o modelo capitalista que nós temos no Brasil nos orienta pra isso. Saímos do mercado de trabalho, então não tem mais atividade nenhuma, não tem mais interação na sociedade. Mas o idoso é que tem de lutar por si mesmo, para que não possa ficar inativo, porque a inatividade é a pior coisa, e pra ficar, digamos, assim, em constante diálogo com os seus pares e mesmo com todas outras classes de pessoas, com os

professores, com os jovens. Tem muito jovem que abomina os idosos, que não quer saber deles, não dá atenção, mas, felizmente, tem muitas pessoas, jovens, inclusive, e pessoas de idade média que também aceitam conviver com o idoso e os tratam como pessoas (Entrevista 2015).

Morfeu faz uma reflexão sobre a velhice enfocando os prejuízos que a aposentadoria e o isolamento podem causar ao idoso, mas destaca que o próprio idoso precisa lutar para não se tornar inativo, para não perder a convivência com as outras pessoas, inclusive, com os mais jovens. Ele tem clareza da realidade do tipo de sociedade em que ele vive.

Retomo considerações sobre a velhice trazendo o significado da palavra velho. No dicionário de Caldas Aulete, “velho é que tem muita idade, idoso, que existe há muito tempo, antigo, muito gasto, usado, ultrapassado, fora de moda, desatualizado, obsoleto”. Gramaticalmente, velho pode ser um adjetivo que denota o que tem muito tempo de vida ou de existência, de época remota, antiga. A essa palavra é sempre atribuído um sentido do que não se quer mais, ao que está ultrapassado, que já pode ser descartado. Então, se velho remete a algo obsoleto, que não serve mais, é comum não querer ser velho e sim querer manter-se eternamente jovem para ser visto como algo novo – antônimo de velho – e conseqüentemente algo bem aceito socialmente. Por conta disso, é comum procurar palavras que substituam a palavra velho em várias situações a que nos dirigimos aos que já chegaram aos sessenta.

Devemos considerar, também, que essa forma de pensar se torna um ciclo em que o jovem que hoje estigmatiza o velho será o velho de amanhã e também será estigmatizado. Por isso, não se pode acreditar que o que acontece com o velho cabe somente a ele, que é culpado por ser assim, pois ao alimentarmos os estereótipos estamos alimentando a sentença que nos caberá mais tarde. Sei que não é o objeto da pesquisa tratar sobre os estereótipos sofridos pelos velhos, mas é preciso chamar a atenção para a necessidade de reavaliarmos os conceitos a respeito da velhice.

Contudo, quero deixar claro que não devemos nos enveredar pelo “mito da melhor idade”, pois é comum hoje em dia se atribuir o conceito para a velhice de “melhor idade”, de forma, às vezes, até leviana porque são desconsideradas as limitações, as peculiaridades dessa fase da vida. Alguns idosos, no intuito de a todo custo negar essas particularidades, que integram a fase da velhice, submetem-se a viver situações que venham a fazê-los internalizar esse conceito e transparecer para os outros que, realmente, é a melhor idade, renegando, inclusive, a individualidade da história de vida de cada ser humano. Grün (2008) chama a atenção para o fato de que alguns idosos acham que devem trabalhar tanto quanto os mais jovens, praticar esporte de forma irresponsável, sem aceitar seus limites.

Algo que merece destaque em relação à visão, muitas vezes distorcida, da velhice é sobre o desprezo das experiências, vivências e histórias de vida dos idosos.

2.3 O lugar da memória no envelhecimento

Memória e envelhecimento têm ligação peculiar. Embora a memória pertença ao indivíduo de qualquer faixa etária, já que é um aspecto também biológico, na velhice há uma conotação diferenciada, uma importância singular, pois nesta etapa da vida a memória pode ser ressignificada. Como diz Rodin, “Eu caminho na antiguidade a mais remota. Eu desejo religar o passado e o presente, retornar a lembrança, analisá-la e poder completá-la”.⁸

Cabe, neste momento, uma descrição sobre memória. O dicionário da língua portuguesa de Caudas Aulete apresenta oito significados para o vocábulo memória, dos quais destaco apenas dois: 1. faculdade de reter e recordar impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente; 2. reminiscência, recordação, lembrança. A etimologia da palavra Memória origina-se do Latim *memoria*, de *memor*, “aquele que se lembra”, de uma raiz Indo-Europeia *men -*, “pensar”, que nos deu também “mente”.

Os estudos de fisiologia da memória apresentam dois grandes grupos de memória: o da memória de procedimentos, que armazena dados relacionados à aquisição de habilidades pela repetição de uma atividade que segue sempre o mesmo padrão, nela se incluindo todas as habilidades motoras, sensitivas e intelectuais, bem como toda forma de condicionamento. E a memória declarativa, que é o que todos chamam comumente de memória. É a memória de fatos, de eventos, de sequências de fatos e eventos, de pessoas, de faces, de conceitos, de ideias etc. A memória relaciona-se fortemente à aprendizagem, pois se utiliza dela para reter as informações no cérebro. Segundo Cardoso,

A memória é uma faculdade cognitiva extremamente importante porque ela forma a base para a aprendizagem. Se não houvesse uma forma de armazenamento mental de representações do passado, não teríamos uma solução para tirar proveito da experiência. Assim, a memória envolve um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação de experiências, portanto, está intimamente associada à aprendizagem, que é a habilidade de mudarmos o nosso comportamento através das experiências que foram armazenadas na memória; em outras palavras, a aprendizagem é a aquisição de novos conhecimentos e a memória é a retenção daqueles conhecimentos aprendidos (1997).

⁸ Citação retirada da Exposição das esculturas de Rodin realizada no Palacete das Artes em Salvador no período de 2009 a 2012.

Contudo, não é a relação entre memória e aprendizagem o que mais interessa aqui, mas a importância da memória como possibilidade de rememoração da vida do idoso. Neste sentido, não apenas que o idoso reviva momentos, acontecimentos, lembranças do passado, mas que se refaça, se ressignifique.

Normalmente, não é dado grande valor ao ato de recordar. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 479), “ação e memória tendem a excluir-se mutuamente”, ou seja, só acontecerá o ato de recordar quando a pessoa deixar de produzir. Isso nos induz a acreditar que exista um preconceito contra o ato de recordar. Para Bosi, estaria fadado aos idosos o dever social de lembrar. Uma questão importante é que esse preconceito recai, também, sobre os idosos, que, comumente, são vistos como incapazes e desnecessários, quando não são mais meio de produção e, por isso, são, muitas vezes, banidos do convívio familiar e social.

Grün (2008) em seu livro *A sublime arte de envelhecer* traz uma lenda balinesa⁹ contada pelo teólogo Henri Nouwen, que retrata como, às vezes, os velhos são “sacrificados”, banidos do meio social.

Conta-se que numa aldeia longínqua das montanhas um povo costumava sacrificar um velho e comê-lo. Chegou o dia em que não sobrou mais nenhum velho, e as tradições se perderam. Queriam construir uma bela casa para as reuniões de seu Conselho, mas quando viram os troncos que haviam sido cortados para este fim, ninguém sabia dizer o que ficava em cima e o que ficava em baixo: se as vigas fossem colocadas de forma errada, surgiria toda uma série de fatalidades. Um jovem disse que poderia encontrar a solução, se prometessem não mais comer homens velhos. Prometeram. Trouxe a eles seu avô, que havia escondido por muito tempo. E o velho ensinou à comunidade como distinguir o que ficava em cima do que ficava embaixo (GRÜN, 2008, p. 7).

Essa lenda expressa claramente o tratamento descartável que é dado ao velho. Este, considerado incapaz, é banido do meio produtivo, e suas experiências não são consideradas em diversas situações, seja no meio familiar ou social. Algo equivocado porque a pessoa idosa já viu ou já experienciou muita coisa e em determinados momentos saberia muito mais o que fazer do que o mais jovem intelectual que só tem a teoria como base. Assim, o velho deveria ser referência pelas experiências vividas, pela importância que têm suas memórias para a reconstrução social. Ele precisa ser escutado e seus posicionamentos devem ser considerados.

Segundo Bosi,

A função social do velho é lembrar e aconselhar – *menini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança,

⁹ Referente a Ilha de Bali, na Indonésia. Bali guarda tradições milenares e tem fortes raízes culturais e religiosas.

usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. [...] a sociedade capitalista desarma o velho, mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (1994, p. 18).

Entre os estigmas enfrentados durante a terceira idade, está presente o social. A velhice é oprimida tanto pela dependência social como pela própria velhice. De acordo com Bosi:

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade, que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé, que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as pesquisas que demonstram a incapacidade e a incompetência social dos velhos) (1987, p.25).

Assim, a nossa sociedade leva as pessoas que envelhecem ao isolamento social e a não participar diretamente do processo produtivo. Muitas vezes, as relações sociais que estas pessoas estabeleceram ao longo da vida se enfraquecem ou então se interrompem, e isso reforça o isolamento do idoso, a dificuldade de encontrar seu lugar e novo papel que exercerá em sociedade. O resultado é um convívio social superficial ou inexistente.

Diz o adágio: “recordar é viver”. Essa frase me faz pressupor que o ato de lembrar nos leva a momentos prazerosos, de alegrias, e que recordar é necessário para nosso equilíbrio emocional. À medida que envelhecemos, a recordação de acontecimentos vai se tornando mais intensa e recorrente. Observo isso na convivência com os idosos da UATI, pois gostam de contar histórias de suas vidas, acontecimentos que consideram relevantes, e essas lembranças são reconstruções do passado. Para eles, ter oportunidade de relatar suas histórias é um poderoso antídoto à solidão, muitas vezes vivenciada nessa fase da existência.

Comungo com Davallon (2010) acerca da constatação de que, para existir memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. Ratificando essa ideia, o sociólogo Halbwachs (in Davallon, 2010, p. 25) caracteriza memória como “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”

Anuncio o próximo capítulo trazendo a concepção de leitura na perspectiva de que o ato de ler não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Ângela Kleiman (1992), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo se transformar em simples

decifração de signos linguísticos sem sua compreensão semântica. A leitura pode proporcionar o desenvolvimento do senso crítico, ampliar o conhecimento geral, aumentar o vocabulário, estimular a criatividade, facilitar a escrita, mudar o entendimento e a compreensão das coisas, além de oportunizar aos leitores a possibilidade de experienciar novas aprendizagens, novos saberes.

Sendo assim, qual a importância da leitura na vida dos idosos? Qual a caminhada deles no universo da leitura? Como os idosos se constituíram leitores? Como as leituras os ajudaram a ressignificar suas vidas? No próximo capítulo, **Contextos, Histórias e Experiências: trajetórias leitoras dos idosos**, fundamentada na história cultural e na história da leitura, verso sobre essas e outras questões, buscando analisar o percurso de cada sujeito e os significados conferidos às experiências leitoras, aprofundando a importância da rememoração na vida do idoso.

3 CONTEXTOS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: TRAJETÓRIAS LEITORAS DOS IDOSOS

Eu caminho na antiguidade a mais remota. Eu desejo relíquar o passado e o presente, retornar a lembrança, analisá-la e poder completá-la.

Auguste Rodin

Neste capítulo, caminho pelas narrativas dos idosos participantes da pesquisa, descrevendo suas histórias de leitura, analisando o itinerário percorrido por cada sujeito e os significados conferidos às experiências leitoras vivenciadas. Utilizo, para tanto, os relatos feitos durante as entrevistas, entrelaçados com a produção de conhecimento existente sobre o tema, trazendo, inicialmente, uma breve abordagem da História Cultural e da História da Leitura à luz das contribuições teóricas dos autores Peter Burke (2008) e Roger Chartier (2004).

3.1 Contextualizando o campo teórico: por que a história cultural e a história da leitura

A escolha por este aporte teórico ancora na perspectiva de que a História Cultural e mais especificamente a História da Leitura fazem emergir sujeitos antes esquecidos na sociedade contemporânea.

De acordo com Peter Burke (2008), ainda não se obteve uma resposta satisfatória para definir história cultural, embora ela não seja uma descoberta ou invenção nova já que a pergunta sobre o que é a história cultural foi feita em 1897 pelo alemão Karl Lamprecht. Mas é fato que a história cultural se ocupa com a pesquisa e a representação de determinada cultura em dados período e lugar.

Considerando a divisão feita por Burke, a história cultural está separada em quatro fases: a fase clássica, entre 1800 e 1950; a da história social da arte, que começou na década de 1930; a da história da cultura popular, surgida na década de 1960; e a da nova história cultural (NHC), a partir da década de 1980 (BURKE, 2008, p. 15-16).

O período da história cultural clássica foi um tempo em que os historiadores culturais se concentravam na história dos clássicos, um “cânone” de obras-primas da arte, literatura, filosofia, ciência e assim por diante (BURKE, 2008, p.16). Os principais historiadores culturais do período, Jacob Burckhardt e Johan Huizinga, estavam mais preocupados com as

conexões entre as diferentes artes. Esses historiadores enfrentaram como principais problemas a dificuldade em se dedicar à crítica das fontes, métodos e suposições de estudo.

A segunda fase, a da história social da arte, coexistiu com a fase clássica, pois foi iniciada no período de 1930 quando aconteceu uma virada nos estudos culturais nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nessa fase, destacaram-se as obras de Max Weber, Norbert Elias, Aby Warburg, Ernst-Robert Curtius, Ernst Gombrich e Erwin Panofsky.

A partir de 1960, foi a vez da terceira fase, quando a história cultural se voltou para a antropologia, e os historiadores passaram a utilizar o termo culturas, no plural, com um sentido cada vez mais amplo, e se apurou o olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana.

Essa aproximação entre historiadores e antropólogos permitiu que surgisse a nova história cultural (NHC), no final de 1970. A palavra “nova” serve para distinguir esse novo gênero das formas mais antigas, e a palavra “cultural” distingue-a da história social e da história intelectual, sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em ideias ou sistemas de pensamento (BURKE, 2008, p. 69).

Os principais teóricos dessa linha investigativa seriam Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, que, “juntos, levaram os historiadores culturais a se preocupar com as representações e as práticas, os dois aspectos característicos da NHC, segundo um de seus líderes, Roger Chartier” (BURKE, 2008, p. 78). Depois de se debruçar mais atentamente sobre o papel desempenhado por esses historiadores, Peter Burke concluiu que “aconteceu um deslocamento ou uma virada coletiva na teoria e na prática da história cultural. (...) uma mudança de ênfase, mais que a ascensão de alguma coisa nova, uma reforma da tradição, mais que uma revolução, mas, afinal, a maior parte das inovações culturais acontece dessa maneira” (BURKE, 2008, p. 98).

O interesse por cultura e “estudos culturais” ficou cada vez mais visível nas décadas de 1980 e 1990. Ocorreu uma mudança gradual no uso do termo pelos historiadores. Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora incluía também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modo de vida. Historiadores que privilegiavam temáticas econômicas e sociais passaram a dar maior atenção às questões culturais. “A NHC ampliou o território do historiador incluindo novos objetos de estudo, como cheiro e ruído, leituras e coleções, espaços e corpos” (BURKE, 2008, p.148).

O fascínio pelos aspectos culturais da sociedade encontrou profícua acolhida de 1970 em diante, quando houve uma considerável virada teórica e metodológica em determinadas

disciplinas como Geografia, Antropologia, Economia, Psicologia, Ciência Política, Estudos Culturais e História, que passaram a dar mais atenção aos aspectos culturais nos seus estudos. Também apresentou uma rigorosa preocupação com a teoria, principalmente aquelas relacionadas ao campo da Literatura, Linguagem, Cultural Visual e Social.

O historiador Peter Burke (2008) constata que houve uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas, quando ocorreu a ascensão da história cultural, por intermédio da NHC, na qual análises econômicas, políticas e sociais se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. E antigas questões foram reavaliadas sob novas designações, como “cultura da pobreza”, “cultura do medo”, “cultura das armas”, etc.

A nova história cultural trouxe novos paradigmas, entre eles o de prática e representação, “a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica” (BURKE, 2008, p.78). O conceito de prática foi utilizado em vários estudos como do consumo, colonialismo, linguagem, religião, renascimento e outros.

Já o conceito de representação, por sua vez, atingiu várias formas, entre elas literárias, visuais e mentais, e contribuiu para o estudo de múltiplos temas como música, memória e corpo. Entretanto, o conceito não está ausente de críticas, sendo a principal delas a utilização de representação como o reflexo da realidade social, exemplificada por imagens e textos.

Graças à preocupação com as representações e as práticas, é que ocorreu uma guinada para a história das práticas cotidianas que tem em uma das suas formas mais populares a história da leitura.

Para compreender as diversas maneiras de ler das sociedades ocidentais desde a Antiguidade e as evoluções e involuções de movimento de leitura, faz-se necessário uma retomada da história da leitura e sua reconstrução. Já é um longo caminho percorrido e ela não se estacionará aqui no século XXI, pois a relação entre autor, texto e leitor continuará em constante modificação.

A história da leitura tornou-se um campo de estudos muito profícuo a partir dos anos 1970, principalmente com a matriz da historiografia desenvolvida na França da Nova História Cultural, em que se desenvolveu o interesse por novos objetos de estudo, novas abordagens e novos problemas para a História. Um desses novos “objetos” foi exatamente a “prática de leitura”, isto é, como nas várias épocas da história humana a prática da leitura foi se transformando de acordo com a construção social de cada uma dessas épocas. Entre os novos

focos estabelecidos, destacam-se o papel do leitor, mudanças nas práticas de leitura, nos “usos culturais” da imprensa, “recepção” das obras de literatura (BURKE, 2008, p.82).

Em se tratando dos estudos sobre história da leitura, destaca-se o historiador francês Roger Chartier, que enfatiza a distância entre o sentido do texto atribuído pelo autor e por seus leitores. Também, para ele, o mesmo material escrito, encenado ou lido, não tem significado coincidente para as diferentes pessoas que dele se apropriam. Uma só obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo, entre outras coisas, do suporte, da época e da comunidade em que circula. Ele se detém em realidades as mais inesperadas e específicas em torno dos livros, da leitura e da escrita ao longo dos tempos. Vai das variações tipográficas às formas primitivas de comércio, das primeiras bibliotecas itinerantes às omissões, traduções e acréscimos sofridos por obras famosas - e dá especial atenção ao aspecto gestual da leitura.

Como uma ação humana, a leitura é cheia de gestos e porquês, que se definem em conformidade com aspectos mais diminutos do cotidiano. Estes escaparam durante um longo período de tempo dos estudos estatísticos tradicionais da leitura, que se centravam em informações como quantos livros existiram em certa cidade durante certo período, quantos livros eram usados na escola de um dado vilarejo, entre outros. Estas formas de análise não abarcavam a leitura em sua totalidade, deixando fugir aspectos, que, muitas vezes, eram desconsiderados ou imperceptíveis, hábitos comuns escondidos pela ausência de uma documentação específica (CHARTIER, 2004).

Exemplos de gestos esquecidos seriam a diversidade de formas de se ler um livro e os fatores que condicionam tal pluralidade. Para Chartier (2004), saber se um livro poderia ser manejado com uma só mão, porque sua forma em códice permitia isto, deixando a outra mão livre para anotações, é tão relevante quanto os dados estatísticos, visto que as mínimas diferenças na forma de ler, como na situação citada acima, possibilitavam, por exemplo, um estudo cada vez mais minucioso das produções literárias. Esta é, então, uma característica importante no trabalho do historiador francês, pois compõe o universo dos hábitos de leitura, entendidos todos como capazes de nela interferir.

Na trajetória do estudo sobre a história da leitura, há também uma preocupação com a catalogação de dados, uma ampla gama de informações sobre um texto impresso. Sua data de impressão, anos e vezes em que chegou a ser reimpresso, as cidades e editores que o imprimiram, diferenças e distorções entre as edições, o uso comum do texto, o tipo de público que costumava usá-lo, a qualidade do material empregado no suporte, a estratégia editorial

adotada pelos impressores para lançá-lo, entre tantos outros. Esse olhar cuidadoso sobre o universo dos textos advém da ideia de que “a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata, ela é uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros” (CHARTIER e CAVALLO, 1998, p. 8).

Apesar da preocupação de Chartier com um texto bem embasado e estruturado, ele destaca que descrever os caminhos da leitura observando apenas os métodos quantitativos não é suficiente. Por isso, lança um olhar minucioso e atento às práticas e usos da leitura, antes desconhecidos ou ignorados pelas abordagens literárias e históricas tradicionais. Assim, percebem-se, como pontos principais da sua pesquisa, a variabilidade histórica da leitura e a apropriação ligada às práticas de leitura. “Contar títulos e edições, no entanto, não basta: é preciso também detectar os gestos que eles recomendam ou estigmatizam.” (CHARTIER, 2004, p. 172).

Chartier evidencia clara preocupação em mostrar a importância de caracterizar as diversas formas de leitura nas sociedades ocidentais desde a Antiguidade, sendo seu livro *História da Leitura no Mundo Ocidental* organizado juntamente com Guglielmo Cavallo um exemplo disso. Nessa obra, os autores examinam como as práticas e os gestos de leitura foram se modificando em cada um dos momentos históricos mais marcantes - Renascimento, Reforma, Contrarreforma, Iluminismo, Antigo Regime, Revolução Industrial e Revolução Tecnológica - como surgiram novos tipos de leitores paralelamente às novas produções editoriais e o aparecimento das mulheres, crianças e operários como leitores no século XIX. As revoluções são consideradas elementos históricos indispensáveis no estudo da história da leitura, sob a perspectiva cultural aplicada por Chartier e, portanto, caracterizam a variabilidade histórica do hábito da leitura, assinalando os momentos de ruptura, de passagem e mudanças no contexto histórico. Ao preocupar-se com a historicidade da leitura, o supracitado compreende que o ato de ler não é fixo no tempo e espaço, ele se multiplica em forma, técnica, suporte, sentido.

O historiador desenvolve seus estudos considerando as revoluções detectadas no passar dos séculos de leitura, desde o surgimento da escrita alfabética, na Grécia do século VIII a.C., até nossos dias. Destacam-se entre elas uma revolução, que é entendida como de suporte, consequência da passagem dos livros de rolo para os de códice. Esta mudança acarretou incontáveis alterações em todo o universo da leitura, e a forma de manuseio do livro é só uma das mais impactantes. A passagem do tempo e dos agentes históricos tem grande relevância sobre a leitura, que é histórica e, portanto, tem sua compreensão atrelada a datas,

que especificam toda uma conjuntura social, que irá influenciar na forma como figura a leitura em determinada época e lugar, logo, o uso dos textos.

A apropriação está ligada à forma como se concebe, no sentido amplo do termo, a leitura, desde o meio como vemos os possíveis usos dos textos até as informações neles contidas. Ela também está ligada às diversas práticas e interpretações, tanto do conteúdo escrito como do conteúdo visual (capa, cores, tipo de papel, suporte etc.). Desta forma, o texto é maleável dentro do ambiente social, que toma formas e funções diferenciadas segundo distintos contextos. Chartier compreende usos para o livro além do armazenamento de informações e suas leituras. Declara ainda: “Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes” (CHARTIER, 2004, p. 173).

Chartier observa o mecanismo da apropriação através da distribuição do livro, em que destaca sua desigual divisão, a qual mascarou a pluralidade de usos e também levou ao esquecimento o fato de os textos serem sempre tomados de uma rede de práticas culturais e sociais, que lhe dão sentido.

A abordagem estatística que, no passado, pareceu dominar a história cultural francesa e que visava, antes de tudo, medir a desigual divisão social de objetos, de discursos, de atos colocados em séries não poderia, portanto, ser suficiente. Supondo correspondências demasiado simples entre níveis sociais e horizontes culturais, apreendendo os pensamentos e as condutas em suas expressões mais repetitivas e mais redutoras, semelhante abordagem perde o essencial, que é a maneira contrastada como os grupos e os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que compartilham com outros. (CHARTIER, 2004, p. 13).

O apoderamento também pode ser percebido no processo de difusão do impresso, que ocorreu gradativamente e teve forte aumento nos anos de 1660 e 1780, levando a uma significativa diferenciação das leituras, portanto, a uma multiplicação dos sentidos e usos atribuídos a elas (CHARTIER, 2004, p. 232). Esse movimento ganhou força com fortes práticas até então despercebidas, como o surgimento das bibliotecas públicas, dos gabinetes de leituras, das locadoras de livros, do hábito dos empréstimos entre conhecidos, além das formas de leitura em público, normalmente de cartazes, folhetins e pasquins (CHARTIER, 2004, p. 112-116). Mas Chartier declara que o novo nível de circulação de textos chegou a efeitos possivelmente contraditórios, pois de um lado permitiu manifestar as novas disciplinas, como as da fé, da civilidade, ou das técnicas; por outro lado, possibilitou através

da informação apreendida ou ficção investida uma libertação das repetições obrigatórias de um cotidiano estreito (CHARTIER, 2004, p. 233).

A contradição exposta ocorre por causa de dois veículos: coerção e liberdade. As coerções são as leis, o direito e as regras escritas ou não da sociedade. São todo um conjunto de imposições sociais que limitam a liberdade de ação, de invenção e de apropriação na leitura. Elas podem vir, inclusive, de quem lê, por meio das autocensuras, conscientes ou automáticas, resultados de uma educação formalizadora. Entre os elementos de coerção, temos as estratégias editoriais, as censuras de estado ou instituições, direitos autorais, a própria estrutura textual, as expectativas do leitor para com o texto, as opiniões alheias sobre ele, as condições físicas de leitura e muitos outros (CHARTIER e CAVALLO, 1998, p. 37). As liberdades vêm da capacidade de os leitores se apropriarem dos textos, dando-lhes um novo sentido, segundo suas expectativas de leitura. É o espaço livre entre as coerções em que o leitor interpreta o conteúdo e os usos dos textos e age por conta própria. Mas também nada determina que ele não possa transpor as coerções e agir além delas.

No interior dos territórios assim propostos aos seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas. Essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor. As armadilhas que lhe são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta, estão na proporção da inventividade rebelde que sempre se supõe existir sobre ele (CHARTIER e CAVALLO, 1998, p. 38).

Desde a invenção da escrita, as práticas de leituras não pararam de se transformar. Lê-se em voz alta, em família, ou sozinho, em silêncio. E sobre as diferentes formas do ler ao longo da história, Chartier pontua:

Há uma dupla dimensão – morfológica e cronológica. Podemos recuperar momentos nos quais as condições de possibilidade de leitura se transformam massivamente. Num longuíssimo desenvolvimento medieval, cada vez mais leitores puderam ler como lemos, isto é, silenciosamente e com os olhos, enquanto a leitura oralizada era tanto uma forma normal de partilha do texto entre letrados quanto uma das condições de compreensão do texto. Os progressos da leitura silenciosa e visual têm como causa e consequência uma nova forma de inscrição dos textos, em particular a introdução da separação entre as palavras, que não existia na maior parte dos textos latinos. É uma das grandes revoluções da leitura (2008, p. 6).

Na perspectiva da nova história cultural, a história da leitura tem por objetivo primordial compreender como as pessoas leram e deram sentido às mensagens existentes nos textos de diversas naturezas. Porém, a atividade da leitura é extremamente subjetiva e acessar o mundo dos leitores comuns e percorrer os caminhos das suas leituras é uma tarefa desafiadora, mas necessária porque a historiografia tem demonstrado a relevância para os estudos históricos da inserção do cotidiano das pessoas comuns nos acontecimentos do ponto de vista histórico. De acordo com Burke:

Igualmente difícil de descrever ou analisar é a relação entre as estruturas do cotidiano e a mudança. Visto de seu interior, o cotidiano parece eterno. O desafio para o historiador social é mostrar como ele de fato faz parte da história, relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos, como a Reforma ou a Revolução Francesa, ou a tendências de longo prazo, como a ocidentalização ou ascensão do capitalismo (1992, p. 24).

Assim, o movimento da NHC e da história da leitura produziu efeito sobre a vida cotidiana de pessoas que eram deixadas de fora da sociedade. E “a narrativa retornou junto com a preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos” (BURKE, 2008, p.158).

Diante do exposto, percebo a caminhada leitora de idosos comuns como um estudo estreitamente ligado à história cultural e à história da leitura e, assim sendo, descrevo no tópico seguinte as trajetórias leitoras vivenciada por cada sujeito da pesquisa.

3.2 Deuses recontando suas trajetórias leitoras

“É contando suas lembranças que o velho reconstrói sua história, dando sentido ao passado, ao presente e ao futuro” (CHERIX, in BARBIERI e BAPTISTA, 2013, p. 149). Corroborando a importância de o idoso dar sentido à sua vida ao contar suas lembranças, discuto nesta seção os dados produzidos a respeito das histórias de leitura imbricadas na trajetória vivida por cada sujeito participante da pesquisa, trazendo suas implicações em suas vidas.

Para melhor conhecer os sujeitos da pesquisa, nos momentos de entrevista, fiz questionamentos referentes às suas origens, a questões familiares e educacionais, ao seu envolvimento com diferentes materiais de leitura e às memórias de leitura – foco principal

dessa pesquisa. Assim, nas primeiras questões norteadoras da entrevista aberta, os participantes explanaram sobre sua origem, convívio familiar, percurso escolar e profissional, revelando momentos íntimos e profundos de suas vidas, alguns dos quais já abordados no primeiro capítulo dessa dissertação. Os idosos falaram livremente e, por vezes, questões referentes à leitura estavam implícitas ou apareciam em suas falas, mesmo não sendo perguntas direcionadas à sua trajetória leitora. Outras interpelações tinham como foco trazer à tona relatos específicos sobre a caminhada de leitura do idoso, enfocando especialmente como se constituíram leitores, que memórias trazem das leituras realizadas e quais suas implicações ao longo de sua vida. Com base no roteiro da entrevista, defini as seguintes categorias para melhor nortear os dados do material produzido:

- Infância, conjuntura familiar e leitura;
- Escola: o espaço da leitura;
- Leitura: o seu lugar na vida dos idosos;
- Repertório de leitura: constituindo acervos;
- Memórias, importância e implicações das leituras.

3.2.1 Infância, conjuntura familiar e leitura

O ambiente familiar pode ser visto como próprio de um indivíduo, onde grande parte significativa da sua vida pessoal se desenrola, sendo assim uma referência de identidade para o sujeito. Segundo Kleiman (1998), ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes, que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados, por isso, é importante considerar a fase infantil dos participantes da pesquisa. Dessa forma, nessa categoria, trago um pouco dos relatos sobre a infância dos idosos, especialmente no que se refere às brincadeiras que vivenciavam e às atividades que desenvolviam nesse período de suas vidas, com o propósito de conhecer se tinham contato com o universo leitor e se a leitura era também usada como um meio de entretenimento e de prazer. Também procuro perceber se conviviam com leitores em casa e se o contexto familiar exerceu influência para a formação leitora de cada um dos participantes da pesquisa.

É fundamental o papel que a família desempenha no desenvolvimento favorável em relação à leitura, da importância de que os pais ou outras pessoas da família como avós e tias,

por exemplo, sejam os primeiros mediadores de leitura, que criem um ambiente propício para a criança despertar o interesse pelo ato de ler, permitam desde a mais tenra idade manuseio de livros ou contem histórias em voz alta.

De acordo com Cosson:

Para além da adequação à vida escolar, a leitura antes de dormir também é incentivada por ser uma forma importante de introduzir a criança no mundo da escrita. Entre os seus benefícios estão o aumento do vocabulário, uma maior compreensão do funcionamento da leitura, mais habilidade no uso de livros, o fortalecimento da leitura como prazer e, obviamente, das relações entre pais e filhos (2014, p.105).

Assim, o contato com a leitura pode proporcionar muitos benefícios para criança. Mas os idosos desfrutaram dessa vivência? Tiveram, durante a infância, influência leitora por parte de seus familiares? Para dar resposta a essas questões, trago a suas falas sobre como percebiam a leitura no ambiente familiar.

Afrodite foi bastante enfática ao relatar que não conviveu com familiares leitores. “*Não. Minha mãe sabia ler, mas não tinha interesse*”. Outros idosos mostram uma ascendência mais substancial dos familiares em relação à leitura, como nos casos de Morfeu e Eros, que expressam o convívio com leitores em casa.

*Minha irmã, até hoje nós trocamos livros. Nós somos “comedores” de livros. Ela está com oitenta anos. Meu pai também gostava de ler. Só quem gostava menos de ler era minha mãe. Ela também lia..., mas meu pai, puxa vida!, passava o tempo todo lá no quintal. Eu sempre vi ele lendo, ele gostava muito de ler e minha irmã então... Até hoje nós trocamos livros. **Minha irmã gostava mais de ler era livro de aventuras, tinha um que a gente lia sempre.** E meu pai gostava mais de ler o que falava assim do..., porque ele era funcionário público, ele lia mais textos informativos, jornais. Mas só tinha um jornal em Poções, na época, era o Jornal de Poções (MORFEU, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

No caso de Morfeu, a irmã e o pai tiveram papel importante em sua formação leitora, pois, em sua fala, cheia de suspiros, recorda como eles gostavam de ler e até lembra os tipos de textos prediletos de cada um deles. O pai tinha preferência por textos informativos e a irmã, por livros de aventura. Inclusive algo que merece destaque é que ao dizer “... *tinha um que a gente lia sempre*”, subtende-se que lia junto com ela ou lia o mesmo livro que ela. Morfeu evidencia também a contínua troca de livros entre ele e a irmã.

Eros manifesta forte influência paterna:

A primeira pessoa que eu vi centenas de vezes lendo era o meu pai. Meu pai era um homem que veio da Guatemala para construção da linha férrea de Petrolina ao Piauí - a Paulistana - e ele era um homem, que modéstia à parte, tinha boa cultura e ele além ainda de ter os livros dele tinha aquela Bíblia, a Bíblia chefe, aquela bem grande que ele deixava aberta no pedestal e ele deixava lá e todo dia folheava uma página e lia para nós, antes das refeições. Ninguém iria comer, mesmo que viesse da roça, com as mãos sujas, tinha que lavar as mãos, ficar ali, abaixar a cabecinha. Eram dez filhos e mais dois adotivos, doze. Meu pai era Melquíades, meu Melquíades que eu tanto amo e minha mãe Andrelina, grande cabocla. Ficavam ali e ele dizia: “Vocês vão ouvir primeiro a palavra de Deus e depois que vão comer”. Por isso que eu até hoje sou um perseguidor da cultura, eu acho que cultura é alimento e deve ser bem ingerido, quer dizer, preparado pra ser ingerido. Eu falo sempre: “Quem não persegue a cultura dessa maneira, eu acredito que não chega aonde quer chegar.” (EROS, Entrevista 2015).

Assim como no relato de Morfeu, o de Eros mostra a ascendência paterna diante do seu interesse por ler, por buscar “cultura”. Na história de vida desses dois sujeitos, a leitura coletiva e em voz alta está presente, havendo predominância da oralidade e da mediação, na qual, segundo Rocha (2011, p. 75) “... sobrepõem-se o narrador oral e a figura do leitor.”

Ainda, de acordo com o mesmo autor,

A reunião de pessoas em torno do livro e a leitura compartilhada sinalizavam a constituição de uma pequena comunidade de leitores que, enredados nas tramas das narrativas, atentos, faziam dessas ocasiões momentos de convívio e de troca, gerando discussões e conversas entre membros da mesma família (ROCHA, 2011, p. 77).

É o que acontecia com Morfeu e Eros na medida em que se reuniam em torno do livro juntamente com suas famílias. Este último viveu até os 16 anos em fazenda, portanto, na zona rural, e assemelhando-se à pesquisa realizada por Roger Chartier sobre a leitura dos camponeses na França, no século XVIII, a leitura em voz alta e em família era algo comum “... a leitura camponesa se caracterizava como comunitária e familiar, como escuta de uma fala leitora” (CHARTIER, 2004, p. 254).

O destaque de suporte leitor na casa de Eros também era a Bíblia, algo muito comum entre as famílias, em que a leitura religiosa fazia parte do cotidiano, contudo essa prática tinha como foco a formação religiosa dos filhos, não a formação leitora do indivíduo. A Bíblia é um documento de caráter histórico que expressa uma cultura milenar, constituindo-se numa fonte de sabedoria e é possível que sua leitura esteja relacionada ao fato de que ela funciona como uma espécie de guia ético-espiritual, como uma fonte de ensinamentos religiosos de caráter fundamental para o estabelecimento da moral humana.

É de se presumir que muitas sejam as modalidades de leitura da Bíblia e não me cabe aqui abordá-las, mas é necessário destacar que existe uma forte aliança entre a história da leitura e a leitura da Bíblia, como mostram os depoimentos presentes na pesquisa de Chartier, em que a leitura religiosa também era predominante,

Duas testemunhas nesse caso: Bernadau (“... Nas longas noites de inverno, eles lerão durante uma meia hora, para toda a casa reunida, alguma vida de santo ou um capítulo da Bíblia”); e Joly (As pessoas do campo não deixam de ter gosto pela leitura, mas dão uma justa preferência às obras de sua condição. No inverno principalmente, eles leem ou mandam seus filhos lerem, em família, livros ascéticos”) (CHARTIER, 2004, p. 254).

Em pesquisas mais recentes como a descrita em *Retratos da Leitura no Brasil* de 2007, a Bíblia está em primeiro lugar quanto aos gêneros mais lidos, considerando várias categorias utilizadas na pesquisa. Ou seja, é mais lida tanto por homens como por mulheres, também considerando os leitores por escolaridade, é mais lida entre leitores que têm até o 5º ano, do 6º ao 9º ano, ensino médio e ensino superior. E também foi o gênero mais lido entre todas as idades (ANORIM, 2007, p. 175 - 177). Na mesma pesquisa realizada em 2011, a Bíblia está como segunda colocada entre os gêneros mais lidos, ficando atrás apenas dos livros didáticos, ainda assim, pela ínfima diferença de um ponto (FAILLA, 2011, p. 290). Quando as mesmas pesquisas trazem os livros mais marcantes na vida dos leitores, a Bíblia aparece como o primeiro da lista tanto em 2007 como em 2011. O mesmo acontece em relação ao quesito último livro que o leitor leu ou está lendo (ANORIM, 2007, p. 179 - 180), (FAILLA, 2011, p. 292-293).

A Bíblia está presente em várias práticas de leitura, é lida e manuseada de diversas formas, portanto, diferentes finalidades e habilidades da leitura são evocadas em seu uso. Eros revela que até hoje persegue a cultura em virtude dessa prática do pai de ler um trecho da Bíblia antes das refeições, e ainda faz um paralelo entre cultura e nutrição, utilizando-se de uma metáfora para comparar o processo de ingerir bem os alimentos com o processo de adquirir cultura. Isso leva a crer que a religião funciona também como incentivadora da prática de leitura. Ele também relembra a preocupação do pai em colocar os filhos para treinar a leitura.

Aí ele dizia: “Venha cá, leia aqui esse trechinho”. Começou pela mais velha, Helena, a minha primeira irmã, depois veio o homem, Geraldo, aí foram os outros, Hortêncio, Fortunato, José de Sousa, Otacílio, Ângela, Maria e Eva. Ao tempo que íamos aprendendo, meu pai botava pra ler nem que fossem duas linhas, que era pra

treinar e depois fomos crescendo e cada um tomando conta da sua responsabilidade (EROS, Entrevista 2015).

Seu relato sobre a prática do seu pai mostra uma estratégia de leitura utilizada para que o filho aprendesse a ler antes mesmo de frequentar a escola. Neste caso, para alfabetizar, não para despertar interesse, pois a inquietação dos pais era que o filho aprendesse a ler.

Uma outra idosa, mesmo não tendo pais ou irmãos que lessem, traz na lembrança outro parente que presenciava, em contato com livros. É o caso de Atena.

Nem minha mãe lia, nem meu pai lia, eram eles dois e eu era a mais velha. Se meu pai não lia, minha mãe não lia, eu não via ninguém lendo, né? Agora tinha uma prima de minha mãe que já tinha seus 12 anos quando eu era pequenininha, e ela estudava e era quem eu via lendo. E era os livros dela que eu pegava pra folhear. Foi a única pessoa que eu vi lendo (ATENA, Entrevista 2015).

Mesmo de forma indireta e acredito que sem ter consciência do seu papel, a prima de Atena é também uma mediadora. Muitas vezes nos concentramos na escola por ser a maior agência de letramento, como afirma Ângela Kleiman (2007), porém vemos que a mediação da leitura não está apenas na escola, mas ocupa outros espaços. Assim, a escola parece não ter tido um papel preponderante.

Apolo não vinha de uma família leitora, mas ainda assim, de alguma forma, seu pai lia, pois indica que mesmo seu pai não sabendo ler muito bem, o via ler e ao ouvi-lo memorizava o texto lido pelo pai. “*Papai sabia ler, que o livro de “Zé Pretinho” eu vi ele ler, aí eu decorava. Ele não sabia muito, mas também era meio desembaraçado, o que eu via meu pai ler eu segurava, ia segurando na mente, até agora. Na escola, eu não consegui não*”. Mas mesmo não lendo muito e nem bem, de alguma forma o pai de Apolo lia.

Em sua fala, Apolo traz uma característica sua de memorizar, no sentido de decorar o que o outro lia, evidenciando uma relação negativa com a escola, pois lá não conseguiu sequer memorizar algo. A leitura aprendida dessa forma era resultado de um processo que começava ouvindo os outros lerem em voz alta, memorizando certos textos. “*O livro é indispensável: o texto lido em voz alta pelo pai de família ou pelo catequista é seguido em silêncio com os olhos pela criança que escuta. Nesse caso do escrito, o livro é um suporte da memória*” (CAVALLO e CHARTIER, 1999, p. 61).

Na continuidade de seu relato, Apolo declara que sua mãe não era alfabetizada e mais uma vez revela sua facilidade em “gravar” o que escuta do outro.

Minha mãe, quando eu comecei a pegar na mão dela pra fazer o nome dela, ela morreu. Ela não sabia escrever nada, nada, nada. Mas eu pensei que minha mãe sabia ler porque o que ela via o pastor falar, ela memorizava. Sabia a Bíblia quase toda, tinha um salmo, o salmo 19, ela sabia todo de cor. E eu sou igual a ela, se eu ouvir uma coisa e me interessar, eu gravo logo e não esqueço nunca (APOLO, Entrevista 2015).

Apolo traz no seu relato a presença do texto bíblico em sua casa. Há pesquisas que retratam a constante circulação da Bíblia nas cidades nordestinas, como retrata Besnosik (2002): “Encontram-se, principalmente no Nordeste, muitos relatos de experiências de comunidades no sertão, que atestam ser a Bíblia e alguns outros livros religiosos, como a Missão Abreviada¹⁰, realmente os únicos contatos com o texto escrito”. E esta forte circulação resultava na memorização de textos religiosos, fato muito comum entre os analfabetos, pois, não raro, ouvem a leitura coletiva em voz alta ou a citação habitual dos textos sagrados disseminados pela cultura oral. Ainda, segundo Besnosik (2002), “A maioria das pessoas memorizava os trechos da Bíblia e os recitava como se estivessem realmente lendo o texto escrito”. Era o que acontecia com a mãe de Apolo, que sabia a Bíblia de cor e por isso ele pensava que a mãe lesse.

Vemos nesses relatos a presença de mediadores de leitura. De acordo com Petit (2009, p. 149), esse mediador pode ser “... com frequência, um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, [...], até um amigo ou alguém com quem cruzamos”. No caso desses idosos, o mediador mais frequente foi o pai e de forma mais singular Atena teve como mediadora uma prima. Mas o que mais importa é que, independentemente de quem seja o mediador, o papel que ele desempenha é muito importante e pode contribuir para mudar a vida de uma pessoa. Como afirma Petit (2009, p. 154), “O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida.”

Em seus depoimentos, os idosos que compõem o corpus desta pesquisa articulam a história pessoal com a história social, os costumes e as práticas dos grupos de que fizeram/fazem parte. Com isso, sugerem que o contato com a leitura pode ocorrer por intermédio de diferentes pessoas e de diferentes maneiras.

¹⁰ Missão Abreviada - versão resumida e popularizada da Bíblia. Segundo Câmara Cascudo: “*Os recursos de orações, explicações de fácil teologia, respostas às curiosidades irreverentes, regimes de jejuns, dietas sagradas, abstinências, catecismos, regras morais, tudo vinha da “Missão Abreviada”. As primeiras edições traziam receitas, astronomia, agricultura, hagiologia, horóscopo, previsões de tempo, mil coisas, como um ‘Lunário Prepétuo’.*” retirado do livro: CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

Por isso, ainda sobre o relato referente ao universo infantil, os idosos falaram sobre as brincadeiras e outras atividades que desenvolviam ou de que participavam durante a infância, mas, dos cinco entrevistados, apenas um aborda algo alusivo à leitura. Ao tratarem sobre as brincadeiras, com quem brincavam ou sobre outras atividades que praticavam quando crianças, não é citada, por nenhum deles, a leitura como um momento de lazer, de entretenimento. As falas de Atena e Afrodite representam bem isso. “*A gente só tinha oportunidade de brincar em casa com as irmãs, brincava de boneca, irmã com irmã e no grupo, na hora do recreio a gente brincava sempre de bola*”, diz Atena. E Afrodite relata: “*Eu morava em Salvador e os brinquedos eram os que hoje não tem mais. Brincava de roda e os pais no passeio e a gente brincando e aqui também com meus filhos, ficava tudo na porta e brincavam de boca de forno, anel anel...*”.

Nas falas de Atena e Afrodite, os momentos de recreação envolviam, principalmente, atividades de movimento como jogar bola e o brincar de roda, até mesmo quando Afrodite se desloca para a fase de infância dos seus filhos é esse tipo de brincadeira que rememora.

Assim como elas, Eros e Morfeu também relatam sobre os entretenimentos mais comuns quando crianças e ainda destacam a infância feliz que tiveram, a presença da família durante esse período, bem como a interação com outros meninos e meninas, mas sem nenhuma manifestação de contato com materiais de leitura.

Vejamos o que diz Morfeu:

Felizmente, eu tive uma infância feliz, graças a Deus! Uma infância feliz! Brincava de pão, brincava de arraia também. Meus pais não deixavam a gente muito na casa dos outros não. Na rua, a gente brincava com os filhos dos vizinhos, brincávamos de bola, fazia um campo de futebol na rua, mas tinha a hora de voltar pra casa. Minha mãe nunca gostou da gente incomodando vizinho, sem saber pra onde ir. Meus pais só chegaram pra eles dois filhos, foi eu e minha irmã. Mas nós tínhamos, também, uma tia que morava perto, morava na mesma cidade de Poções e que tinha mais filhos, então nós vivíamos em constante interação de uma casa pra outra. Nós morávamos vizinho, não vizinho, mas quase vizinho, então tivemos muita interação com os meus primos e com os vizinhos. O nosso maior folguedo era a brincadeira de roda, no São João era aquela alegria (Entrevista 2015).

Ouçamos Eros:

Quando eu era criança, morava na fazenda do meu pai, a nossa fazenda, fazenda Araçás. Nós brincávamos, era um tempo maravilhoso, era um tempo..., eu me refiro sempre, sem maldade. Nós brincávamos mais de peteca. Peteca era uma... , ou fazíamos de meia, da meia de nossos pais, ou fazíamos... começou a aparecer de couro, o pessoal vendia. Brincávamos também de cavalinho de pau, era um tempo... Ali ninguém tinha maldade, não havia maldade. Brincava garotos, garotas, todos

ali... Os vizinhos eram maravilhosos, deixavam seus filhos brincar à vontade. Fim de semana, ajuntávamos pra fazer um piquenique, muita gente no lugarzinho, no campo que tinha muito capim e ali surgia mais brincadeiras, correr um atrás do outro, ver quem pegava um animal daqueles mais manso, desse de caça, um cabrito, um carneiro ou até mesmo um porco. Quando tinha cavalo bem mansinho, a gente montava, um ia puxando o cabresto e o outro montado. Brincadeiras, além de peteca, tinha a de montar em cavalo de pau, brincar com brinquedos feitos sempre de madeira porque não existia civilização na época. Então aqueles brinquedos eram feitos na época por marceneiros, como o carrinho pra brincar. Mas o brinquedo mais oficial da época mesmo era peteca. Na Semana Santa mesmo, a gente ia pra algum lugar e só via peteca, todos os lugares era peteca ou então brincadeira de correr um atrás do outro, brincadeira de luta. Não tinha outras brincadeiras (Entrevista 2015).

Como evidenciam Eros e Morfeu, mais uma vez o entretenimento está voltado para as brincadeiras que aconteciam na rua, envolvendo o corpo. Salientam a interação com outras crianças, como primos e vizinhos, e falam da fase infantil com muito prazer, trazendo boas recordações. A fala de Eros foi recheada de reticências porque enquanto explanava sobre sua infância, suspirava e se calava, com frequência, mostrando saudade de momentos muito bons.

Eros, ainda, na continuidade de sua fala, evidencia uma relação íntima com os pais e irmãos no que se refere às brincadeiras. *“Ah!, nossos pais, meu pai, minha mãe, meus irmãos, a gente vivia sempre brincando, sempre correndo um atrás do outro, sorrindo, era uma maravilha”*. Também Morfeu descreve momentos de lazer com os pais. *“A minha infância foi muito feliz. Os pais levava assim... tinha uma represa e quando a gente ia, ele gostava de pescaria, me levava pra pescar.”*

Além das brincadeiras, nessa época em que eram crianças, alguns idosos se entretiam com outros afazeres, e surgem muitas coisas, mas não atividades abrangendo a leitura, como dizem Morfeu e Eros.

Como a cidade era muito perto do campo e lá distante três quilômetros passava um rio que chamava Rio das Mulheres, então nos domingos, geralmente, nossos pais iam com a gente. Nós tínhamos uma tia que morava na zona rural e nós íamos pra lá, era banho de rio, era pescaria, era uma beleza e a gente ia montar em cavalo. A gente adorava ir pra roça, pra ficar com essa tia nossa, era uma beleza viver assim no campo. A gente andava que nem percebia, era entrando no mato, brincando com os animais, vendo os passarinhos cantarem e tudo mais. Na época das chuvas, tinha muito umbuzeiro. Ia muito pro mato na época do Natal, minha avó era muito religiosa, ela armava um presépio em casa no Natal e a gente ia pro mato pegar aquela casca de árvore pra colocar no presépio, era uma alegria só (MORFEU, Entrevista 2015).

...fazia brinquedo de barro, fazia casinha de taipa, fazia casa de verdade pra o povo morar dentro e fazia casinha de brinquedo também como se fosse aprendendo a fazer uma casinha, e as meninas já diziam: “Quando eu me casar, minha casinha vai ser assim”, e fazia aquelas casinhas de barro, os meninos ajudavam, entendeu?

As coisas realmente da época era isso, entendeu? Porque naquela época, nós começamos a trabalhar com cinco anos de idade, todo mundo já trabalhava com cinco anos de ajudar o pai a pegar o jumento, levar uma carga de pinha na cidade, nas feiras dos dias de sábado, nós ali juntos, todo mundo trabalhava porque não tinha esse negócio porque menino não trabalha, todo mundo trabalhava. Trabalho nunca matou ninguém, trabalho é um incentivo. Então, naquela época, todos nós trabalhávamos (EROS, Entrevista 2015).

Entre as atividades realizadas durante a infância, aparece na fala de Eros o trabalho, fato não incomum em sua época, em que desde muito pequenos os filhos ajudavam os pais nas diversas tarefas. Também, no relato de Apolo a seguir, destaca-se o trabalho durante a infância, só que de forma diferente da de Eros porque, apesar de ajudar o pai na lida, ele teve mais oportunidade de brincar, já o outro diz não ter brincado muito, como externa em sua fala.

*Eu não brincava quase de nada porque pequeno a gente desenrolava fumo, catava baixeiro. Meu pai cortava o fumo, ia fazendo a ruma de fumo pra colocar na cerca, **praticamente não brincava não**, uma vez ou outra brincava de cavalo de pau e brincava de búzio, pegava as lesmas. Brincava com os irmãos, caçava muito passarinho de badogue, catar caju no pé, quando tinha caju, essas coisas. **Com os pais, brincava muito pouco**, porque sabe, pai e mãe cuida de outras coisas, pai ia trabalhar, mãe ia lavar roupa, buscar água na fonte. Brincava muito com cachorro, cachorro que criava lá. Lá no meu tempo, não existia praticamente rádio, ninguém tinha rádio, pra passar disco, tinha vitrola. **Meu pai contava o livro de história de Zé Pretinho**. Aí eu sabia quase todo. É um cordel que eu tenho em casa ainda. Lia na roça uma vez ou outra, porque não tinha esse tempo todo não (APOLO, Entrevista 2015) (Grifos meus).*

O que mais chama a atenção em seu relato é que ao falar sobre sua fase de criança, sem muito tempo para brincadeiras ou momentos lúdicos com os pais, destaca o fato de ouvir o pai contar a história do cordel de “Zé Pretinho”, fato que já havia citado anteriormente e que me parece tê-lo marcado a ponto de ter o cordel registrado na memória e guardado em sua casa até hoje.

O cordel, também chamados de folhetos, é uma literatura que teve início no Nordeste brasileiro, no final do século XIX, quando alguns poetas, que tinham o costume de fazer apresentações orais onde se encontrava grande público, conseguiram prensas manuais e assim iniciaram a impressão de poemas que tinham composto. Os folhetos abordam temas diversos como fatos do cotidiano, temas religiosos, episódios históricos, lendas, entre outros.

Segundo Márcia Abreu (in ROCHA, 2011, p. 129), “Os folhetos são preferidos, pois apresentam os fatos dentro de uma forma narrativa que confere coerência às ações e que os insere no sistema de valores próprio à comunidade. Além disso, são mais compreensíveis, por

serem apresentados em versos metrificados e rimados”. Talvez por essas características, o pai de Apolo tivesse essa afinidade com a literatura de cordel.

De acordo com os depoimentos, ficou clara a distância entre leitura e entretenimento na vida dos participantes da pesquisa, pois a leitura não esteve presente durante a infância como um momento para a criança se “divertir”, se “entreter”. Apenas Apolo, que, curiosamente, externou uma infância mais distante dos pais e com menos oportunidade de momentos de distração, mencionou contato com o mundo da leitura ao relatar sobre as brincadeiras e outras atividades que vivenciou.

Algo que também chama a atenção é que não aparece a contação de história nas lembranças apresentadas pelos idosos, visto que é uma das atividades mais antigas, que antecede o aparecimento da escrita.

Por muito tempo, contar histórias era uma prática habitual, sobretudo, no meio rural. E como alguns idosos tinham uma vivência campesiana, seria natural a presença dessa prática, no entanto, ela não foi destacada em nenhum dos relatos. Fica a pergunta: por que essa experiência de leitura tão comum na zona rural não aparece na trajetória desses idosos?

3.2.2 Escola: o espaço da leitura

Conhecer o processo de escolarização de cada participante da pesquisa foi fundamental, pois a escola é, ou pelo menos deveria ser, a maior responsável pela formação leitora do indivíduo e por isso nessa categoria trago alguns aspectos da trajetória escolar dos idosos, destacando lembranças que vieram desse período. Assim, eles traçaram um pouco da sua caminhada estudantil descrevendo como aprenderam a ler e a escrever, trazendo diversas recordações das escolas que frequentaram, do seu desempenho estudantil, dos colegas, professores e do período em que estudavam, elucidando aspectos históricos e sociais.

Alguns idosos iniciaram o processo de escolarização em casa, algo muito comum em sua época de infância, onde os pais ou um irmão mais velho inseriam a pessoa no universo da leitura, da escrita e dos números. O primeiro contato com a educação formal¹¹ só acontecia por volta dos sete anos de idade e por isso algumas crianças já entravam na escola sabendo ler e escrever, ao menos um pouco, foi assim com Morfeu e Afrodite.

¹¹É aquela que acontece na escola pela participação do professor e que tem os objetivos relativos ao ensino e à aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizado, regimentados por leis.

Era o seguinte, é porque antigamente não existia o programa da pré-escola, nem da educação infantil. Isso não existia ainda, então a escola, primeiramente, era feita em casa. A gente aprendia em casa as primeiras letras e alguma coisa da tabuada. A cartilha, o ABC era ensinado em casa. E minha irmã, que era mais velha do que eu sete anos, era minha professora, ela aprendia na escola e ela passava pra mim. A gente aprendia também a tabuada, a fazer conta. Antigamente, o curso primário começava aos sete anos de idade, hoje não existe mais, hoje é ensino fundamental. Entrei na escola aos sete anos já sabendo ler, não tão bem assim, mas já sabia alguma coisa. Quando a gente entrava lá, a professora marcava “que letra é essa?” pra gente ir falando (MORFEU, Entrevista 2015).

Comecei a estudar com sete anos, ia pra escola, tinha as coleguinhas. Foi ótimo! Quando fui pra escola, eu já sabia, já era alfabetizada. E o alfabeto quando eu cheguei aqui na Bahia era a, bê, cê, dê, é, fê, gê, agá, i, ji, lê, mê e o meu que aprendi com meu pai era do sul, era jota, ele, eme e eu senti um pouco de dificuldade para aprender o jeito daqui (AFRODITE, Entrevista 2015).

Mesmo com pais que tinham pouca escolarização, as crianças já entravam na escola sabendo ler, pois quando não eram irmãos ou os pais que ensinavam, estes procuravam alguém que o fizesse, normalmente uma professora particular, como ocorreu com Atena. Esse fato revela que os pais valorizavam a aprendizagem da leitura e da escrita, por isso buscavam uma maneira de os seus filhos terem contato com a cultura letrada.

É que naquela época não existia escola ainda lá na minha terra. Como minha mãe era preocupada, achava que a gente devia estudar, ela me botou com uma professora particular. Era só uma professora e uma aluna, porque não tinha aluno, porque o pessoal lá não ligava muito, mas ela botou essa professorinha pra me ensinar, se chamava Francisca e eu ia pra casa dela e lá ela me ensinou as primeiras letras, a soletrar. Quando eu fui para escola, eu já sabia, já conhecia todas as letras, já sabia juntar as sílabas. Foi quando apareceu uma escola, que eu não lembro como que foi, eu lembro que chegou uma professora de fora, chamada Zenira, e foi ensinar numa salinha na casa de dona Carlota. Eu não sei se era alugada, se era doada, eu sei que colocaram carteira, um quadro negro. E começou a ensinar ali, tinha uns alunos, vinham até dos sítios, da cidade mesmo era pouca gente, eu e mais uns, mas alguns vinham da roça. Aí eu acho que fiz o primeiro, segundo ano ali, quando já tinha o grupo escolar, não sei como chegou, eu sei que chegou o grupo e foi funcionar esse grupo escolar São Francisco de Assis e essa escolinha passou a funcionar lá. Lá eu fiz o primário todo, até o 5º ano (ATENA, Entrevista 2015).

O relato de Atena mostra a dificuldade no processo de escolarização pela carência de instituições de ensino mas, a partir do ingresso na educação formal, a maioria dos idosos entrevistados descreveu um percurso escolar positivo, trazendo recordações dos colégios que frequentaram, dos professores que marcaram, de materiais escolares que usavam ou outras lembranças da sua caminhada estudantil que vieram à tona, como mostra o depoimento de Eros:

*Olhe, veja bem, o meu processo inicial sobre aprendizagem, comecei em escola pré-primária, depois primária, aí eu estudei até primeiro ano do segundo grau. Agora não concluí por motivos superior, aliás, foi casamento, o motivo superior foi esse. Eu até hoje falo com a minha esposa que eu não gostei do casamento por causa disso (risos), porque eu parei de estudar para casar. E sempre, graças a Deus, como estudante, eu tive uma trajetória boa. Eu estudei inicialmente no pré-primário, eu comecei em escolinhas na fazenda. Meu pai era fazendeiro e existia professor que tava dentro da fazenda. Depois passamos pra cidade. Não tinha carro, nós íamos pra cidade a cavalo. Depois eu fui morar definitivamente na cidade, com uns 12 anos fui morar em Petrolina, daí eu comecei estudar no Colégio Dam Malan, aí depois fomos para São Paulo e lá eu comecei a estudar em outros colégios. **Eu tive uma infância sobre cultura, graças a Deus, até bem acompanhada, passo a passo, e como eu gosto muito de literatura, de cultura, que eu sigo até hoje, com a pequena idade que eu tenho (risos), continuo até hoje perseguindo cultura, perseguindo cultura, quer dizer, isso é uma luz que está sempre no meu caminho** (Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Eros teve um percurso escolar diferenciado, fato não muito comum na maioria das pessoas dessa idade que, normalmente, em função das condições socioeconômicas não apresentam êxito durante a fase escolar. Assim, destaca que até hoje segue os “passos” iniciados na escola e continua falando com admiração dos seus professores, o que assevera como eles marcaram a sua trajetória.

Eu tive bons professores, inicialmente, no primário, meu professor, era Padre Dam Malan, ele era estrangeiro e o colégio que eu estudei o primário era o colégio Dam Malan. Depois já na quarta série, eu estudei em um colégio por nome Gastão Guimarães e o diretor era um grande...falava seis idiomas, ele era o Reverendo, ele era da Igreja, Reverendo Celso Lola Dourado. Ele estudou nos Estados Unidos e quando voltou ao Brasil, ele falava seis idiomas, ele tinha muito conhecimento. Ele era diretor e professor e foi o professor que marcou mais na minha trajetória de aprendizagem. Ele inclusive é daqui da Bahia, dos Dourados de Irecê. Ele é um centro de grandes conhecimentos culturais. Foi o que mais se destacou. E tinha uma professora de português também, professora Cornélia, essa professora Cornélia da cidade de Petrolina, era uma professora que conhecia muito bem a literatura portuguesa. Esses são os professores que mais destacaram-se na minha trajetória. Então, depois, lá em São Paulo, eu fui morar em Osasco e estudava lá, fui estudar no colégio São Francisco de Assis, colégio de pessoas católicas. Estudei, também, em um colégio na Lapa, lá em São Paulo, em Pinheiros (EROS, Entrevista 2015).

Recordando os materiais que utilizava na época escolar, como o livrinho do ABC e a tabuada, Eros faz uma reflexão sobre as dificuldades encontradas pela falta de incentivo dos governantes para que as escolas funcionassem bem e em locais adequados, situação que ainda se faz presente nos dias de hoje.

Nós começamos... Naquela época não existia muitas facilidades culturais, por exemplo, retornando ao pré-primário, tinha a tabuada e “ABC” e eram livrinhos que vinham assim “ABC”, que eram aquelas primeiras aprendizagens das letrinhas do alfabeto português “ABC”, e na matemática de 1 até 12 tinha uma tabuadinha

que vinha assim “Tabuada”, que era também outro livrinho que a gente levava pra escola. E era muito difícil e as verbas que o governo dava pra aquilo... o Prefeito daquela época não ligava muito para o incentivo, como até hoje tem problemas, não dava muito incentivo para as escolas, e as escolinhas eles arranjavam uma sala em uma casa qualquer e ali botavam alguém como professor (EROS, Entrevista 2015).

Eros evidencia a carência de materiais de leitura ao lembrar apenas desses livrinhos do “ABC” que, na verdade, são as cartilhas, que sempre foram tão comuns no processo de alfabetização, como destaca Besnosik (2002) em sua pesquisa sobre encontros de leituras com professores da zona rural: “A cartilha constituía-se objeto de valor num lugar onde a escassez de livros era muito grande [...] por serem, muitas vezes, o único material escrito a que professores e alunos tinham acesso.”

Para Morfeu seu processo de escolarização foi tranquilo, sem sobressaltos, mas ele destaca a ajuda da mãe e da irmã como fator preponderante para esta tranquilidade.

O processo de iniciação à leitura foi tranquilo porque a minha irmã, ela gostava de ensinar e tudo que ela sabia ela repassou pra mim, então não senti muita dificuldade e quando não era ela, era minha mãe que me ensinava, elas se revezavam. Mas depois eu tive que me esforçar pra prosseguir, mas prossegui tranquilamente, não tive problemas (MORFEU, Entrevista 2015).

Esse idoso teve duas mediadoras, a mãe e a irmã, fato que favoreceu a tranquilidade a que se refere no percurso escolar. Ele também traz boas lembranças desse período e do bom relacionamento com os professores. Manifesta o fato de a professora emprestar materiais de leitura, de gostar de ler e de continuar lendo na adolescência.

*Meus professores na época eram pessoas... às vezes, iam lá em casa. Modéstia à parte, eu era bom aluno, era comportado, respeitava os professores. Nunca tive problema. **A professora me emprestava até livros, histórias em quadrinhos. Também gostava de ler, tinha Tio Patinhas, Batman e Robin. Foi um período muito bom. Na adolescência, continuei lendo** (MORFEU, Entrevista 2015) (Grifos meus).*

Ao trazer recordações sobre o período escolar, observa-se que Morfeu destaca seu apreço pela leitura, gostava de ler revistinhas em quadrinhos. Mas é muito relevante em seu relato a presença da professora como mediadora de leitura e vemos que, apesar de não ser regra geral, existiam e existem professores que buscam ou buscavam despertar o interesse da leitura em seus alunos, a paixão pelos livros ou outros suportes de leitura. “... ainda que a “escola” tenha todos os defeitos, sempre existe algum professor singular, capaz de iniciar os

alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera” (PETIT, 2009, p. 158).

Atena também traz a marca das primeiras professoras, como descreve a seguir,

A professora Zenira se destacou muito. Ainda hoje, sempre que a gente vai lá (refere-se à sua cidade de origem) tem aquele maior carinho por ela, porque considero a minha primeira professora. Quem me alfabetizou foi Francisca, mas quando eu saí de Francisca, fui estudar com Zenira, ela era diretora e professora, porque ela começou como professora nessa escolinha na sala, quando foi pra o grupo, era ela diretora e professora (ATENA, Entrevista 2015).

Na história da leitura a figura do mediador sempre esteve presente: “O jovem, fosse ele príncipe, nobre ou clérigo, não mergulhava sozinho nos livros dos antigos, para nadar ou afogar-se” (CAVALLO e CHARTIER, 1999, p. 27).

Desde muito pequena, Atena mostrava curiosidade pelos livros e gostava de buscar gravuras para fazer leituras. Evidencia também a alegria ao se descobrir alfabetizada, sabendo ler, e a ansiedade por ler tudo que via pela frente.

Lembro quando me alfabetizei. Foi bom pra mim porque eu era muito curiosa. Eu já gostava de folhear livros mesmo sem saber ler, eu folheava os livros sempre com aquela esperança de ver uma figura e não encontrava a figura, mas eu gostava de folhear. Quando eu descobri assim que já sabia ler mesmo pra mim, foi muito bom porque eu gostava mesmo de ler. Tinha uma tal de cartilha, já tinha aquelas histórias, eu me lembro bem que tinha num sei o quê, num sei o que Fred ou então Claudio, Dora, eram as pessoas, os personagens da leitura, isso ficou na minha mente. Foi muito bom pra mim quando descobri que sabia ler, então tudo pra mim eu queria tá lendo, eu queria tá olhando as letras na loja, em todo lugar eu gostava de ler (ATENA, Entrevista 2015) (Grifo meu).

A fala de Atena demonstra que a alfabetização foi uma etapa marcante em sua vida, pois sempre teve apreço pela leitura, até mesmo antes de se alfabetizar.

Afrodite praticamente não trouxe recordações sobre o período escolar, salienta o que gostava de fazer: “Eu gostava das histórias. Eu sentava com as amiguinhas e costumava dizer oh! a história! e lia as histórias no livro”. Ela se deteve a nomear a escola, a diretora e a professora. “A diretora era Professora Beatriz Carneiro, era diretora da Escola Primária Arão Carneiro, ficava no Largo da Soledade, e minha Professora chamava Lourdes de Guimarães.”

Bosi (2013, p. 31) diz que “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através

de índices comuns”. Percebi isso no relato de Afrodite, quando em meio a suas escassas recordações escolares de repente relembra a preocupação do pai com o ensino, e fala o porquê do seu nome. *“Meu pai colocou meu nome por conta de uma política de lá do Norte e ele colocou meu nome por causa dela. Disse eu quero que você seja como a Deputada..., que ela sabe e, por isso, tinha o cuidado de me ensinar. Quando cheguei à Bahia já estava alfabetizada.”* Afrodite teve na figura do pai um mediador.

Todos os idosos passaram pelo exame de admissão¹² e também era comum acontecer uma interrupção nos estudos pelo fato de alguns municípios não oferecerem o curso ginásial e muito menos o ensino médio. Então a alternativa era se deslocar para outra cidade ou esperar que a cidade onde residiam passasse a oferecer o ginásio ou ensino médio. Os relatos seguintes abordam esses aspectos.

Admissão era quando chegava no sexto ano. Aí ia fazer a admissão que era hoje em dia a quinta série. Mas naquela época, admissão era que nem como fazer vestibular. Eu fiz admissão, tive boa nota, modéstia à parte. Aí o Prefeito de Petrolina, através de um político, me contratou para ensinar lá na região, então eu fui ensinar na escolinha dentro da fazenda do meu pai e eu ensinei vários anos, uns três anos, ganhando pela Prefeitura, depois foi que nós fomos embora para São Paulo (EROS, Entrevista 2015).

Após o exame de admissão, Eros atuou como professor leigo. O ingresso desses profissionais no mercado de trabalho tem raízes históricas nas reformas pombalinas, passando pelo Império, República até nossos dias, situação que mostra a carência de professores com formação no magistério na zona rural.

No decorrer dos relatos, os idosos mostram que estudar não era fácil, pois a influência de determinadas condições familiares e o não oferecimento da educação formal interferiam na continuidade do estudo.

Chegou o quinto ano, não tinha mais nada pra fazer, fiquei sem estudar. Depois de uns três anos, eu fui estudar num colégio fora, em Cajazeiras, Colégio Nossa Senhora de Lurdes, era um colégio de freira, fui estudar interna. Lá eu fiz o exame de admissão, aí não passei, passei em português, matemática e geografia, aí quando foi em história eu não passei, aí voltei pra minha terra. Depois de uns quatro anos de novo eu sem fazer nada, me sentindo assim, vazio, aquele vazio sem ter o que fazer, não tinha bordado, não tinha nada, às vezes quando tinha um bordadinho que eu gostava, aí eu falei pra meu pai que queria estudar fora. Era época que minha mãe já estava doente, a gente foi esperar ela se recuperar, achando que ela se

¹² O exame de admissão constituía uma prova para acesso ao ginásio. Foi instituído, em nível nacional, no ano de 1931, e perdurou oficialmente até a promulgação da Lei nº 5692/71, quando foi instaurado o ensino obrigatório de 1º grau, com duração de oito anos, integrando os cursos primário e ginásio em um único ciclo de estudos.

recuperava, não se recuperou, aí não fui estudar. Passou mais um ano ou dois, aí eu fui estudar fora porque já não tava me dando bem com minha madrasta. Minha madrasta era um pouco carrasca comigo e com meus irmãos. Aí eu falei: “Ah!, meu pai, vou estudar fora”. Aí eu fui estudar no Crato, lá eu passei seis anos, foi onde eu fiz até o ginásial (ATENA, Entrevista 2015).

Depois dos cinco anos do curso primário, tinha a admissão para o ginásio. Que na época eu levei um certo tempo sem estudar porque não existia o curso de ginásio em Poções. Quatro anos depois, foi que eu fui fazer admissão. E o ginásio eram três anos. Depois do ginásio, é que vinha o curso médio. O roteiro era esse: o curso primário, admissão ao ginásio, ginásio e depois entrava no curso médio (MORFEU, Entrevista 2015).

Diferindo dos idosos já mencionados, Apolo praticamente não frequentou a escola e expressa não entender como conseguiu a prender a ler.

***Eu não sei por que eu aprendi ler.** Eu leio porque eu vou juntado uma letra com a outra, baseado no meu nome. Baseado, também, nas propagandas comerciais que eu via pelas estradas, aí eu fui juntando as letras, aí eu fui encaixando. É tanto que eu não escrevo uma letra agarrada na outra, eu escrevo com espaço, sabe? Eu aprendi, perguntando a minha mãe, como é meu nome? Aí pronto, juntando as letras, eu fiz. Agora o sobrenome foi que complicou mais, meu irmão que me ensinou. Também aprendi vendo os outros ler. Eu pouco fui em escola, passei lá pouco tempo, ainda pequeno. Meu professor, Pedro Paulo, ele fazia a letra e eu cobria a letra que ele fazia (APOLO, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Acredito que Apolo seja um autodidata. Jean Hébrard, educador e pesquisador francês, um dos principais especialistas em cultura escrita, critica o ensino da leitura na escola, que considera o aluno como uma “cera mole” a ser transformada pelo poder do livro. O teórico francês contrapõe a essa visão a questão de boa parte dos estudos sobre leitura das duas últimas décadas, que apresentam uma imagem diferente do ler e de sua aprendizagem. As pesquisas de Hébrard tinham como foco o indivíduo e suas relações com o escrito no século XVII, em que ele analisa a trajetória de Valentin Jamerey-Durval, que se apropriou do mundo da escrita e da leitura de forma autodidata. Assim como Valentin Jamerey-Durval, Apolo veio de um nível baixo na escala social e conseguiu, por outros meios que não a escola, alfabetizar-se. Ele explica por que quase não frequentou a escola.

Os colegas meus, os filhos de Miguel e Mariquinha, estudavam por lá. Agenor, Beto e Zezito fazia o errado e dizia que era eu, aí bolo em mim... Aí sabe de uma coisa, nunca mais piso na escola. Não tinha vontade, minha vontade era de dirigir caminhão, desde pequeno, aí eu não fui mais de jeito nenhum. Eu pegava o badogue, pegava a capanga, enchia de pedra para caçar passarinho, matar rolinha, matar nambu, preá, aí chegava em casa com nambu, preá, e meu pai falava: “Vamos pra escola?” Eu não quero ir pra escola não, pai. “Se você não for, você

vai apanhar”. Ele nunca me bateu e eu também nunca fui e meus pais não se incomodavam. Aí eu fui com minha própria experiência da cabeça, aí eu fui juntando as letras e fui... (APOLO, Entrevista 2015).

Por problemas de relacionamento com os colegas e por punições sofridas indevidamente, Apolo deixou a escola antes mesmo de se alfabetizar. E ele tinha consciência de que seus pais não se importavam com isso. Fica evidente que sua família não tinha uma percepção da importância do estudo, ainda que o tenha, inicialmente, enviado para escola, não fez nenhum esforço para sua continuidade. Entretanto, o próprio Apolo sentiu a necessidade de aprender a ler e de forma autodidata conseguiu ler e escrever, situação que corrobora os estudos de Jean Hérbrad (1996) quando afirma que “o autodidatismo se assinala e se revela em numerosos casos, através da autobiografia espontânea ou provocada” (p.39).

O convívio com o ambiente escolar representa um grande marco na vida de alguns dos idosos entrevistados, à exceção de Apolo, que teve um contato muito superficial com o ensino formal e não traz boas recordações, pois no colégio sofreu injustiça e não teve oportunidade de aprender. Afrodite não apresentou muitas lembranças do período em que estudou. Já Eros e Atena trazem muitas e acreditam que a escola lhes tenha proporcionado uma boa formação. Em relação à proximidade com o universo da leitura, ressalto a trajetória estudantil de Morfeu, que foi o único entrevistado a salientar algum aspecto vivenciado que contribuiu mais eficazmente para sua formação leitora, pois disse que sua professora emprestava livros, o que colaborou para desenvolver seu gosto de ler.

3.2.3 Leitura: o seu lugar na vida os idosos

Muito se questiona e se discute sobre a importância da leitura. Qual é mesmo o seu papel? É imprescindível saber o que pensam os idosos sobre isso. Durante a entrevista, ao serem questionados como compreendem a importância da leitura, eles salientam a leitura como um meio de instrução, de obter conhecimentos, aprender o novo, como revela Afrodite: “Acho que instrui a gente. A gente tem outros conhecimentos, né?” Assim como Afrodite, Atena percebe a leitura como um importante mecanismo de aprendizagem, mas também como momento de prazer, de distração, como revela:

A leitura, eu acho que ela é importante porque ela ensina. Você vai lendo uma coisa que você não tem ideia do que é aquilo ali e aí você acaba aprendendo

*alguma coisa. Eu já li muita coisa sobre doenças e foi bom pra mim porque eu aprendi sobre doença que eu não tava entendendo, quando eu abria o livro que lia já ficava por dentro do assunto. Ensina, distrai, eu acho que essas duas coisas, tanto ensina como distrai, porque **você tá lendo aqui o livro, você não tá pensando em nada, você voa, você vai pra longe, o livro é tão bom que chega levar você pra outra dimensão.** Quando eu tô lendo um livro, esse mesmo de Policarpo, eu tava vivendo a história dele, tava vivendo aquilo lá, o sofrimento dele, o tanto que ele lutou pra ajudar e não consegui nem pra ele nem pra ninguém, acabou uma vida triste, acabou muito triste. **Então eu acho que a leitura é isso, serve para essas duas coisas, ensina e distrai** (ATENA, Entrevista 2015) (Grifos meus).*

Atena ainda acrescenta:

A leitura me ajudou a fazer dissertações, porque quanto mais você lia mais você fazia uma dissertação mais bonita, mais cheia de palavras diferentes, me ajudou também nas poesias, a rimar, a aprender a rimar, eu acho que a leitura me ajudou em muita coisa, eu não sei dá assim, só sei que me ajudou. Não sei explicar direito em que, mas ajudou, porque se não fosse a leitura, como é que eu ia aprender a falar direito? Porque é lendo que você aprende a falar, você vai aprendendo sinônimos, palavras diferentes, é na leitura. É a parte da aprendizagem, de aprender coisas novas, de refletir sobre algumas coisas. Reflete, dá formação mesmo ao individuo (Entrevista 2015).

A fala de Atena é bastante contundente sobre a dupla dimensão que aponta da leitura: ensinar e distrair. Ela ensina porque a leitura é uma oportunidade de acesso ao saber, mas distrai na medida em que possibilita que a pessoa “viaje” para outro lugar, que “viva” a vida de um personagem. Segundo Antônio Cândido (2011), a literatura tem sido um instrumento poderosos de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.

Já Morfeu tece uma série de considerações sobre a leitura, destacando seu valor como um meio de contribuir para a formação pessoal do indivíduo e pela importância documental.

Porque a leitura é um registro, né? A leitura é um registro do que passa na humanidade, desde os tempos remotos, desde o tempo das descobertas da escrita e tudo mais. Então ela traz os exemplos de vida, traz a maneira de pensar, traz a maneira de agir, de personagens, né? Contribui para que a gente se torne uma pessoa melhor e que não seja, não seja egoísta, né? Eu acho que a leitura traz isso pra gente, ela nos insere... que hoje em dia o ser humano tá se tornando mais e mais individualista, né? E egoísta por si mesmo. Em face do capitalismo, que faz com que a pessoa fique se isolando muitas vezes do convívio das pessoas. Mas a leitura não, a leitura eu falo uma coisa hoje, amanhã posso falar outra, mas o que está escrito está gravado, o que está escrito ali, o que tá feito ali, o autor que escreve um livro, não foi isso que eu escrevi não, mas tá lá gravado. A leitura é primordial e indispensável para o ser humano, eu acho (MORFEU, Entrevista 2015).

Entre a grande importância que Morfeu atribui à leitura, ele destaca a possibilidade de se obter exemplos para a vida, de ajuda na formação do indivíduo em relação ao seu modo de ser e agir. Em sua visão, a leitura pode contribuir para que o indivíduo seja uma pessoa melhor, mais humana, assim ele atribui à leitura a mesma concepção humanizadora atribuída à literatura por Antônio Cândido (2011): “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (p. 182). Abro um parêntese para trazer o entendimento de Antônio Cândido sobre humanização e literatura.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

E para humanização, ele traz a seguinte definição:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

Assim, o referido autor defende que a literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, portanto, não é possível viver sem ela, o que a torna uma necessidade universal.

Está também na fala de Morfeu, a grande importância da leitura por oportunizar o acesso à história que está registrada, conforme aborda Le Goff (2013), ao destacar o valor do escrito, “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória, que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros quer nas bibliotecas”.

Um outro idoso, Eros, percebe a relevância da leitura pela possibilidade de relacionamento com o outro e com o mundo. “Ah! A leitura é fonte, é riqueza, é luz, é tudo na vida, quem não lê não se comunica, a leitura é comunicação”. E para Apolo, a leitura é fundamental para a mente, para exercitar a memória: “A importância da leitura pra mim é o

desenvolvimento na mente da pessoa, na memória da pessoa. O importante pra mim é sempre se ele não sabe ou sabe pouco procurar mais aperfeiçoar a memória dele”.

De igual valor a conhecer o que pensam os idosos sobre a importância da leitura é saber se se consideram ou não leitores/leitoras, pois é comum que alguns leitores não se reconheçam como tal. Ao iniciar a resposta a essa questão, Afrodite dá risadas e diz: “*Não*”. Mas, em seguida, mostra uma pilha de livros em cima de uma cadeira e comenta: “*Oh aí! A minha filha que mora em Salvador, ela me manda uns livros que eu gosto de ler, que gosto de saber, gosto de saber alguma coisa. Ai são livros dela, que ela me empresta.*” Então meio indecisa completa: “*É, tenho que ser, que eu gosto, tenho que ser*”.

É explícita a dúvida de Afrodite sobre a questão supracitada, a princípio nega, depois acha que tem que ser por gostar de ler. Em sua visão, ter apreço por ler é uma forma de ser leitor. Por fim, ela reconsidera a fala inicial dizendo: “*Considero, porque é ali onde me distraio, eu pego as coisas, leio, me distraio. O leitor se instrui, ele sabe viver, sabe tratar. Aqui eu converso com todo mundo. Os meninos da escola vêm para aqui, sentam aqui no passeio e conversam comigo*”. Ao refazer seu pensamento ela nega o dito de início declarando que entre as suas características está o fato de ela saber tratar, saber viver, conversar com todo mundo, inclusive com estudantes. Em sua perspectiva, é um motivo para ser considerada leitora.

Por que Afrodite traz tanta incerteza em se sentir ou não leitora? Possivelmente tem enraizada uma imagem de leitor que foi construída pelas “Belas Letras”, em que a leitura só tinha as seguintes funções: formar um estilo e adquirir conhecimentos. Logo, nessa corrente, a leitura como entretenimento, feita sem supervisão, é desqualificada e deveria ser banida. Para ser leitor, conforme as “Belas Letras”, é necessário perpassar por etapas como anotações, informações sobre o autor, reflexão sobre o desenvolvimento do tema, julgamento sobre o que se leu etc.

Outros idosos são mais taxativos e afirmam serem leitores.

Sim, eu me considero um leitor. Desde a mais tenra idade que eu sempre gostei de ler. Primeiro as histórias em quadrinhos, depois que eu passei pra escola propriamente dita eu sempre ia a bibliotecas infantis, lá na Prefeitura tinha, então eu sempre fazia parte, tomava os livros emprestados. E na sequência da vida, eu sempre me envolvi com leitura, sempre. Hoje mesmo, então, eu passo muito tempo aqui na UEFS, meu endereço preferido é a Biblioteca (MORFEU, Entrevista 2015).

Eu acho, porque desde criança que eu sempre gostei de ler. Lá na nossa região, na fazenda, não tinha muitas possibilidades, então, quando eu ia à cidade, eu pegava

revistas para ler na fazenda, ou se não sabia, ainda, ler, entender as letras, eu procurava saber e por isso que eles me nomearam professor itinerante rural da região. Então eu já tinha gosto de ler e até hoje nunca deixei. Eu gosto de ler e gosto de escrever e é por isso que estou escrevendo poesias (EROS, Entrevista 2015).

Eles se declaram leitores visto que gostam de ler e sempre buscaram e buscam por materiais de leitura mesmo diante da sua carência em determinados momentos de suas vidas. Morfeu sempre procurou pela biblioteca, importante espaço de promoção de leitura, ideal para acesso a diversos tipos de textos e obras culturalmente relevantes e ele demonstra orgulho por essa predileção, comungando com o mesmo sentimento expresso por Sanches Neto (2004, p. 57): “Entramos em livrarias e bibliotecas públicas com um sentimento de orgulho por fazer parte daquele vasto universo, constituído ao longo dos séculos para satisfazer nossas necessidades de distração e conhecimento”. Já Eros quando ia até a cidade trazia materiais diversos para ler, mostrando uma alternativa muito interessante de suprir a realidade da falta de materiais de leitura na zona rural.

Ao tratar sobre ser leitor, Eros ainda completa seu relato tecendo considerações sobre a importância dos livros, sobre o que é ser um bom leitor e como este fato pode ajudar na formação de outras pessoas.

A leitura é ...não existe árvore segura se ela não tem boas raízes, boa base. Não existem bons leitores se eles não tiveram boas bases literárias. E só através dos livros que se consegue ter conhecimento. Eu me considero um devorador de livros, é... porque se um dia for em minha casa, verá a minha estante, livros inclusive nos três idiomas em que eu pesquiso, o nosso português, em primeiro lugar, inglês e espanhol, porque eu gosto realmente de literatura. Eu acho que a pessoa que lê aprende e pode ensinar a alguém algo muito importante como conhecer a parte literária e cultural e tudo que há sobre a humanidade (EROS, Entrevista 2015).

Para Eros, só é possível ser um bom leitor se este tiver o que ele chama de “boas bases literárias” e essa sua visão comunga com a mesma proposta dos tratados¹³ sobre a função da leitura. A estudiosa Márcia Abreu aborda a explicação que Padre Sacchini dá para a serventia da leitura, no tratado *Moyen de lire avec fruit*: “Há dois motivos que nos levam a ler, um para formar um estilo, outro para adquirir conhecimentos: (pois eu não tenho nada a fazer com aqueles que leem por puro divertimento)” (SACCHINI, 1786, p. VI in ABREU, 2003, p. 198).

¹³Obras que objetivam prescrever modos de ler, como *Discours sur la manière d’ utiliser ses lectures*, de Biron (1802) ou *Traité sur la manière de lire les auteurs avec utilité*, de Bardou-Duhamel (1751). (ABREU, 2003, p. 198).

Assim, conforme Abreu (2003), a leitura que interessa nos tratados é a que é formadora, embora haja mais duas funções: formar um estilo e se divertir. Durante todo o relato de Eros em relação à leitura, não se vê uma percepção desta como entretenimento, mas para aprender a escrever e falar bem, o que a reduz a uma função formativa e utilitária. Márcia Abreu aborda que “A leitura é fonte de modelos a serem imitados no momento da escrita” (ABREU, 2003, p. 203) e que “Os dicionários servem, portanto, a uma dupla finalidade: auxiliar a leitura e favorecer a produção de textos (principalmente poesias)” (ABREU, 2003, p. 244). Essas duas concepções são bastante evidentes naquelas que Eros trouxe ao discorrer sobre seu entendimento a respeito da leitura.

Uma outra questão abordada durante a entrevista foi como os idosos se constituíram leitores e foi muito difícil para eles tecerem um posicionamento sobre essa questão. Ao observar essa dificuldade e o pensamento refletido no silêncio, me vieram os seguintes questionamentos: será que nunca refletiram sobre como se tornaram leitores? Em nenhum momento de suas trajetórias escolares, não foram levados a pensar sobre isso? Não será possível saber o porquê, pois não foi evidenciado nos relatos. O fato é que a maioria não conseguiu explanar este ponto da entrevista. Apenas Morfeu revelou algo a respeito.

Isso eu devo muito à minha irmã, minha única irmã, que era muito dada à leitura. Poxa! Como ela gostava! Naquele tempo que nas reuniões familiares só tinha mesmo o rádio, não tinha TV, não tinha nada, então ela se prestava pra ler assim, aqueles livros de histórias de Tarzan, histórias de aventura pra família. Quando a gente sentava à noite, depois do café, antes de deitar, ela fazia a leitura do livro. Os livros maiores, ela deixava pra depois, pra outro dia, numa sequência. Então, através dela, eu aprendi muito a gostar de leitura e foi assim que começou e daí não parei mais. Eu me sinto bem mesmo quando tenho algo pra ler e ter novos conhecimentos (MORFEU, Entrevista 2015).

Mais uma vez Morfeu tece comentários sobre a importância da irmã leitora em sua formação. Reconhece que foi através dela que passou a gostar de ler, gosto que perdurou por toda a sua vida. É interessante que aqui Morfeu retrata o fato de a irmã ler histórias, o que não tinha considerado ao falar das atividades de que participava quando criança. Outro ponto importante é que na época não existia televisão, apenas rádio, e era muito comum nas reuniões familiares alguém fazer leituras em voz alta para a família.

3.2.4 Repertório de leituras: constituindo acervos

Durante a entrevista, os participantes foram traçando como constituíram seus acervos, o que gostavam de ler nas diversas fases da vida. Assim, uma outra categoria imprescindível para a pesquisa é o repertório de leituras dos idosos, em que saliento as leituras reveladas por eles partindo da infância à fase atual.

Começo com o relato de Eros, um leitor ávido que buscava a leitura em qualquer material escrito a que tivesse acesso.

*Na escola tinha umas historinhas, as historinhas engraçadas, é..., historinhas sobre animais, por exemplo, o urro do animal, da vaca, por exemplo, o relinchar do cavalo, do jumento, o berrar da cabra, o piu-piu das galinhas, dos pintinhos, dos galos, os cantos dos pássaros, tudo vinha naqueles livrinhos que tinha pra gente ler. Aí depois foram surgindo outros tipos de cartilhinhas. Chamavam de cartilha, todas assim de três páginas, quatro páginas com historinhas e não tinham desenhos, eram rabiscos. **Na minha infância e na adolescência, logo que eu aprendi, eu lia tudo que aparecia pela frente, até pedaço de papel que eu pegava na rua que tava voando e enganchado em um canto eu pegava pra olhar, pra ver, pra descobrir o que tinha.** Por exemplo, uma vez eu me lembro como hoje, eu acho que tinha muita dificuldade entre o verbo cercar e cerca e eu conseguir diferir através de um pedaço de jornal que eu encontrei enganchado em um pé de carqueja e por coincidência tinha alguém explicando a diferença entre o verbo cercar e o nome cerca. **Eu gostava de ler, eu lia tudo que tava pela frente, era papel, tinha algo escrito, qualquer coisa, eu aproveitava pra tirar dúvida.** Eu sempre gostei da nossa literatura porque eu acho que é uma das mais belas que tem na face da terra, é a língua portuguesa, eu sou fã da língua portuguesa. Literatura para mim é alimentação (EROS, Entrevista 2015) (Grifos meus).*

Eros relembra das leituras que aconteciam na escola e destaca seu perfil curioso que via a possibilidade de aprender através da leitura em qualquer material escrito. Implicitamente revela que percebe a leitura como oportunidade de aprender, de tirar dúvida, de conhecer a língua portuguesa em relação à norma culta. E continua seu relato, ainda dando muita ênfase à leitura formativa, ou seja, uma leitura voltada para a aquisição de conhecimento, embora cite autores considerados cânones da literatura brasileira, como Machado de Assis, autor de obras consideradas boa literatura.

Os livros que mais leio é... tratando-se de gramática são as gramáticas da FTD e de literatura de diversas espécies... coleção de Machado de Assis, tratando-se de poeta, de Castro Alves e também outros escritores como Casimiro de Abreu, são os escritores que eu sempre admirei e que eu leio muito livro desses escritores... E tem outras diversas que no momento não recordo esses escritores. Mas os livros que exploro mais são livros que eu tenho é... interesse de buscar conhecimento. Agora, tratando-se de histórias, nós temos a coleção de Casimiro de Abreu, uma coleção espetacular, doze livros... a coleção de Machado de Assis, são doze livros também.

Da FTD, eu fui distribuidor, tive livreria, fiz distribuição de livros didáticos e livros diversos da FTD para Feira. Fiquei pertencendo a ela muito tempo em São Paulo. As minhas coleções de literatura, coleções diversas... eu comecei pela FTD, porque eu pertencia à FTD, então todos os livros que lançavam, passavam por mim, porque eu era que fazia palestra em vários colégios. E já li muito livro também de Jorge Amado. E eu leio livros diversos, porque eu não tenho, assim, praticamente, um livro tal, como meu ídolo, eu não tenho, eu busco, leio, para descobrir conhecimentos. Então eu leio livros diversos, não tenho assim um livro especial, não, não tenho, e como livro de conhecimento cultural é a Barsa, livro balizador que serve para tudo... Quer dizer, que eu inclusive tenho em casa na minha estante, esse livro geral e pesquiso até hoje (EROS, Entrevista 2015).

Eros se orgulha da sua biblioteca pessoal, da grande quantidade e variedade de livros que tem, inclusive, em três línguas diferentes.

*Eu leio todos os dias. Eu tenho um escritório que se me visitar verás. Eu tenho um livro do terceiro Congresso de Ontologia, foi aqui da UATI. Eu comprei esse livro, é português, espanhol, inglês, são quatro idiomas, até esse livro eu já li todo, é um superlivro. Eu tenho uma biblioteca, eu tenho mais ou menos, nem sei a quantidade de livros que eu tenho, fora os que eu já descartei. Na minha biblioteca, tem todo o tipo de livro, de leitura, inclusive de francês, de espanhol, de português, de inglês, eu leio muito. **Primeira coisa de manhã que eu leio, é uma coisa com todo carinho, a Bíblia, essa é a primeira coisa que eu leio de manhã.** Depois que eu oro, eu leio a Bíblia e peço a Deus orientação e lisura nos meus entendimentos, isto é, me dá muita clareza na leitura, claridade, explicação. Eu tenho vários livros, livros de conhecimentos gerais. Se fores ao meu escritório, verás, os meus livros, a minha biblioteca estão lá ao tempo e a hora (EROS, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Em sua fala ao declarar a leitura diária da Bíblia, ratifica mais uma vez os dados, já citados anteriormente, da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desse gênero como o lido com mais frequência no Brasil.

Em seu depoimento, Atena relata uma diversidade de leitura.

A cartilha era da escola, eu lia, gostava de ler, mas quando eu fui ficando maiorzinha, as pessoas me emprestavam livros e eu lia essas revistas, a Capricho, tinha outra, a Contigo, essas revistas eu gostava de ler. Nessa época, era difícil ter um livro, romance, um livro assim não tinha não. Quando eu fui pro Crato e lá tinha livro de formação e eu tomava muito emprestado. O Guarani..., é qual era o outro nome? O Covarde, não lembro mais o nome dos livros não, eu li muito livro foi lá no Crato. Aí eu já estava com meus 16,18 anos por aí. Aí eu lia muito (ATENA, Entrevista 2015).

Costumava ler revistas, romances e outros suportes leitores que ela chama de livros de formação. Atena revela a dificuldade de acesso a materiais de leitura, pois não se encontravam muitos destes no local onde residia, assim ela ratifica a carência existente em determinadas localidades e por isso só teve oportunidade de ler quando foi para a cidade do

Crato, onde podia tomar livros emprestados, porém ela não explicita se tinha acesso a esses em bibliotecas, na escola ou através de outras pessoas. Acredito que o acesso às revista fosse mais fácil e estas são importantes veículos de formação leitora. Ela diz ter lido muitos livros, mas já não lembra mais o nome de muitos deles.

Atena continua seu relato,

...quando eu tinha um tempinho, eu gostava de ler era essas revistinhas que tinha, revista em quadrinho, como Mônica, e também as pessoas me emprestavam, não era nem eu que comprava, que eu não sabia nem onde era que comprava aquilo, compravam em outra cidade. Aí eu lia essas revistas, essas revistinhas até infantil, bem infantil, eu lia. E deixa eu ver o que é que eu lia mais, era isso, eu lia uma revista que meu pai assinou pra mim, como era o nome..., agora eu já esqueci... Alterosa, o nome de uma revista que era até de Minas Gerais, que meu pai assinou pra mim. Chegava essa revista todo mês, eu gostava muito de ler essa revista, não lembro mais do que era assim, dos conteúdos da revista, eu sei que era coisa muito boa, tinha muita coisa boa, eu aprendi muito com essa revista, mas assim eu não lembro mais, faz tanto tempo, nem lembro mais (ATENA, Entrevista 2015).

Já li Machado de Assis, já li aquele lá do Ceará, não sei o que lá Alencar, José de Alencar. Iracema, acho que é Iracema que é dele, Guarani parece, já li um bocado de livros. Já li muitos livros. Eu li muito na minha adolescência, depois eu passei a ler muito na fase da idade de idosa, porque quando eu tava casada não tinha tempo, eram cinco filhos pra criar, pra botar todo mundo no caminho certo, era roupinha, café, é tudo e o marido não ajudava em nada, só, aí não tinha tempo de ler. Agora que tenho, fico a tarde toda aqui, ou na televisão ou lendo um livro (ATENA, Entrevista 2015).

Atena inicia seu relato chamando a atenção para algo muito comum quando tratamos da questão da leitura: a falta de tempo. “A resposta feminina mais frequente entre mulheres, ao recordarem as leituras de sua vida, consistia em lamentar que nunca tinham tempo para ler.” (CAVALLO e CHARTIER, 1999, p. 174). Mas, apesar disso, Atena mostra apreço pela leitura de revistas, trazendo inclusive a leitura da *Revista Alterosa*, uma revista ilustrada editada mensalmente pela Sociedade Editora Alterosa, em Minas Gerais, no período de 1939 a 1964. A referida revista foi uma das publicações mais populares das décadas de 1940 e 1960. Nos primeiros anos, ela se dedicou ao público feminino, tratando de assuntos como culinária, moda, comportamento e cinema. Também fizeram parte de seu repertório as colunas literárias e sociais, além das notícias locais e internacionais. Não faltavam em suas páginas matérias sobre grandes personalidades da época, sendo um dos destaques a entrevista com Jacqueline Kennedy. Nos anos 60, assume um perfil mais político, publicando entrevistas com personalidades do mundo político e matérias que discutiam conflitos internacionais, como a Guerra Fria.

Também aprecia a leitura de romances de autores consagrados como José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto.

Eu li esse livro aqui (mostra o livro) Cinco crianças, mas não lembro mais nada, nada dele. Esse aqui eu terminei ontem, O Triste Fim de Policarpo Quaresma, esse eu ainda guardo porque eu terminei ontem de ler, eu ainda tenho a lembrança dele, mas esse aqui (Cinco crianças) já faz mais de um mês que eu li, não guardo mais nada. Eu guardava na mente até uns três anos atrás, eu li tanto livro que eu comprei em Campina Grande, Luciola, Helena..., e ficava na mente, ficava, ficava e ficava, agora eu já esqueci de Helena, já esqueci da história de Luciola, só assim umas coisinhas vagas, assim, que passa pela minha mente (ATENA, Entrevista 2015).

Atena mostra uma grande diversidade de leitura e ainda acrescenta um gosto muito especial por poesias. E embora se preocupe em entender a poesia, isso não é o mais relevante, pois o mais importante é a sensibilidade que tem por esse gênero literário e todo o processo de emoção que a envolve ao fazer essas leituras.

Eu gosto de ler poesia. Eu sempre gostei de poesia, sempre gostei, eu não sei porque tomei tanto amor à poesia, é uma coisa... Tanto eu gostava de ler poesia como gostava de ler qualquer livro, mas eu gosto muito de poesia. Olavo Bilac, qualquer um, Drummond, qualquer um eu gosto, leio todas e gosto de todas, não tem uma poesia que eu diga assim essa daqui eu não gostei, eu gosto. Às vezes, eu nem entendo, leio a poesia duas vezes, três, não entendo, mas um dia eu vou entender, deixo, mesmo sem entender, eu digo: “Mas eu gostei, deixa aqui que eu vou ler de novo até um dia eu ler e assim! Ah!, era isso que ele queria falar, eu entendi, a poesia era bonita, é bonita eu que não tava entendendo o sentido (ATENA, Entrevista 2015).

Assim como Atena, Morfeu na época da juventude gostava de ler histórias em quadrinhos. Também tinha uma predileção por livros de aventura, algo que já havia declarado ao abordar as leituras que aconteciam no ambiente familiar.

Primeiro, como todo jovem, foram as histórias de aventura, de heróis aventureiros, as histórias em quadrinhos, tinha Batman e Robin, tínhamos aqueles das revistas da Disney, Tio Patinhas, O Pato Donald e por aí foi seguindo... Agora, depois que a gente vai se aproximando mais dos estudos, a gente vai tendo preferência, vai deixando essa parte da infância e vai seguindo mais um caminho assim de leituras mais coesas e também que chame mais atenção. Eu sempre gostei de histórias de aventuras e depois passei a ler os livros (MORFEU, Entrevista 2015).

Na continuidade do seu relato, Morfeu dá grande relevância às bibliotecas.

A Prefeitura sempre tinha uma biblioteca que emprestava livros, então eu pegava muito livro na Biblioteca. No ginásio, eu fui Presidente do Grêmio e a primeira

*coisa que eu fiz foi fazer uma biblioteca pra emprestar livros para aquelas pessoas que não tinham condições. Nós fizemos uma biblioteca, nós conseguimos uma sala, então, meus colegas tomavam o livro na biblioteca. Então, fizemos assim e por aí depois que passou essa fase da escola eu continuei com o hábito de leitura de autores consagrados como Jorge Amado, que aqui na Bahia foi uma referência, e livros internacionais. Eu gostava muito de ler Victor Hugo, os Miseráveis, O Corcunda de Notre Dame. Eu nunca passava sem uma coisa pra ler. Eu era assíduo emprestador de livro aqui na Biblioteca da UEFS. Agora eu não posso mais fazer isso. Eu sou afiliado à Biblioteca Central Arnold Silva. Eu sempre tomo livro emprestado lá. **Minha vida foi sempre caminhada com leitura e nunca deixou de ser** (MORFEU, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Morfeu tinha o hábito de pegar livros emprestados nas bibliotecas desde muito cedo. Com orgulho, conta que ao ser presidente do Grêmio, ainda no ginásio, a primeira ação foi criar uma biblioteca para que os alunos mais carentes pudessem ter acesso à leitura. Em toda sua vida, Morfeu não se afastou do hábito da leitura e relembra importantes obras literárias que leu e autores consagrados como Jorge Amado e Victor Hugo. Quando era estudante de Pedagogia da UEFS, tomava livros emprestados na Biblioteca Central Julieta Carteadado, mas já tendo se formado não pode mais, porém não se desvinculou da cultura do empréstimo frequentando a Biblioteca Arnold Silva, de Feira de Santana. Morfeu confessa grande prazer na leitura: “*A coisa que eu mais gostava e até hoje que mais gosto é de ler. Não posso passar sem leitura* (Morfeu).” Entretanto, no momento, como anuncia em seu relato a seguir, ele tem encontrado dificuldade de ler porque não tem andado muito bem de saúde. Assim, tem dado preferência a leituras mais pontuais como jornais e revistas, porque, segundo ele, para se ler outros tipos de textos como romances, é necessário mais dedicação:

Agora não estou lendo porque estou nessa fase de superar doença. E quando estamos doentes, a gente não se concentra bem, por isso estou lendo mais jornais, revistas. Porque pra gente ler um livro, um romance, a gente tem que ter cautela pra ler, tem que acompanhar o romance, pra saber o que está lendo, porque ler por ler não adianta. Tem quase um ano, não pude ler como eu gosto de ler (MORFEU, Entrevista 2015).

Foi difícil perceber o repertório de leitura de Afrodite porque, apesar de dizer que leu durante toda sua vida, não se aprofundou muito em lembranças de sua caminhada leitora. “*Li em todas as fases da vida, quando fiz meu primário, eu lia muitas historinhas na escola e acho que agora que estou lendo mais, eu leio muito, porque tenho mais necessidade, fico só*”. Ela rememorou uma afinidade por história em quadrinhos, “*Eu gostava de ler as histórias nos livros, tinha aquelas revistinhas de quadros*” e destaca escritores de que sempre gostou: “*Nunca mais eu li, mas gosto de Carlos Drummond de Andrade e de Fernando Pessoa*”.

Hoje, além das revistas que a filha leva, tem se voltado mais para a leitura religiosa: “*Tenho lido as revistas que minha filha me traz. Agora tô lendo mais livro religioso. Agora estou lendo Em oração com Maria*”. Algo interessante nas falas de Afrodite é o fato de associar a leitura como uma possibilidade de suprir a solidão, assim considera a leitura como uma necessidade, possivelmente para preencher o tempo. Fica evidente que para ela a leitura representa uma companhia e como declara Petit, “*todos nós sabemos que há fases da vida em que sentimos, de maneira mais imperiosa, a necessidade de ler*” (2009, p. 167), é o que vem ocorrendo com Afrodite. Só que, no momento, suas leituras estão voltadas para o cunho religioso.

Também, Atena tem se voltado, ultimamente, para a leitura religiosa, prática que se intensifica muito na velhice: “*Tô lendo agora aquele ali. É do Padre da Itália que se santificou e deixou esse livro Retornemos ao Evangelho*” (ATENA).

Entre os determinantes sociais, merece destaque o envolvimento religioso, em virtude do papel que desempenha na configuração dos níveis de bem-estar subjetivo dos idosos. Será que isso tem a ver com a finitude? Com mais proximidade da morte? É importante salientar que, como afirma Socci (2010, p. 92) “...desde a Antiguidade há aceitação de uma relação estreita entre envelhecimento e religiosidade, maior do que em outras fases do desenvolvimento.”

Em virtude da sua profissão de motorista de caminhão, Apolo diz não ter tido tempo disponível para fazer leituras. “*Eu não li muito porque dirigindo caminhão, só botava o sentido na estrada. No que tava fazendo. Aí não podia*”. Ainda acrescenta: “*Eu só li cordel. Nunca li livro de colégio, nem jornal e nem romance. Meu romance é o cordel*”. Mais uma vez, destaca a literatura de cordel como a leitura que fazia. Conforme a citação do poeta Manuel de Almeida Filho:

[...] o folheto tem essa doçura do verso. E o povo nordestino se acostumou a ler o verso. Então o livro em prosa mesmo, ele não gosta e nem gosta do jornal, a notícia do jornal. Ele não entende. Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado. Aquela notícia não é boa para ele, o folheto sim, porque o folheto ele lê cantando (ABREU in ROCHA, 2011, p. 130).

Como mostra a história de leitura de Apolo, é fato que se habituou à leitura do cordel, contudo é importante destacar que sua trajetória de vida não favoreceu que tivesse muitas oportunidades de acesso a outros materiais de leitura.

Na continuidade de suas memórias, Apolo relembra da música: “*Gostava muito de cantar, minha mãe cantava sem saber nada, eu ajudava ela a amarrar o fumo, na bata de milho, na bata de feijão, fazia um batalhão assim de limpar terra, ela cantando, eu cantando também, todo mundo cantando, fui levando a vida assim*”. Dessa forma, Apolo mostra que, além do cordel, a música está presente nas suas lembranças.

3.2.5 Memórias, importância e implicações das leituras

Nessa última categoria, procuro descrever a importância das memórias de leituras dos idosos e quais as implicações dessas leituras em suas vidas.

Afrodite mostrou dificuldade para externar suas memórias de leitura. Ao falar sobre o assunto ela ficou com a expressão distante e disse: “*A única coisa que tenho marcado na minha vida foi que depois que meu pai chegou pouco tempo faleceu.*” Depois relatou: “*As coisas que me traz na memória é que eu sempre, desde juvenzinha procurei pessoas que tivessem conhecimento.*” E só depois expressou: “*Tantos livros que eu li até hoje*”. Em seguida, fez uma enorme pausa e continuou: “*De Jorge Amado. Assim, eu não lembro o livro. Mas a coisa que eu tenho até hoje, eu não gosto dessas tatuagens, quando eu vejo as pessoas cheias de tatuagens. Nos livros de Jorge Amado, ele não gostava dessas tatuagens, no livro Capitães de Areia, ele fala disso*”. Ainda acrescenta; “*As que fui tendo os conhecimentos, na escola mesmo fui cuidando dos alunos, tendo muito carinho com eles. Sempre gostei de Jorge Amado, né? Eu lia assim e ia gostando, ia de acordo vendo os acontecimentos, e as coisas que ele ia falando e ia lendo e aprendendo (Afrodite).*”

Mais uma vez, Afrodite cita Jorge Amado e evidencia que as leituras que a marcaram foram aquelas que lhe trouxeram conhecimento, com as quais ia aprendendo. No relato de Afrodite, ela mistura as recordações, traz, de início, uma lembrança de algo que a marcou muito, a perda do pai, e só depois revela memórias leitoras, destacando as leituras que fez dos livros de Jorge Amado, autor que já havia citado anteriormente.

Em relação às implicações da leitura na vida de Afrodite, ela relata que a leitura era uma forma de ter orientação sobre como proceder, como mostra na fala seguinte: “*Eu sempre gostei de ler e sempre achei... seguia os exemplos que lia ... eu procurava andar sempre na linha...era um exemplo. É importante recordar porque faz bem.*” Depois completa: “*Sabe o que eu gostava sempre de ler? O Pequeno Príncipe. Eu gostava, achava ele bom, muita coisa*

servia como uma lição. Agora não me lembro de mais nenhum”. Seu depoimento revela o apreço por leituras opostas, as obras de Jorge Amado, autor que transgrediu as normas, e a famosa obra de Antoine de Saint-Exupéry, autor de *O Pequeno Príncipe*, uma das obras mais vendidas do mundo.

Ao pensar nas memórias que tem de leitura, Atena declara:

Não lembro assim de um livro que marcou, todos os livros marcam, deixa alguma coisa, deixaram e eu já esqueci, mas todos os livros sempre me deixava alguma coisa, mas com o passar do tempo, eu fui esquecendo e agora tá mais rápido. Mas eu não vou deixar de ler não, nem que eu acabe de ler e leia de novo o mesmo livro pra ver se fica, porque se você lê uma vez e não ficou, eu leio de novo pra ver se fica alguma coisa (ATENA, Entrevista 2015).

Ao falar de suas memórias de leitura, Atena revela que guardar na memória está ficando difícil e mais uma vez ressalta o livro que ela já tinha mencionado em outro momento, o de formação. Ela não lembra mais o nome do livro, mas foi um livro que leu na adolescência e que, segundo ela, a ajudou sobre temas diversos.

Um livro que eu li que foi até de um sorteio lá e eu ganhei esse livro, foi um livro de formação. Esse livro foi muito bom porque me ensinou muita coisa. Era um livro de formação, tinha ele até outro dia aí, mas a minha filha chegou fazendo faxina e botou tudo pra lá. Mas eu gostava do livro porque toda vez que eu lia o livro, eu recordava aquela época de quando eu tinha aquelas festas e a gente ia dançar e eu via esse sorteio e eu que ganhei o livro. Foi bom, e o livro era de formação, mas eu não lembro mais o nome do livro. Dava orientação, orientação a adolescente de vários temas (ATENA, Entrevista 2015).

Atena explica por que tem uma ligação muito especial com esse livro.

O livro de formação foi porque era a época que eu tava me sentindo assim muito pra baixo, problema de família, meu pai casado, essa mulher maltratando a mim e aos meus irmãos. Aí esse livro veio assim, me ajudou porque era um livro que ensinava, dava muitos ensinamentos, me fortificou muito, me fortaleceu. Foi esse o livro que eu lembro e tenho pena porque deixei jogar fora, eu não vi quando jogou, quando eu procurei, não tava mais, mas era um livro que era bom pra mim mesmo. Era um livro quase infantil, adolescente que hoje não ia fazer mais efeito em mim porque eu já tô idosa, né? Mas guardava assim alguma coisa e era como um objeto de lembrança. Era um livro de formação, dando, ensinando, orientando, levando a pessoa a refletir não sei o quê do seu futuro, pense no seu futuro, realize o seu futuro, uma coisa assim, era ensinando alguma coisa pro futuro (ATENA, Entrevista 2015).

Ao pensar sobre essa obra da qual Atena guarda tamanha recordação, eu me pergunto: que suporte leitor será este? Um livro de autoajuda ou outro gênero? Não dá para saber ao

certo, mas não há dúvida da importância que ela atribui a este suporte leitor, que considera de formação. Para ela, este material de leitura foi um baluarte que possibilitou reflexões e a ajudou a superar momentos difíceis como o falecimento da mãe e um convívio complicado com a madrasta. Dessa forma, o momento que ela estava vivendo influenciou para se apegar a esse material de leitura, pois ele, com os ensinamentos que trazia, ajudou a fortalecê-la. Conforme Petit (2009, p. 17) “... a contribuição da leitura para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença etc. – toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida – é uma experiência corrente”. Ainda, de acordo com a autora, “Haveria um texto subjacente em certas obras que não é verbal, mas rítmico, ou um canto, e é sobre ele que os leitores inseririam suas emoções e suas experiências” (p. 62).

Também o que chama atenção em relação a essas memórias de Atena é que mais do que o conteúdo tratado no livro, o que importa para ela é que ele era um objeto que a fazia voltar ao passado, lembrar de um momento específico da sua vida, recordar de festas, de momentos prazerosos. Assim, o livro torna-se a representação de um lugar e de um tempo. Sobre este mesmo livro, ainda acrescenta:

Tenho na memória esse livro. Quando via o livro, eu recordava, mas depois que jogou o livro fora, eu fico catando ali livro, tem muito livro ainda guardado, mas é livro novo que não me recorda mais nada, esse que eu tinha era que eu recordava, dessa época, gostava de ver, de olhar, de observar, tinha a dedicatória que a menina fez pra mim quando eu ganhei (ATENA, Entrevista 2015).

A devoção de Atena a este suporte leitor figura um modo de ler que envolvia reler este livro não uma ou duas vezes, mas inúmeras vezes, pois este livro era para ela extremamente precioso porque continha implicitamente parte de sua vida.

Morfeu tem clareza de suas memórias relativas à leitura, revela a leitura de livros mais densos e fala como os personagens marcam também sua vida.

São muitas. Só que ao longo da vida, vai lendo, o tempo vai passando, vai surgindo novos autores, então a gente... Mas um autor que sempre me recordo é do autor Victor Hugo. Ele tem livros belíssimos. Os Miseráveis. Toda pessoa precisava ler um livro daquele pra saber o que é uma pessoa humana. É uma leitura muito extensa, tem várias fases. Mas é um livro que nunca deixo de ler. De vez em quando, eu leio. Leio também Os Sertões, de Euclides da Cunha. Eu gosto muito de ler que fala aqui do Nordeste, de Antônio Conselheiro. São esses dois que eu sempre... De vez em quando não tenho nada pra ler. Eu pego pra ler, para recordar. Nunca me canso de ler. Os Miseráveis marcou pela trajetória de vida dos personagens. Você tem assim uns trinta anos pra viver e conduzir a vida como ele conduziu. Não é pra todo mundo, realmente. O livro é uma coisa belíssima. É um volume enorme, mas a pessoa nem nota porque de acordo com a trajetória, como ele conduziu a vida dele

*em prol do próximo, é muito interessante. **Eu estou sempre pensando nessas leituras.** O Jorge Amado também é um autor nosso, falou aqui de Ilhéus, sobre o cacau, é um autor que também eu sempre recordo (MORFEU, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Morfeu inicia seu relato dizendo que tem muitas leituras e cita autores reconhecidos como Jorge Amado, Euclides da Cunha e Victor Hugo, que são considerados clássicos da literatura nacional e internacional, respectivamente. Mas o mais significativo é expor que está sempre pensando nessas leituras. Ele também retrata mais uma vez a importância que atribui à leitura no sentido de contribuir para formação humana.

Morfeu traz uma reflexão mais profunda sobre a importância de recordar as leituras feitas.

*Essas recordações são importantes na medida em que nos fazem pessoas melhores. Que se preocupam com os outros, não pela sua maneira de ser, de se portar, como pessoa humana. Eu acho que essas leituras nos reforçam, nos fazem pensar não somente na gente, não ser egoísta, em viver em prol dos outros, em pensar em ajudar de alguma forma, acho que a gente deve procurar ajudar as pessoas quando precisam de ajuda sem pensar em nosso benefício, e sim no benefício do próximo. Essas leituras me nortearam muito na minha maneira de ser, na minha maneira de pensar, na minha maneira de agir, tudo isso. Então, as leituras que eu fiz durante a vida, **eu sou, digamos assim, um reflexo do que eu li, do que assimilei com as leituras.** Essas leituras influíram muito na formação da pessoa desde quando ela vem, digamos assim, nos ensinando como viver (MORFEU, Entrevista 2015) (Grifo meu).*

Na visão de Morfeu, ele é reflexo do que leu, do que assimilou com as leituras feitas ao longo da sua vida. Para ele, recordar as leituras faz com que a pessoa possa se tornar melhor.

Sobre suas memórias, Apolo diz: “*Eu trago recordações porque sempre mexe com a minha vida um pouco. Sabe?*” “*Esse livro de cordel é... tem “Zé Pretinho”, tem “A chegada de lampião no Inferno”, tem “Floriano e Nega”, tem outras e outras e outras aí ... e de placa de caminhão, tem tantas placas de caminhão, frase para-choque (Apolo).*”

Apesar de Apolo ler pouco, ele destaca: “*Do pouco que eu leio, eu não esqueço porque me alegra muito. ...a pessoa que mora só. Eu moro só*”. Na visão de Apolo, as recordações servem para ocupar o espaço vazio da solidão.

Eros diz não ter memórias: “*Eu não tenho, porque eu sou aquele leitor que leio tudo, mas não tenho algo específico, é... eu sou pesquisador de conhecimentos, buscando novos horizontes.*” Acredito que não tenha consciência das suas memórias, visto ter mostrado durante todo seu relato ser um leitor assíduo, porém observo que traz uma visão da leitura no

sentido de formação técnica da língua portuguesa, ou seja, para que o indivíduo escreva corretamente. Ele atribui à Bíblia a leitura mais valorosa da sua vida.

A leitura que mais marca a minha vida, marcou e marca até hoje, é a Bíblia, porque é conhecimento da palavra de Deus, e a teologia é uma coisa muito rara. Eu inclusive sou professor de teologia da Igreja Batista de Sobradinho, eu ensino teologia lá há 15 anos. O próprio Jesus dizia que nós precisamos conhecer bem a palavra do Pai dele, o nosso Deus verdadeiro e só através das escrituras, através do velho testamento e novo testamento, porque como nós temos pai e filho, nós temos o velho e o novo testamento. Quem não sabe tudo isso, não sabe valorizar o mundo, a família. Nós temos que valorizar tudo na vida, Deus e depois a família (EROS, Entrevista 2015).

Ao recordar, ele revive o texto lido e mais uma vez reforça que na sua visão a leitura o ajudou a buscar conhecimento, mostrando direção para um tipo de leitura, sem abrir possibilidades para outras leituras, outros gêneros.

Algumas, algumas, que eu leio, modéstia à parte, eu leio muito... é difícil memorizar, ler e memorizar muitas culturas é difícil... é difícil, muito difícil. Pra mim sempre é, porque ao tempo que eu estou recordando, eu estou revivendo o texto, a literatura... Eu acho muito importante. Eu tenho isso como se fosse de pai para filho, quer dizer, nós precisamos ser, a todo momento, lembrados, por as coisas que fizemos, em datas anteriores, e se houve entre elas alguma coisa, que precisa ser retirada, nós devemos fazer isso, se é para o nosso bem, então é o que acontece comigo, eu leio mais é para buscar conhecimento. Às vezes, eu li uma coisa de que eu não tinha conhecimento de quase nada, e através daquela literatura, eu guardei uma fonte memorável de conhecimento, que jamais eu vou esquecer, tenho uma recordação milenar e imprescindível para minha vida (EROS, Entrevista 2015).

Sobre as implicações das leituras feitas ao longo da vida, os idosos tecem as seguintes colocações: “A leitura me serviu muito. Se eu não gostasse de ler, minha vida seria diferente. De acordo com a leitura, ia vendo as coisas, comparando, ia fazendo muita coisa ...” (Afrodite). Para Atena, lendo é que se aprende a falar, se aprendem coisas novas, é o que vai “formar” a pessoa.

A leitura me ajudou a fazer dissertações, porque quanto mais você lia mais você fazia uma dissertação mais bonita, mais cheia de palavras diferentes, me ajudou também nas poesias, a rimar, a aprender a rimar, eu acho que a leitura me ajudou em muita coisa, eu não sei dá assim, só sei que me ajudou. Não sei explicar direito em que, mas ajudou, porque se não fosse a leitura como é que eu ia aprender a falar direito? Porque é lendo que você aprende a falar. Você vai aprendendo sinônimos, palavras diferentes, é na leitura. É a parte da aprendizagem, de aprender coisas novas, de refletir sobre algumas coisas. Reflete, dá formação mesmo ao indivíduo (ATENA, Entrevista 2015) (Grifo meu).

Para Eros, a principal implicação da leitura em sua vida é que, através dela, a pessoa se comunica bem. Essa sua fala, mostra certo conservadorismo em relação à importância da leitura.

Ah! e muito, mesmo porque eu aprendi a comunicar e muito, modéstia à parte, muito bem, eu, as minhas comunicações como todas as pessoas do mundo, das minhas literaturas de todos os idiomas, quem não lê não se comunica bem. É aquilo que falei, nós estamos todos os momentos ouvindo tudo que existe na face da terra se comunicando. Comunicação é a fonte, é o oásis, é o oásis. A comunicação é como o barquinho que está do lado de cá do rio e segue através do vento e vai levar a carta ao necessitado do outro lado do rio..., quer dizer, é o ouvinte e o comunicante. Se nós não nos comunicarmos, não temos resposta. Comunicar é a coisa mais bela da vida. Comunicação é luz, é cultura, é beldade, é tudo na vida (EROS, Entrevista 2015).

Apolo traz como principal lembrança a literatura de cordel.

Trago a recordação da leitura do cordel, porque sempre mexe com a minha vida um pouco, sabe? Porque tudo que eu canto e que eu falo sempre a minha vida tá pelo meio. A leitura do cordel me ajudou, porque é lição de vida, porque a vida é a mesma coisa. Eu tenho coisas gravadas na memória, que eu leio e não esqueço. A leitura de cordel ensina coisa que, às vezes, a pessoa ia fazer e não faz, porque leu aquela ali e aprendeu. Comecei a ler cordel desde quando meu pai começou ler Zé Pretinho e O Abrigo do Dois, sabe, ali eu gravei sem escola sem nada. E aí até hoje eu nunca, nunca esqueci, eu sabia todinho o livro, mas com o tempo, vai esquecendo, mas até o meio eu sei. Gosto de cordel (APOLO, Entrevista 2015).

Recapitulando as histórias de vida de cada participante da pesquisa, observo origens diferentes, contextos familiares e experiências escolares e profissionais com características diversas, o que promove uma singularidade quando se trata da história de leitura de cada sujeito. Segundo Darton,

A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumi muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda, simplesmente, para se divertir (1989, p. 212).

Mas também ficam claros pontos comuns que retratam características de determinados momentos históricos e sociais, como quando revelam aspectos da infância e do período escolar.

Na infância, todos se lembraram das brincadeiras, em sua maioria coletivas, que dividiam com irmãos, primos e vizinhos e que, geralmente, aconteciam na rua, como brincar de roda, jogar bola, peteca, cavalo de pau, arraia, pião, brincadeiras que eram comuns em sua

época. Também dois idosos, Eros e Apolo, trazem um aspecto social comum em sua fase de criança, o fato de o trabalho fazer parte de suas ocupações. Era natural que a criança ajudasse os pais em seus afazeres.

Também foi comum para a maioria dos idosos a preocupação dos pais com a alfabetização dos filhos e em acontecer a aprendizagem da leitura e da escrita antes de ingressarem na escola, situação que só se dava por volta dos sete anos. Por isso, ao iniciarem o estudo formal, já sabiam ler e escrever. Alguns idosos falaram que havia ausência de escolas na zona rural e até mesmo na zona urbana quando tinha era apenas até o 5º ano. Não era oferecido o ensino ginásial, muito menos o médio, e por conta disso, foi preciso que alguns interrompessem os estudos temporariamente. Ainda declararam a inexistência de professores, sobretudo na zona rural, e de materiais como cartilha e tabuada, que eram os predominantes durante o período escolar dos idosos. Eles passaram pelo exame de admissão, que era exigido na época. Apesar de pontos comuns, como já destacados, cada um apresenta especificidades em suas histórias de vida, em suas memórias de leituras.

Os idosos participantes da pesquisa atribuíram à leitura a seguinte importância: forma de registrar a oralidade; adquirir conhecimento, de exercitar a memória; meio de diversão, distração; e veículo para a comunicação entre as pessoas. Abro espaço aqui para colocar a poesia feita por Atena sobre a leitura.

A Leitura

Quando você decide
Pegar um livro pra ler,
Cada capítulo lido
Aumenta o seu prazer.
Vai viajar para longe.
Verdades tu podes crer,
Pois a leitura lhe leva
Para um outro amanhecer.

A leitura lhe ensina, lhe diverte, lhe entretém.
É tão boa a leitura que nos prende a atenção,
Vai nos conduzindo lentamente numa viagem,
Que aos pouquinhos vai nos causando novas emoções.
Pode até fazer sorrir, ou até fazer chorar,
Pode até fazer você mudar de opinião.
Com a leitura, só você se beneficia.
É só querer, deixar e dar asas ao coração.

No poema, Atena revela sua concepção de leitura. Para ela, a leitura é um momento de prazer que tem a função de levar o leitor para outro lugar, causar novas emoções, ensinar e

mudar conceitos já preestabelecidos. “Ler é, portanto, a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, [...], tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico” (PETIT, 2009, p. 56).

Entre os idosos, três se consideram leitores e atribuem ao fato de gostarem de ler o motivo que justifica serem leitores.

Ao analisar suas memórias de leitura, observa-se que o processo de formação desses leitores ocorreu de diferentes maneiras. De acordo com os relatos, os primeiros contatos com materiais de leitura ocorreram antes da chegada à escola. Alguns disseram que foi por meio de familiares que liam histórias, trechos bíblicos, cordéis. Busquei saber que tipo de informação eles carregam na memória. Obtive como resposta que eles leram os mais diversos tipos de materiais.

Ao falarem das suas histórias de leitura, os idosos recapitulam o que leram desde a infância, passam pela adolescência, pela fase adulta até os momentos atuais. Eros era um leitor ávido, mas sua inclinação é nítida para uma leitura em que pudesse aprender algo relativo à língua portuguesa que o ajudasse a escrever e falar segundo as normas ortográficas. Embora tenha citado autores como Machado de Assis, Casemiro de Abreu e o poeta Castro Alves, Eros se prende mais ao relato das leituras, que, segundo ele, possam lhe oferecer algum “conhecimento cultural”, como a coleção da Enciclopédia Barsa.

Atena, na infância e adolescência, lia histórias em quadrinhos e revistas como a *Contigo*, a *Capricho* e uma outra chamada *Alterosa*. Ela tem grande identificação com a poesia, sempre gostou de ler e cita alguns poetas como Olavo Bilac e Carlos Drummond de Andrade. Vale lembrar que ela escreve poesias. Atena citou livros como *O Guarani*, *O Covarde*, *Lucíola*, *Helena*, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Mas a leitura mais lembrada por ela era de um livro de cujo nome não se lembra, mas que a marcou muito na juventude, pois foi uma leitura que a ajudou a compreender determinadas coisas durante a adolescência e, sobre esta leitura, ela traz uma memória muito mais simbólica do que o objeto livro representou em sua vida do que seu conteúdo. No momento, está lendo um livro religioso.

Morfeu teve contato com diferentes leituras, também leu revistas em quadrinhos, livros que intitula como livros de aventuras. Uma singularidade em Morfeu em relação aos outros idosos é a atenção que dá às bibliotecas. Em toda sua trajetória de leitura, revelou frequentar bibliotecas quando estudante. Frequentou a Biblioteca da sua cidade e na escola, por oportunidade de ter sido Presidente do Grêmio, implantou uma biblioteca escolar. Em seu período de estudante do curso de Pedagogia na UEFS, frequentou assiduamente a Biblioteca

instalada no Campus Universitário. Até hoje visita a Biblioteca pública de Feira de Santana. Entre os autores citados por Morfeu, destacou muito Vitor Hugo, na leitura do livro *Os Miseráveis*.

Afrodite disse ter lido obras de Fernando Pessoa, Carlos Drumond de Andrade, Jorge Amado e o livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Hoje está voltada para a leitura religiosa.

É fundamental para a compreensão do par memória versus esquecimento considerar que, além dos fatores culturais que interferem na organização mnemônica, outros elementos devem ser considerados, como a capacidade biológica das pessoas e os acontecimentos considerados marcos nas trajetórias individual, social ou coletiva. Velhice, debilidade física, circunstâncias traumáticas afetam diretamente as narrativas que se calçam na memória. O que ficou esquecido, por que, como, quando. Por que selecionamos o que queremos lembrar e o que vamos esquecer? Assim, o esquecimento faz parte da ordem do dizível, uma vez que o processo de seleção do que lembrar implica o que se esquece.

Outro aspecto comum nos relatos foi o fato de que em alguns momentos da vida ocorre uma interrupção na prática da leitura, seja por questões familiares, de saúde, de falta de tempo, entre outras. Parafraseando Michèle Petit, destaco que períodos de interrupções breves ou longas fazem parte da natureza da atividade da leitura na trajetória dos leitores. (2009, p. 167).

Em se tratando de um trabalho que considera a história de vida do sujeito, não poderia deixar de saber como foi para os idosos participarem dessa investigação, que sentimento tiveram, qual a importância para eles. Conforme salienta Bosi (2013), “Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter passado tão digno de lembrar quanto o das pessoas ditas importantes” (p. 61). E, realmente, foi esse sentimento de se sentir importante, valorizado que os idosos mostraram ao externar seus sentimentos em relação a serem os sujeitos dessa pesquisa, conforme evidenciam os relatos a seguir.

Ah! Foi de vaidade.

É porque eu nunca fui entrevistada na minha vida e contar assim a minha história, a história da minha vida, eu fiquei feliz, foi bom pra mim, eu me senti bem. Não, não menti, falei só a verdade, não inventei nada, tá aí toda a verdade, minha vida foi essa daí e tô me sentindo bem. Tranquilo, porque sei que você é uma pessoa de confiança, e mesmo aí eu não tenho o que esconder porque eu não fiz nada errado. Não tem nada demais, o sofrimento, a gente tem, a vida é assim mesmo, cheia de

surpresas boas e surpresas ruins. E, também, é muito bom, é bom porque você vai ativando a memória, pensando no passado, revivendo tudo que você viveu, porque aí é coisa de quatro anos de idade, cinco, vem aquelas lembranças lá e é bom, pra mim é bom (ATENA, Entrevista 2015).

Entrevista, toda ela, que você entrevista ou que seja entrevistado, que seja uma reciprocidade é importante. A reciprocidade em qualquer comunicação, tratando-se de comunicação é importantíssimo, porque eu estou tendo conhecimento, levando conhecimento e fazendo com que alguém no futuro vá ouvir o que eu falei na entrevista, e as pessoas que forem ouvir possam galgar, isto é, conseguir alguma coisa para si e dizer isso valeu a pena, fulano disse isso, isso e isso e eu estou vendo aqui, escrito por uma pessoa tal, que essa palavra é realmente valorizada. Então é luz. E eu me senti privilegiado, para mim é um privilégio ser entrevistado, a entrevista não importa se duas palavras, se dez palavras, se um milhão de palavras, mas quem é entrevistado é um privilegiado, o entrevistado é muito mais privilegiado do que o entrevistador... Eu agradeço por tudo e meu tempo foi muito bem gasto e muito bem, é... eu não tenho palavras, eu estou satisfeito e quando precisar de mim, estou aqui (EROS, Entrevista 2015).

Assim como Eros, Morfeu mostra sentimento de gratidão.

... eu acho que isso, essa entrevista, é um espelho, mais ou menos, não um espelho em geral, mas um espelho rudimentar do que a pessoa é. E eu me senti muito grato, me senti muito grato mesmo, e lhe digo à senhora que estou à disposição qualquer hora que precisar de uma opinião, até, de assim, de servir assim, como é que se diz, servir de um instrumento para qualquer coisa, a senhora conta comigo para qualquer coisa, se precisar falar com uma pessoa, trocar uma ideia, estou à sua disposição (MORFEU, Entrevista 2015).

Embora eu tenha explicado para os participantes da pesquisa o objetivo da entrevista, Apolo revela não ter consciência do que vai importar a entrevista de que participou, mas se sente muito valorizado.

Eu não sei o que vai significar pra qui esta entrevista. Não sei o que vai significar. Eu me sinto satisfeito da senhora me convidar pra fazer a entrevista. Pra mim, estou sendo valorizado. Se eu não fosse valorizado, a senhora não ia me convidar pra fazer a entrevista. A senhora achou que eu mereço ser entrevistado, eu vim (APOLO, Entrevista 2015).

As entrevistas revelam a importância de participar deste trabalho para os sujeitos envolvidos e mais uma vez ressaltam a relevância de dar voz a sujeitos que na história oficial estão à margem, como afirma Chartier “... a história não pode ignorar os esforços que tratam de fazer desaparecer não apenas as vítimas, mas também a possibilidade de que suas experiências sejam lembradas [...] “a história nunca pode esquecer os direitos de uma memória que é uma insurgência contra a falsificação ou a negação do que foi.” (in ROCHA,

2011, p. 125). Dessa forma, acolher as memórias leitoras dos idosos e seu significado é uma forma de minimizar a intensidade das lacunas deixadas no decorrer da história.

4 APENAS UMA GOTA NO MAR DA MEMÓRIA... ARREMATANDO A INVESTIGAÇÃO

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Finalizar essa dissertação traz um sentimento ambíguo: primeiramente a sensação do dever cumprido, da satisfação, mas também o entendimento do quanto ainda há a responder e produzir sobre as histórias de leituras dos idosos. Pergunto-me quantas pesquisas caberiam nos relatos dos entrevistados e não saberia dizer porque a história de vida de cada um dos idosos, a relação que tiveram com a leitura nas diversas etapas de suas vidas, o papel da escola, entre outros, levam a diversos estudos e reflexões.

Mas é com entusiasmo que nessas palavras finais busco rever as questões, indagações norteadoras, retomar os objetivos da pesquisa, a metodologia percorrida e a análise dos dados. Antes, contudo, cabe salientiar a subjetividade desse trabalho, e as memórias trazidas por cada idoso são algo muito particular, algo sujeito a seleções e esquecimentos, o que torna intangível para o pesquisador chegar ao cerne de determinadas questões. A própria atividade da leitura é extremamente subjetiva e pode ser compreendida como fonte do saber, do prazer, da evasão, do refúgio, de formação do imaginário, entre outros.

Através da metodologia história de vida, busquei ouvir atentamente cada idoso e, embora tenha utilizado apenas um instrumento, a entrevista, acredito que esse instrumento tenha possibilitado atender aos objetivos pretendidos, pois pude identificar e registrar as lembranças dos idosos, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leitura; traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas; e perceber as implicações das memórias de leituras em suas vidas.

Não foi tarefa fácil registrar e selecionar os dados obtidos durante as entrevistas. Comungo com Bosi ao afirmar que “Muito mais que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas” (2013, p. 49). Por isso, através das categorias estabelecidas para análise dos dados, procurei não perder

o objetivo proposto, tendo em vista a amplitude das possibilidades que envolviam os relatos dos idosos. Minha maior dificuldade foi perceber as implicações das memórias de leituras implícitas nas histórias de vida de cada sujeito.

Os idosos entrevistados, ao rememorarem acontecimentos da infância, da juventude, reconstruíram suas memórias, inclusive as de leituras. Ao mapear as memórias de leituras dos sujeitos desta pesquisa, de modo interacional, foi reconstruída a história de vida de cada entrevistado envolvido, bem como a memória e a experiência leitora desses idosos, incorporando os sentidos que os mobilizaram a se envolver nas recordações.

Os resultados da pesquisa apontam o modo como a formação leitora desses idosos foi construída e como suas vidas foram marcadas por suas memórias de leitura. É o passado sendo escutado e resgatado, localizado dentro de um presente.

Constata-se também que as memórias aqui apresentadas correspondem àquelas que marcaram de forma significativa e afetiva a vida dos idosos e das idosas. Por isso, cada fragmento de memória comunicado contribui para a reconstrução da sua história de vida, pois quando o passado é reconstruído, é feita uma releitura, já que não é possível revivê-lo exatamente como foi antes.

A convivência entre pesquisadora e sujeito participante provoca, em ambos, modificações e, ao relatar o sentimento de participarem dessa pesquisa, fica evidente a importância da valorização das suas memórias de leituras para a vida desses idosos. Essa experiência lhes possibilitou encontrar o sabor da sabedoria em suas próprias vidas, mas fui, sem dúvida, a maior beneficiada desta pesquisa. Senti-me transformada, renovada. E digo, com todo orgulho, que apreciei o valor do envelhecimento. E para descobrir tudo isso, permiti que as histórias deles se mesclassem com a minha história, identificando a história de vida de idosos de diferentes contextos, resgatando suas experiências e memória de leitura. Descubro que o saber não vem dos conteúdos, o saber vem da vida. Levo comigo cinco experiências de vida e histórias de leitura. Elas têm um lugar especial e serão transformadas, completadas e apreciadas até enquanto eu existir.

Vejo o significado da minha pesquisa ao valorizar as memórias de leituras dos idosos e mostrar a importância dessas memórias para a história cultural e a da leitura, pois trabalho com uma parcela da população que, preconceituosamente, é desvalorizada - a terceira idade - e que já não tem utilidade perante a sociedade.

Assim espero que este estudo contribua para a troca de saberes entre estudantes e profissionais que atuam junto a este segmento populacional e que instigue a procura de conhecimento e, com isso, a conscientização de uma sociedade mais inclusiva.

Raras são as revelações de leitores comuns sobre suas histórias, assim, busquei destacar a importância de promover meios em que o idoso se sinta valorizado, em que resgate suas histórias, cultura, atividades, sentimentos, potencialidades e autoestima por meio da rememoração de suas histórias de leitura.

Tomando emprestado o sentimento que Madre Teresa de Calcutá, que traz a importância do fazer de cada pessoa ao dizer que o mar seria menor se lhe faltasse uma gota, é que finalizo minhas considerações com o sentimento de que este trabalho pode ser apenas uma gota no mar, mas os estudos relativos às memórias de leituras de idosos seriam menores sem minha pequena contribuição.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia, **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

AMORIM, Galeano (orga). **Retratos da Leitura no Brasil 1**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, Imprensa Oficial Governo do Estado de São Paulo, 2007.

ANDREWS, Garry A. Los desafíos del proceso de envejecimiento en las sociedades de hoy y del futuro. In: **Encuentro latinoamericano y caribeño sobre las personas de edad**, 1999, Santiago. Anais... Santiago: CELADE, 2000. p. 247- 256. (Seminarios y Conferencias - CEPAL, 2). Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfilidosos2000>. Acesso em: 24 maio. 2015.

AULETE, Caudas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. disponível em <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

BAHIA, **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BARBIERI, Natália Alves & BAPTISTA, Carolina Guimarães de. **Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

BESNOSIK, M.H.R **Encontros de Leitura: uma experiência partilhada com professores de zona rural da Bahia**. 169 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BIELEMANN, V. de L. M; SILVA, E. N. F; RADTKE, R. dos S. Valorizando a terceira idade: um relato de experiência. In: **Expressão Extensão**, Pelotas, vol. 4, nº. 1, p. 48-51, 1999.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

_____. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Política Nacional do Idoso**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/110060/politica-nacional-do-idoso-lei-8842-94>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

BRASIL. Lei nº 10.741, 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2015

BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CARDOSO, Silvia Helena. **Memória: O que é e como Melhorá-la**. Cérebro & Mente. Revista Eletrônica e Divulgação Científica em Neurociência. Número 1, 1997.

CARVALHO, José A. Magno de; ANDRADE, Flávia C. Drummond. Envejecimiento de la población brasileña: oportunidades y desafíos. In: **Encuentro Latinoamericano y Caribeño sobre las Personas de Edad**, 1999, Santiago. Anais. Santiago: CELADE, 2000. p. 81-102. (Seminarios y Conferencias – CEPAL). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfilidosos2000>. Acesso em: 24 maio. 2015.

CARVALHO, M. do C.B. de. **Programas e serviços de proteção e inclusão social dos idosos**. Brasília: Secretaria da Assistência Social/MPAS, 1998.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. As mutações do objeto livro: entrevista. São Paulo: **Linguasagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem da Folha de São Paulo**. Entrevista originalmente concedida para o site La Vie des Idées em 29 de setembro de 2008. Acesso em 20 de outubro de 2015.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber Envelhecer seguido de A Amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DARTON, Robert. História da Leitura, In BURKE, Peter, Org. **A escrita da história; novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1989.

DATASUS. **Departamento de Informática do SUS**. Disponível em: [<http://datasus.saude.gov.br/>](http://datasus.saude.gov.br/). Acesso em: 01 mai. 2015.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

DIAS, Alexandra Marinho. **O processo de envelhecimento humano e a saúde do idoso nas práticas curriculares do curso de fisioterapia da UNIVALI campus Itajaí**: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado – Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

BRASÍLIA. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

FAILLA, Zoara (orga). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, Imprensa Oficial Governo do Estado de São Paulo, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDSTEIN, Lucila L. **A produção científica brasileira na área da gerontologia**. Revista on-line, Biblioteca Prof. Joel Martins - v. 1, n. 1, out./1999. Disponível em: [<http://www.braperci.ufpr.br/>](http://www.braperci.ufpr.br/). Acesso em: 10 jun. 2015.

GOMES, Eliab Barbosa [et al]. **Projeto da Universidade Aberta à terceira Idade**. 1992.

GRÜN, Anselm, **A sublime arte de envelhecer**. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. SIDRA. **Censos Demográficos, 2000 e 2010**. Disponível em: <n >. Acesso em: 04 jun. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. (Série Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, Disponível em: [<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf.>](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf) Acesso em: 06 jun. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil - 2000**. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, número 9, Rio de Janeiro, 2002.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: [<http://www.ipea.gov.br/>](http://www.ipea.gov.br/). Acesso em: 01 jun. 2015.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

_____. **Oficinas de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 1998.

- _____. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 10 ed. Campinas: Pontes, 1992.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
- LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas - SP: Unicamp, 2013.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MASCARO, S. de A. **O que é velhice.** São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros Passos).
- Mendes, M.R.S.S.B.; Gusmão, J.L.; Faro, A.C.M.; Leite, R.C.B.O. **A situação social do idoso no Brasil:** uma breve consideração. Acta Paul Enferm.; vol.18, no.4, 2005.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer:** histórias, encontros, transformações. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- NETO, Miguel Sanches. **Herdando uma Biblioteca.** Rio de Janeiro. Record. 2004.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009, 2 edição.
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral** - A pesquisa como um experimento de igualdade. Revista Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n.15, abr., p. 13-19. 1997.
- Resenha - **A história da História Cultural, segundo Peter Burke.** Diogo da Silva Roiz. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, jul.-dez. 2007.
- Revista Alterosa.** Disponível em <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia>>. Acesso em: 10 jun. 2016
- ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Roger Chartier.** A força das representações: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- SANTOS, Silvana Sidney Costa. **Gerontologia à Luz da Complexidade de Edgar Morin.** Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental, vol. Especial, out, 2004. P-22-35. Disponível em <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol_e_1/rt02.pdf>. Acesso em 10 jun. 2015.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de envelhecer.** Organização: Franco Volpi. Tradução. Karina Jannini. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- SILVA, Irlana Jane Menos da. **Projeto Político-Pedagógico da Universidade Aberta à terceira Idade – UATI/UEFS.** 2011.

SOUZA, E. C. **A arte de contar e trocar experiências:** reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação. Educação em questão, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

VERAS, R. **Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso:** revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, n. 3, maio/jun. 2003.

UVO, R. T.; ZANATTA, M. de L. A.L. **O Ministério Público na defesa dos direitos do idoso.** A Terceira Idade, v.16, n.33, 2005.

WILSON, Chris. **O século à frente.** Dédalo, p. 5-8, Inverno 2006. Disponível em: <<http://www.amacad.org/publicações/winter2006/Wilson.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

WITTER, Geraldina Porto (orga.). **Envelhecimento.** Referenciais teóricos e pesquisas. Campinas: São Paulo: Editora Alínea, 2010.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Eu, Eliana Carlota Mota Marques Lima (pesquisadora responsável) e Profa. Maria Helena da Rocha Besnosik (professora orientadora da pesquisa) estamos convidando você a participar da pesquisa **Memórias de Leituras de Idosos da UATI/UEFS: Resignificando suas Histórias** do mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Este estudo tem como objetivo investigar as histórias de leitura dos idosos que participam da Oficina Memórias e Leituras da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana. Sua realização poderá contribuir para fortalecer o campo da história da leitura e da história cultural, como também possibilitará a visualização de sujeitos que não raramente vivem despercebidos pela família e pela sociedade. Os riscos que esta pesquisa traz são mínimos e podem estar relacionados com a possibilidade de constrangimento em falar sobre sua história de vida e a preocupação sobre os resultados da pesquisa. Para realização da pesquisa, os dados serão coletados através da entrevista narrativa. Se você consentir em participar do estudo, a entrevista será agendada de acordo com sua disponibilidade e gravada com sua permissão, em gravador de celular. As entrevistas serão copiadas para um CD-R ou pen-drive e apagadas do gravador logo em seguida. Caso a pesquisadora ou você perceba algum risco ou dano causado pela participação neste estudo, ele será interrompido imediatamente. Se você aceitar participar da pesquisa, sua participação não lhe trará nenhuma despesa ou benefício material, você será entrevistado em local que garanta a privacidade, livre da vista e escuta de outras pessoas, e seu anonimato será assegurado. Após a entrevista, você poderá solicitar ouvir a gravação e retirar e/ou acrescentar quaisquer informações. No momento em que você tiver necessidade de esclarecimento de dúvidas ou desistência da pesquisa, a pesquisadora responsável pode ser contactada pelos números (75) 3623-1673 ou (75)8101-8203. Esclarecemos que os resultados desta pesquisa serão utilizados apenas em eventos científicos, tais como congressos, simpósios, seminários, e publicados em revistas científicas, livros artigos. Caso você aceite participar da pesquisa, deverá assinar duas vias deste documento, sendo que uma ficará com você e a outra com as pesquisadoras.

Feira de Santana – BA, _____ de _____ de _____

Eliana Carlota Mota Marques Lima
Pesquisadora Responsável

Maria Helena da Rocha Besnosik
Profa. Orientadora da Pesquisa

Eu, (nome completo do pesquisado), após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expressei minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MESTRANDA: Eliana Carlota Mota Marques Lima

ENTREVISTADO: _____

OBJETIVO: Investigar as histórias de leitura dos idosos que participam da Oficina Memórias e Leituras da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana.

DADOS PESSOAIS	
Nome Completo	
Idade	
Sexo	
ESCOLARIDADE	
PROFISSÃO	
QUESTÕES RELACIONADAS À PESQUISA	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Conte sua história (onde nasceu, sua infância, adolescência, fase adulta, sobre sua família, profissão, trabalho, amigos, filhos, relacionamentos etc.). 2. Durante a infância, seus pais brincavam com você? Brincava com irmãos, primos, com outras pessoas da família, vizinhos etc.? Do que costumavam brincar? 3. Como foi seu processo inicial de escolarização? 4. Fale sobre o período escolar, sobre professores etc. 5. Como foi sua iniciação na leitura? 6. Você costumava ver pessoas lendo em sua casa? 7. O que costumava ler? 8. Você se considera leitor? 9. Como você se constituiu leitor? 10. Conte suas histórias de leitura ao longo da vida. 	

11. Quais memórias você traz das leituras realizadas ao longo da vida?
12. Você costuma recordar as leituras feitas? Essa recordação é importante para você? Em que sentido?
13. Tem lido atualmente? O quê?
14. Para você, qual a importância da leitura?
15. Fale sobre a(s) leitura(s) que mais marcou (marcaram) sua vida.
16. Quais as implicações das suas leituras ao longo da sua vida?

